

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

ALYSSA NUNES BRUSCATO COSTA

**ESPORTE, ALTERIDADE E IDENTIDADE NACIONAL: REPRESENTAÇÕES  
DO FUTEBOL AMERICANO NA IMPRENSA BRASILEIRA DA TERCEIRA  
REPÚBLICA**

PORTO ALEGRE

2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ALYSSA NUNES BRUSCATO COSTA

**ESPORTE, ALTERIDADE E IDENTIDADE NACIONAL: REPRESENTAÇÕES  
DO FUTEBOL AMERICANO NA IMPRENSA BRASILEIRA DA TERCEIRA  
REPÚBLICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul (PUCRS) como requisito parcial à obtenção do  
título de mestre em História.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Murari

Porto Alegre

2023

## Ficha Catalográfica

C837e Costa, Alyssa Nunes Bruscato Costa

Esporte, alteridade e identidade nacional : representações do futebol americano na imprensa brasileira da Terceira República / Alyssa Nunes Bruscato Costa Costa. – 2023.

119 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luciana Murari.

1. Futebol Americano. 2. Esporte. 3. Terceira República. 4. Identidade Nacional. 5. Representações. I. Murari, Luciana. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

ALYSSA NUNES BRUSCATO COSTA

**ESPORTE, ALTERIDADE E IDENTIDADE NACIONAL: REPRESENTAÇÕES  
DO FUTEBOL AMERICANO NA IMPRENSA BRASILEIRA DA TERCEIRA  
REPÚBLICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul (PUCRS) como requisito parcial à obtenção do  
título de mestre em História.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Murari (Orientadora) – PUCRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cíntia Régia Rodrigues – FURB

---

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS

Porto Alegre

2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a minha permanência na área acadêmica da História. Inicialmente aos meus pais, Rodrigo Bruscato Costa e Francine Nunes de Souza, que percorreram essa jornada comigo durante os meus anos de formação na PUCRS e aos professores que tive durante a minha vida universitária. A História sempre foi uma escolha que fiz quando tinha apenas onze anos de idade, todavia, ela foi impulsionada por dois agentes que me influenciaram na seleção. Ao meu tio, Robledo Bruscato Costa, professor de História que me levava para almoçar enquanto me explicava qualquer assunto da História que eu quisesse ouvir e ao escritor, Richard Russell Riordan Junior, da minha coleção de livros favorita, Percy Jackson e os Olimpianos.

O futebol americano adentrou minha vida no *Super Bowl XLVII*, em uma partida entre *Baltimore Ravens* e *San Francisco 49ers*, na qual escolhi o segundo time para torcer posteriormente. Depois dessa minha descoberta de um esporte que me cativou, incontáveis foram os dias que acompanhei grande parte das transmissões da ESPN da liga da NFL. Assisti a diversos jogadores que tornaram os jogos mais incríveis, especialmente Tom Brady, Colin Kaepernick, Aaron Rodgers, Peyton Manning, Drew Brees, Ben Roethlisberger, Russel Wilson, entre outros que trouxeram um diferencial ao esporte. À medida que o futebol americano é pouco explorado pelos historiadores brasileiros, executei a pesquisa pensando nessa especificidade.

## RESUMO

A partir do meu interesse pelo futebol americano, com consciência de quanto esse esporte é pouco explorado no Brasil pela historiografia nacional, realizei uma pesquisa inicial na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional a respeito de como ele foi historicamente visto no Brasil, tomando como base sua cobertura pela imprensa. Selecionei diversas passagens de reportagens e revistas dos jornais brasileiros que elucidavam opiniões, julgamentos, estereótipos, estranhamentos e preconceitos de um esporte que é sucesso nos Estados Unidos. Ademais, o contexto nacional e internacional contribuiu para o entendimento das análises esportivas de contraposição ou valorização da identidade nacional brasileira e estadunidense. Portanto, busco analisar as representações do futebol americano na imprensa brasileira entre o período que corresponde a Terceira República no Brasil, de novembro de 1945 à fevereiro de 1964, questionando-me como a representação do futebol americano nos jornais e nas revistas brasileiras refletiu o contraste entre as identidades nacionais brasileira e estadunidense, e como se relacionou com o debate político-ideológico do período. Observou-se, nas reportagens dos jornais do Brasil, os comentários direcionados ao esporte da bola oval que continham contrastes das identidades nacionais de ambos os países, além do antiamericanismo presente.

**Palavras-chave:** Futebol Americano; Esporte; Terceira República; Identidade Nacional; Representações; Político-ideológico;

## **ABSTRACT**

From my interest in American football, aware of how little this sport is explored in Brazil by national historiography, I carried out an initial research in the Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional about how it was historically seen in Brazil, based on its coverage by the press. I selected several passages of reports and magazines from Brazilian newspapers that elucidated opinions, judgments, stereotypes, strangeness and prejudices of a sport that is successful in the United States. Furthermore, the national and international context contributed to the understanding of sports analyzes of opposition or appreciation of Brazilian and American national identity. Therefore, I seek to analyze the representations of American football in the Brazilian press between the period corresponding to the Third Republic in Brazil, from November 1945 to February 1964, questioning myself how the representation of American football in Brazilian newspapers reflected the contrast between the Brazilian and US national identities, and how it related to the political-ideological debate of the period. It was observed in the Brazilian newspapers' reports, the comments directed to the sport of the oval ball that contained contrasts of the national identities of both countries, in addition to the anti-Americanism present.

**Keywords:** Football; Sport; Third Republic; National Identity; Representations; Political-ideological;

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAFC	All-America Football Conference
AFC	American Football Conference
APFA	American Professional Football Association
AFL	American Football League
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Atléticos
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
BNDE	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico do Brasil
BFA	Brasil Futebol Americano
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e Caribe
CGT	Comando Geral dos Trabalhadores
CIA	Central Intelligence Agency
CMBEU	Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico
CNTI	Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria
ECA	Economic Cooperation Act
EUA	Estados Unidos da América
FIFA	Federação Internacional de Futebol
JK	Juscelino Kubitschek
NCAA	National Collegiate Athletic Association
MLB	Major League Baseball
NBA	National Basketball Association
NFC	National Football Conference
NFL	National Football League
NHL	National Hockey League
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Pacto de Ação Conjunto
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
UDN	União Democrática Nacional

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. CONTEXTO HISTÓRICO E FUTEBOL AMERICANO .....</b>	<b>21</b>
2.1 CONTEXTO BRASILEIRO .....	21
2.2 CONTEXTO ESTADUNIDENSE.....	34
2.3 RUGBY: O AMIGO PRÓXIMO, ONDE TUDO COMEÇOU .....	45
2.4 DEFINIÇÃO DO FUTEBOL AMERICANO.....	51
2.5 FUNCIONAMENTO DO FUTEBOL AMERICANO .....	57
<b>3. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL .....</b>	<b>62</b>
3.1 ANTIAMERICANISMO .....	74
<b>4. IDENTIDADES EM CONTRASTE NA IMPRENSA BRASILEIRA .....</b>	<b>79</b>
4.1 REPORTAGENS ESPORTIVAS .....	79
4.2 UM ESPETÁCULO DE FUTEBOL AMERICANO NO BRASIL.....	89
4.3 ANALOGIA BÉLICA.....	99
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>112</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende analisar, a partir de uma pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, como o esporte do futebol americano era visto pela cobertura jornalística brasileira no período histórico que se estende entre novembro de 1945 a fevereiro de 1964, ademais, de que forma os comentários jornalísticos se relacionaram com o debate político-ideológico que perpassava o período. Como objetivo principal da dissertação, por meio de diversas análises de reportagens da época selecionada, questiono-me como os jornais e as revistas percebiam, analisavam e julgavam um dos esportes mais populares dos Estados Unidos e se essas representações do futebol americano nos jornais e nas revistas do Brasil refletiram o contraste entre as identidades nacionais brasileira e estadunidense. Com acréscimo do antiamericanismo presente nas reportagens, expressando as atitudes negativas em relação aos Estados Unidos, e a alteridade, conseqüentemente valorizando a identidade nacional do Brasil.

No capítulo 2, será feita a realização de uma pesquisa voltada ao contexto brasileiro e estadunidense para exemplificar o panorama histórico relevante e que permite identificar suas influências, ora negativas ora positivas, nos comentários jornalísticos brasileiros a respeito do futebol americano. Em seguida, há a contextualização do esporte da bola oval, desde as suas origens até o nosso recorte cronológico estipulado, e do funcionamento da modalidade esportiva. Nesse capítulo, serão utilizadas como principais referências os textos de Delgado e Ferreira (2020); Bandeira (2021); Ferreira (2019); Ferreira (2006); Curti (2017); Kassabian (2021).

Adentrando ao capítulo 3, é feita uma discussão sobre o futebol e das identidades nacionais, em sua convergência, pois essas duas dimensões não podem ser dissociadas. Em acréscimo, exploraremos o conceito de antiamericanismo, visando o auxílio desses três aspectos principais – futebol, identidade nacional e antiamericanismo – para a melhor evidência dos julgamentos dos jornais e das revistas brasileiras diante das percepções do futebol americano. Dentre as principais referências para a construção do capítulo estão os trabalhos de DaMatta (1981); Helal, Lovisola e Soares (2001); Anderson (1983); Chartier (1991); Thiesse (2001); Alabarces (2021); Katzenstein e Keohane (2007); Fares (2011).

A partir de uma pesquisa sobre citações do futebol americano na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, serão apresentadas diversas reportagens que elucidam as descrições do *football*, futebol americano, por jornais do Brasil. Acerca dos jornais e das

revistas nacionais, foram pesquisados: *A Cigarra*, *A Manhã*, *Correio da Manhã*, *Correio Paulistano*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal dos Sports*, *Manchete*, *Mundo Esportivo*, *O Cruzeiro*, *O Dia*, *O Estado de Florianópolis*, *O Jornal*, *Jornal da Semana*, *Jornal do Commercio*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*. Durante as reportagens, buscamos realçar o contraste feito pela imprensa brasileira da identidade nacional do Brasil e dos Estados Unidos, do antiamericanismo presente em relação a desconfiança do país frente aos estadunidenses. Em adição, ressaltaremos os comentários positivos e negativos sobre o futebol americano presentes nas reportagens, finalizando com analogias bélicas, que demonstram percepções sobre a essência do esporte mais popular dos Estados Unidos.

A escolha do contexto brasileiro abrange o país percebendo-se dentro de um país em vias de desenvolvimento e industrialização, e a discussão ideológica entre os Estados Unidos com o Brasil estava deveras presente naquele momento. O enfoque no contexto é o desenvolvimentismo, caracterizado como um fenômeno histórico ligado aos acontecimentos políticos e econômicos ocorridos na América Latina, em países periféricos do sistema capitalista, no século XX. Na década de 1930, já surgem traços dessas novas ideias desenvolvimentistas, como aponta Pedro Fonseca e Ivan Salomão, sobre a profundidade da crise associada com mudanças nas elites dirigentes em certos países da América Latina: “Criaram condições para que vários deles passassem a adotar políticas desenvolvimentistas, associadas à industrialização por substituição de importações.” (FONSECA; SALOMÃO, 2017, p. 5). Nota-se que as medidas almejavam ampliar a industrialização, o desenvolvimento econômico e o progresso político.

Na Terceira República, período que abrange os anos de 1945 a 1964, o Brasil passa a presenciar a inovação de um projeto nacional-desenvolvimentista, que por base, fundamenta-se na substituição de importações e no populismo político. Seu pioneiro, conhecido como protetor dos trabalhadores, foi o presidente Getúlio Vargas como grande autoridade política, que impulsionou políticas populistas que se originaram na Era Vargas e tiveram continuidade na Terceira República. Das ações que transformaram o Brasil, podemos citar feitos como construções de novas estradas, o surgimento de uma indústria ligada ao automobilismo, a inauguração de uma cidade voltada à representação de um dos maiores centros políticos que seria a inauguração da Capital Federal Brasília, a criação de uma indústria de base como a extração do petróleo, a valorização de temáticas

brasileiras na busca da preservação de valores, entre outros fatores que só impulsionaram a vida dos brasileiros.

Além das diversas alternâncias de poder que o Brasil apresentou entre os anos de 1945 a 1964, as crises econômicas e políticas eram aspectos principais para os inúmeros problemas de governança que resultavam no endividamento do país. Em acréscimo, o descontentamento dos trabalhadores brasileiros os transformou em agentes importantes para a eclosão das diferentes escolhas no quesito presidencial. Por exemplo, a Greve dos 400 mil ocorrida em 1957 em prol de uma política de anticarestia com reajustes salariais e a Greve dos 700 mil em 1963 com o acúmulo de 79 órgãos sindicais inconformados com as relações entre patrões e empregados. Grande parte das mobilizações brasileiras foram devido a figura de Getúlio Vargas, que ascendeu novamente a presidência, desta vez estimulando e despertando nos trabalhadores o apoio popular. De acordo com a historiadora Angela de Castro Gomes: “Getúlio Vargas, é, com toda a certeza, senão o maior, um dos maiores da história republicana do Brasil.”. (GOMES, 2013, p. 29)

Ao voltar-se para o contexto dos Estados Unidos, há o conflito do pós-guerra marcado por inúmeras conferências em proveito da melhor reestruturação dos países envolvidos e na delimitação de tratados que objetivam a paz. Nota-se que os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial como a nação mais poderosa, além das poucas baixas e devastações que sofreram comparados ao polo opositor, a União Soviética. A Guerra Fria perpetuou entre os anos de 1947 a 1991, apresentando tensões políticas entre os dois grandes antagonistas mundiais, os soviéticos e os estadunidenses. É pertinente ressaltar que nesse período ocorreu uma política nos Estados Unidos que zelava pela luta anticomunista nos países aliados, a qual auxiliava os territórios ameaçados pelo regime opositor. Servindo com financiamento de equipamentos militares, treinamento para os soldados e diversos empréstimos no país, os estadunidenses engajaram-se em barrar o comunismo nas nações de Terceiro Mundo de acordo com Bandeira (2021).

As relações entre os Estados Unidos e o Brasil foram importantes para ambos os lados, com a criação da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos em meados de 1951, houve a possibilidade de aspectos que necessitavam de fortificações serem vistos pelos dois países. No lado estadunidense como exemplifica Bandeira (2021), o auxílio aos brasileiros permitiu a exploração de materiais estratégicos para os Estados Unidos, além de financiamentos buscando se fortificar economicamente e do combate ao comunismo. No lado brasileiro, o presidente Getúlio Vargas encaminhava-se para projetos

desenvolvimentistas e a obtenção de recursos econômicos para gerenciar o país, visando construções de obras públicas e a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Durante grande parte do período, a preocupação dos governantes era direcionada a superação das dependências econômicas, até pelo aumento exacerbado do déficit público decorrido na década de 1950. Em relação aos Estados Unidos, a preservação do sistema capitalista era primordial.

O conceito de cultura é alicerce necessário à compreensão geral das análises esportivas de jornais e revistas da época selecionada. De acordo com Cuche (1999), o homem é um ser essencialmente de cultura, pois se adapta ao meio ambiente e o meio ambiente ao homem. Para a exemplificação do conceito, tomando a cultura como um instrumento condizente com o descrédito das explicações naturalizantes dos comportamentos humanos, a diferença de sexo em uma sociedade não pode ser aprofundada em seu estado natural. Isso porque a cultura passa a se apropriar de uma divisão sexual dos papéis que os homens e as mulheres devem exercer e das tarefas associadas a determinadas sexualidades resultantes da existência de uma cultura em uma comunidade. Portanto, diante as análises de Cuche (1999), nada é puramente natural do homem, mesmo as necessidades fisiológicas são respondidas de acordo com os comportamentos orientados pela cultura. Segundo Cuche (1999, p. 78): “De certo modo, cada cultura oferece aos indivíduos um ‘esquema’ inconsciente para todas as atividades da vida.”

É pertinente ressaltar que o conceito de cultura se refere a diversos conjuntos de interesses e fenômenos que são explorados por estudiosos de inúmeras disciplinas, almejando a ampliação da reflexão sobre ele, como a sociologia, a antropologia, a história, a economia e a literatura principalmente. Essas áreas apresentam variadas opiniões que divergem ou dialogam entre si. Ao deparar-se com a argumentação de Franz Boas, Cuche afirma (1999, p. 45): “Cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira.”. Por conseqüente, este “estilo” de cultura acrescenta algo próprio ao comportamento humano. Todavia, qualquer indivíduo, sendo este considerado singular e com aptidão para criatividade, pode contribuir para a modificação de sua cultura e de sua personalidade básica, defende Cuche (1999). Estas variações individuais, marcadas por uma interiorização e vivência, constituem uma personalidade básica que evidencia a evolução interna de uma cultura.

Diante a multiplicidade de interpretações do conceito de cultura e de seu uso pelas diversas disciplinas acadêmicas, segundo Canedo (2009), há três concepções fundamentais para a construção do termo cultura: modos de vida que caracterizam uma coletividade; obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; fator de desenvolvimento humano. A primeira abrange um sistema de signos e significados criados por grupos sociais, ligadas às interações sociais dos indivíduos que produzem seus modos de pensar e sentir, ocasionando a construção de seus valores. A segunda define a noção de cultura de uma forma mais restrita, apontando as obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento, na visão econômica. A terceira ressalta o papel que a cultura pode assumir como fator de desenvolvimento social, por exemplo, por meio de atividades culturais socioeducativas e auxílio ao enfrentamento de problemas sociais. Assegura Canedo (2009, p. 8): “A cultura possui caráter transversal, pois perpassa diferentes campos da vida cotidiana. Além disso, o termo utilizado em áreas multidisciplinares de conhecimento, o que amplia o leque de possibilidades de compreensão da cultura.”.

No que concerne ao conceito de representações, por Chartier (1990), é entendido como percepções do mundo real. As representações são vistas como variadas formas adquiridas pelas posições dos grupos ou classes sociais. Entretanto, não são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as constroem. Por isso, a ideia de Chartier (1990) de que as representações não são discursos neutros é adotada pelo autor em grande parte de suas reflexões, em virtude da produção de estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma deferência ou a legitimação de escolhas. Expõe Chartier (1990, p. 17): “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta se impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e seu domínio.”.

Carvalho (2005), por sua vez, assevera que as representações não se opõem ao real, elas são formadas por variadas determinações sociais que se tornam matrizes de classificação e ordenação do mundo social, sendo, assim, do próprio real. Por exemplo, como forma de representação em um objeto, conceito ou pessoa ausente, há um plano de substituição por uma imagem capaz de representá-la adequadamente como uma efígie de mármore colocada no lugar de um rei morto em seu leito funerário para perpetuar sua presença imortal, exprime o autor. Contudo, para o sucesso desse processo, o referente e a sua imagem precisam se identificar, a aparência deve ser frisada pelo ser substituto. Ao

analisarmos uma representação, existe um espaço de interpretação dos seus significados, caracterizado como pluralidade de leituras.

Introduzindo o conceito de nação para o entendimento geral de diversos aspectos da dissertação, define Anderson (1983) que a nação seria uma comunidade política imaginada e imaginada sendo intrinsecamente limitada e em acréscimo, soberana. Por ser imaginada, define-se que os membros das menores nações jamais conhecerão a totalidade de seus companheiros, embora saibam da existência do desconhecido e a afirmação da comunhão entre eles. Qualquer comunidade considerada maior que a aldeia primordial é imaginada, com sua diferenciação pelo estilo que são imaginadas, assegura Anderson (1983). O caráter limitado de uma nação aponta sua finitude territorial e o caráter soberano corresponde as ideias do período do Iluminismo, de 1665 a 1815, onde estava ocorrendo a destruição da legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina, sendo associado a garantia do Estado Soberano. Disserta Anderson (1983):

E, por último, ela é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, tantos milhões de pessoas tenham-se não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas. (ANDERSON, 1983, p. 34)

Apresentando o conceito de alteridade, inicia-se pela designação em sua definição etimológica como o “outro”, podendo indicar o “outro” como não humano, ocorrendo uma pluralidade ou diversidade se afirmando em um horizonte plural a partir da igualdade ou identidade de contraposição, estipula Neves (2017). Apesar das variações do conceito de alteridade durante séculos, a ideia principal concerne segundo Neves (2017, p. 80): “A ideia de existência de outros para além do eu encontra-se distante no tempo, mas sempre enunciada a partir do eu e opondo-se-lhe, numa conceptualização próxima, afinal, da sua originária definição etimológica.” Sendo explicada como a eticidade da relação entre o “eu” e o “outro” na sua recíproca constituição. Sendo a alteridade o contrário de identidade, com a percepção das diferenças, todo sentido de identidade implica em uma forma na identificação do outro caracterizado como diferente e todo sentido de alteridade depende da definição de um grupo de iguais.

A escolha do futebol americano como objeto de pesquisa deve-se a popularidade adquirida ao longo das últimas décadas pelo esporte, além do aumento das transmissões dos jogos da liga da NFL, *National Football League*, no Brasil. Portanto, essa

disseminação da cultura estadunidense se deve ao aumento da contratação dos jogos pelas emissoras brasileiras de televisão quando houve a preocupação e a dedicação dos canais em variar seus programas, além de apresentarem a cultura de outros países para a audiência esportiva. O evento do *Super Bowl*, durante anos, foi o principal pioneiro para a conquista de mais torcedores no futebol americano em diferentes países, sendo o principal agente de altas audiências da liga esportiva no ano, de acordo com Curti (2017). Essa partida que ocorre todos os anos desde 1966 é uma espécie de reunião dos dois melhores times da temporada para a definição do campeão do ano.

No Brasil, atualmente, há campeonatos regionais e nacionais de futebol americano com diversos times, tais como Porto Alegre Pumpkins, Santa Maria Soldiers, Botafogo Challengers, Corinthians Steamrollers, Palmeiras Locomotives, São Paulo Storm, Juventude FA, Vasco da Gama Patriotas FA, Flamengo Imperadores, Recife Horses, Curitiba Crocodiles, Galo FA, Manaus Raptors, Leões de Judá, MAC Tupinambás, Goiânia Rednecks e muitos outros. A popularidade desse esporte no país pode ser comprovada pelas altas audiências das emissoras de televisão, dados de redes sociais ligadas ao futebol americano e pelos inúmeros times esportivos que foram criados no território brasileiro. Segundo o comentarista esportivo da ESPN, Antony Curti, em seu livro *Manual do Futebol Americano* (2017):

A página da NFL no Facebook é curtida por mais de 1 milhão de brasileiros. O Super Bowl – final da NFL – foi assistido por mais de 1 milhão de pessoas em fevereiro de 2017 no Brasil e a ESPN liderou a audiência na TV a cabo. No Brasil, são mais de 100 times equipados (com capacete, proteção de ombros etc.), distribuídos nas principais cidades e vários campeonatos regionais ou nacionais. (CURTI, 2017, p. 28)

É possível notar que a manifestação da cultura estadunidense ocorre cada vez mais no Brasil pelo aumento da audiência dos canais esportivos que apresentam o esporte da bola oval e pela criação de inúmeras equipes voltadas ao futebol americano, além da possibilidade pequena de jogadores brasileiros integrarem os grandes clubes esportivos da NFL. No Brasil, há o equivalente mais próximo da *National Football League* com a liga Brasil Futebol Americano (BFA), sendo esta uma associação de equipes brasileiras que organizam um campeonato nacional de futebol americano. Para a contribuição da experiência de uma partida do esporte originário dos ingleses, o mais acessível financeiramente para a população do Brasil são os jogos em diversas cidades dos times que compõem a BFA. Deve se atentar que na medida que o esporte afirma-se no território

brasileiro, com grandes jogadores e audiência significativa, existe a possibilidade da bola oval adentrar as escolas brasileiras e os ambientes acadêmicos.

Visando realizar um estudo abrangendo o futebol americano no Brasil, deparamo-nos com dificuldades pela escassez de fontes na historiografia brasileira. Por isso, quando exploramos o universo do futebol pelos olhares de grandes historiadores, comparamos as análises com o futebol americano. Partindo da hipótese de que o futebol brasileiro expressa a identidade nacional brasileira, o futebol americano expressaria a identidade nacional estadunidense. É fundamental ressaltar que, ao criar um coletivo, sendo o futebol um ritual e um momento de lazer, há o despertar de um sentimento de união nacional na população. Por meio de interesses e de uma identidade em comum, os sujeitos passam a ser inseridos dentro de uma identidade cultural não estática e permanente. Logo, a identidade cultural é construída, manipulada e politizada segundo as ideias de Thiesse (2001).

A pesquisa feita na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional sobre reportagens em que constassem a palavra-chave “futebol americano” gerou uma coletânea excepcional, contendo comentários jornalísticos carregados de desconhecimento, estranhamento, admiração, empolgação, comparação e preconceito, especialmente pelos jornais brasileiros que veiculavam com notícias do esporte. Um dos momentos mais enriquecedores para a dissertação encontra-se no ano de 1954, quando há o primeiro espetáculo no solo brasileiro de futebol americano, potencial desencadeador de incontáveis reportagens que explanavam as opiniões diversas frente a um esporte por muitas vezes considerado bruto, violento, sem sentido, sem estratégia e insípido. Como assegura a reportagem do jornal *A Noite* do Rio de Janeiro sobre o evento esportivo:

De oito em oito minutos para o jogo, para que os “cadáveres” sejam retirados de campo e, os “feridos”, emendados ou jogados fora... No fim, dificilmente se compreende porque é que uns homens daquele tamanho, perdem tempo com tanta bobagem, e sai-se de campo imaginando se aquilo é esporte mesmo ou modo de certa maneira elegante de “matar o tempo” e os adversários. (*O Rugby*,..., 1954, p. 7)

Nem sempre as notícias são pejorativas perante os estrangeiros, todavia, a maioria coleciona opiniões fortíssimas sobre o esporte originário dos ingleses. É válido se atentar que o futebol americano é um esporte complexo que apresenta uma estrutura diferenciada de jogo com inúmeras táticas e regras que visam o bem-estar dos jogadores. É inevitável a afirmação que o esporte é de contato, assim como o *soccer* com o qual os brasileiros estão familiarizados, podendo abrir brechas para contusões e acidentes graves pelos

choques entre os praticantes. Contudo, o futebol americano permite em sua legalidade o uso das partes de cima do corpo para a contenção do avanço inimigo, contribuindo na visão dos desinformados de um emaranhado de homens colidindo entre si por uma bola oval. Comparando com o futebol do Brasil, um jornalista paulista do *Mundo Esportivo* ao explicar a rodada da semana do futebol brasileiro: “Domingos julgou estar jogando futebol americano. Quando superado por Pinga, aos seus pés ou agarrava-lo pela camisa. Isto para não se falar nos trancos violentos que seguidamente desferiu.” (QUADRO, 1952, p. 11)

As insinuações das reportagens retratam em sua essência o estranhamento a um dos esportes mais populares dos Estados Unidos. Nessa questão, a cultura e as tradições estadunidenses não são compreendidas em grande parte pelos brasileiros quando há a oportunidade de presenciarem um espetáculo de futebol americano. O conhecimento escasso dos jornalistas do Brasil é devido ao desconhecimento do funcionamento, das regras e da cultura do esporte estrangeiro que não fornece transmissões para essa parte da América. Portanto, diante o nosso recorte cronológico de novembro de 1945 até fevereiro de 1964, há o contexto desenvolvimentista, as alternâncias presidenciais, os movimentos grevistas e o futebol fortemente assíduo no dia a dia dos brasileiros. Esses aspectos permitiram os diversos comentários em reportagens da época em que a população brasileira teve a oportunidade de presenciar o esporte e nas opiniões infundáveis a respeito da cultura esportiva estrangeira.

O ano de 1954 no Brasil concedeu à população brasileira um pequeno vislumbre do que seria uma partida de futebol americano para os estadunidenses. No convite feito aos universitários da *Jackson High School* de Miami localizada no Estado da Flórida, patrocinados pela *Rádio Bandeirantes*, houve a comemoração do IV Centenário de São Paulo com uma exposição esportiva nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A cerimônia era composta pela banda da universidade, com seus instrumentos e suas dançarinas, e uma clássica partida do *football* da bola oval nos estádios brasileiros. Nesses eventos esportivos, ocorrem a oportunidade do conhecimento da cultura dos Estados Unidos e de suas tradições por meio de um esporte totalmente desconhecido no Brasil, em adição, os comentários feitos pelos jornalistas de grandes jornais como *Diário da Noite*, *Correio do Amanhã*, *Jornal do Commercio*, *Diário de Notícias*, *Última Hora*, entre outros, possibilitaram o material para a análise da dissertação.

Pelas matérias diversas geradas pelo decorrer do evento esportivo no Brasil, há o enriquecimento da pesquisa acerca das percepções jornalísticas inseridas em um contexto com inúmeras mudanças presidenciais e ao estranhamento do estrangeiro, principalmente o antiamericanismo. Os brasileiros estavam habituados na época com a falta de conhecimento e visibilidade do esporte da bola oval, somente familiarizados com o esporte da bola redonda que era jogado nas ruas dos bairros. A facilidade da execução do *soccer* tornou a modalidade mais popular pela possibilidade que todos os indivíduos tenham condições financeiras para a participação no esporte, ponto que o futebol americano dificulta pela necessidade da compra de materiais caros que asseguram a proteção dos jogadores quando existe um contato corpo a corpo maior. Portanto, nas explicações sobre a importância do futebol para a cultura de um país e de sua identidade nacional, podemos associar que o que se fala a respeito do *soccer*, se fala comparativamente do *football*.

Para a compreensão dos posicionamentos esportivos nas reportagens jornalísticas brasileiras, a questão das identidades nacionais posta em questão pela valorização que ocorre ao distanciar-se do outro, o estrangeiro, e supervalorizar o eu da ação. Evidencia-se claramente que perante um contexto histórico brasileiro de valorização do nacional, da cultura, do futebol brasileiro, das transformações econômicas, das políticas desenvolvimentistas, das conquistas que a população adquire durante o período estudado, entre outros fatores que trazem o Brasil para o primeiro plano de valorização do nacional, o futebol americano passa a ser julgado em grande parte pejorativamente pelos leitores dos jornais. Uma das notícias mais interessantes e carregadas de um forte apelo a valorização intrínseca da identidade nacional brasileira encontra-se na reportagem “As orelhas”, publicado no jornal *Diário Carioca* no ano de 1954, onde há a apresentação de uma partida de futebol americano no Brasil:

Qualquer imbecil pode ver com absoluta segurança a diferença que vai do futebol da gente para o futebol dos americanos. É tão simples! No futebol da gente, nós jogamos com uma bola; no futebol deles, eles jogam com uma mortadela inteirinha. No futebol da gente, nós entramos em campo com uma faca escondida dentro do calção; no futebol deles, eles entram em campo de metralhadora em punho e duas pistolas de cada lado. No futebol da gente, só passa a bola, fica o homem; no futebol deles, ficam o homem e a mortadela embaixo do homem com todo mundo em cima. (AS ORELHAS, 1954, p. 10)

É possível notar claramente que a notícia apresenta um linguajar de calão, com comparações que tendem a definir os brasileiros como menos violentos que os estadunidenses, no estranhamento a cultura deles, no distanciamento perante o

entendimento da cultura estrangeira no esporte e outros aspectos, demonstrando sempre a possível civilidade brasileira perante os violentos jogadores dos Estados Unidos. Há um forte apelo na postura brasileira durante a notícia voltar-se a valorização do nacional, sempre frisando pela escolha de um lado quando trata-se sobre “do futebol da gente” para o “futebol deles”. Destaca-se que os estadunidenses são violentos e desorganizados, sempre se atacando e sem estratégia alguma durante os jogos. Em relação ao nosso, há uma leveza ao entrar dentro das quadras, como se os jogadores quase fossem pacíficos e que as colisões que ocorreram durante o tempo inteiro, da partida de futebol americano, no futebol brasileiro são amenas e compostas pela utilização dos dribles.

Dessa forma, o enfoque da dissertação concentra-se na análise das reportagens escritas durante o período histórico brasileiro que abrange desde novembro de 1945 até fevereiro de 1964, conhecido como a Terceira República, com o contexto internacional perpassando as opiniões e os julgamentos dos jornalistas do Brasil. A valorização da identidade nacional brasileira, como os brasileiros sendo postos em primeiro lugar no quesito cultural e os estadunidenses vindo posteriormente com sua cultura estranha aos olhares em questão, permitem o questionamento de como a representação do futebol americano nos jornais brasileiros refletiu o contraste entre as identidades nacionais brasileiras e estadunidenses, além de como se relacionou os comentários esportivos com o debate político-ideológico do período.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO E FUTEBOL AMERICANO

### 2.1 CONTEXTO BRASILEIRO

Passando para o cenário brasileiro, há a escolha da Terceira República que se entende desde novembro de 1945 até fevereiro de 1964. No início do ano de 1945 o mandato presidencial de Getúlio Vargas estava sendo ameaçado pelas forças opositoras, resultando em um apoio ao presidente pelos que se beneficiavam de seus projetos políticos anteriores voltados a conquista dos trabalhadores. Como exemplificam Delgado e Ferreira (2020), os beneficiários das legislações trabalhistas, refletidas desde os anos de 1930, executam diversos atos que entram no denominado movimento queremista brasileiro, respectivamente o ato de querer Getúlio Vargas no poder. A massa de trabalhadores que enalteciam além de um mito deparou-se com comentários nas rádios, nas televisões e nos jornais contrários ao presidente vigente, exercendo consecutivamente um conjunto de manifestações e conseqüentemente formando o “queremismo” no Brasil.

O denominado “queremismo” por Delgado e Ferreira (2020), é marcado como um conjunto de manifestações populares diante à oposição e insultos a Getúlio Vargas, passou a ser um movimento mais sólido, ocasionando na fundação do Comitê Pró-Candidatura Getúlio Vargas do Distrito Federal. Nesse aglomerado, ascendiam núcleos, comitês de bairros, abaixo-assinados, declarações solidárias e comícios relâmpagos a favor da continuidade do presidente. Dentre as atuações do movimento, as mais oportunas foram as interrupções aos comícios da União Democrática Nacional, opositora ao Presidente. Nesse mesmo período, há a criação de inúmeros partidos nacionais resultantes da Lei Agamenon<sup>1</sup>, que por exemplo, criou-se em 7 de abril de 1945 a União Democrática Nacional (UDN) que em sua composição apresentava inúmeros grupos políticos heterogêneos com o objetivo em comum de se opor a figura de Getúlio Vargas. Dentre os participantes da UDN, nomes como Borges de Medeiros, Arthur Bernardes, Júlio Prestes, Prado Kelly, Otávio Mangabeira, Adhemar de Barros, Osvaldo Aranha, Evaristo de Moraes Filho, Isidoro Dias Lopes, Graciliano Ramos, entre outros que buscavam em sua maioria o fim do Estado Novo, o término da democratização do país e o combate ao mandato vigente.

---

<sup>1</sup> A Lei Agamenon é como ficou conhecida como Decreto-Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945, que recriou a Justiça Eleitoral no Brasil, regulando em todo país o alistamento eleitoral e as eleições. Em seguida, foi introduzida na legislação eleitoral brasileira a exigência de organização em bases nacionais para o registro de partidos políticos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Nos primeiros meses de 1945, perante a candidatura de Eduardo Gomes à presidência da República no final de 1944, surgiu a fundação do Partido Social Democrático (PSD) com viés conservador e preferencialmente composto pela população rural do país. O partido forneceu espaço para a sobrevivência das elites políticas que atuaram no Estado Novo para a democracia representativa. Por seguinte, em 15 de maio de 1945, surgiu o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) que privilegiava os trabalhadores urbanos na busca da garantia dos direitos sociais. Ambos os partidos, ressalta Delgado e Ferreira (2020), defendiam a intervenção do Estado na economia e a manutenção das leis sociais. Ressaltando ainda que Getúlio Vargas tornou-se presidente de honra do PTB e posteriormente foi indicado para a mesma homenagem no PSD, na qual não exerceu a função.

É fundamental realçar que havia um processo de transição democrática em pauta nos anos de 1944 e 1945, com o fim da censura à imprensa, a fixação do calendário eleitoral, a anistia aos presos políticos, a formação de diversos partidos políticos, a adesão da campanha eleitoral nas ruas e outros fatores que demonstraram as rupturas para o consecutivo projeto político, defende Bandeira (2021) que houve a passagem de uma ditadura de um Estado Novo para um regime de democracia-liberal. Em relação aos partidos, antes do comício pró-Vargas, o PSD substituiu sua propaganda eleitoral de apoio a Eurico Gaspar Dutra por Getúlio Vargas e o partido PCB declarou seu apoio assumindo o lema “Constituinte com Getúlio”. Nota-se que a figura presidencial estava tornando-se ainda mais importante, com o apreço popular cada vez mais alta.

Essa admiração e esse apoio a Getúlio Vargas geraram aglomerações em diversos lugares do país, dentre eles, em 20 de agosto foi realizado o primeiro comício queremista no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, onde milhares de pessoas assistiram aos oradores pedindo pela continuidade do governo varguista no poder. Direcionaram-se até o Palácio Guanabara para ouvir o presidente, que respondeu prontamente da necessidade que tinha de descansar do cargo. No final de agosto como expõem Delgado e Ferreira (2020), nos jornais estavam estampados diversas publicações e telegramas pedindo a permanência do presidente no poder e que não fosse recusada a candidatura que estava-lhe sendo oferecida pelo povo.

No prosseguimento dos atos queremistas, no fim de agosto, os apoiadores do movimento em defesa do governo varguista organizaram o “Dia do Fico” que abarcaria uma passeata antes do prazo final da inscrição de candidaturas. O lema que carregavam

consigo era “A solução é a Constituinte” proposta por Luís Carlos Prestes em meio a um cenário que muitos queriam a Constituinte por Getúlio Vargas, mostrando o almejo dos quereristas na institucionalização da política diante da Assembleia Nacional Constituinte. A respeito do Dia do Fico pelos historiadores Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado em seu livro *O Brasil Republicano* (2020):

Na última semana de agosto, os quereristas se dedicaram à organização do segundo comício, intitulado o “dia do fico”. No Rio de Janeiro, as ruas foram tomadas por cartazes, panfletos e comunicações anunciando o evento. Marcada para o dia 30 no Largo da Carioca, a manifestação terminaria com a “marcha luminosa”, nome dado à passeata até a sede do governo. Tanto o comício como a passeata seriam transmitidos por uma cadeia de rádios – 58 no total –, permitindo que a população do Distrito Federal, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Manaus, Natal e Fortaleza acompanhassem as manifestações. (DELGADO; FERREIRA, 2020, p. 25)

Atenta-se que o movimento quererista no Brasil obteve inúmeras adesões pelo sucesso que recebera na execução de seus atos, ressaltando que sem o suporte ideológico do trabalhismo, não teria a proporção que tomara. O ato de querer Getúlio Vargas na governança englobava em grande parte o rejeito das condições trabalhistas anteriores a 1930 onde a população passava por um processo exploratório nas condições trabalhistas. Anteriormente, os trabalhadores não tinham estabilidade, férias, segurança, entre outros fatores que passaram a ter com os atos políticos de Getúlio Vargas. Segundo a análise dos historiadores especializados na história republicana brasileira, Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado:

As manifestações de gratidão e reconhecimento se repetiam muitas vezes nas páginas dos jornais. Afonso Salatino e mais 27 companheiros, todos da cidade de São Paulo, afirmaram que “a gente quer Getúlio porque Getúlio nos deu leis boas”. Pedro T. Silva, expressando os sentimentos de 172 ferroviários de Santos, declarou que eles são “agradecidos pelos benefícios recebidos do Benemérito Governo de V. Excia. E manifestam “gratidão ao seu benfeitor”. José A. Resende, de Ribeirão Preto, escreveu que “humilde trabalhador votará em vosso nome em pagamento da dívida de gratidão ao grande benemérito do Brasil. (DELGADO; FERREIRA, 2020, p. 29)

É notório que os trabalhadores não somente valorizavam as mudanças no cenário trabalhista, como se sentiam em débito com a figura de Getúlio Vargas. A própria imagem do proletariado foi alterada nesse período, anteriormente vistos como bagunceiros, analfabetos e bêbados, passaram a vislumbrar um espaço na sociedade com mais dignidade e honra. Além do fato, da visibilidade que o presidente proporcionou aos trabalhadores e a acessibilidade perante o governo, com inúmeras aparições presidenciais com discursos calorosos e considerados dignos pela população brasileira da época. Ao se

aproximar do povo, Getúlio Vargas se aproximou da preferência dos brasileiros na escolha política. Essa animosidade dos assalariados mostrou a indignação perante as condições trabalhistas passadas e aos atos políticos anteriores não favoráveis aos trabalhadores. Para os queremistas, somente escrevendo as leis sociais em uma Constituição, os trabalhadores estariam em segurança exercendo sua cidadania social e sua política com tranquilidade. Logo, defender e suplicar pelo espaço político de Getúlio Vargas tornou-se uma escolha política em benefício dos assalariados.

Ao explorarmos a oposição presidencial do ano de 1945, fica evidente o descontentamento pela conquista dos trabalhadores no âmbito político, logo, tornou-se quase inviável a vitória da população contrária diante do processo que estava sendo feito da construção da imagem do governo varguista como próximo dos trabalhadores. Aproximando-se do dia final para as eleições, o eleitorado não conseguia mobilizar a população trabalhista, e se aproveitando dessas dificuldades, os queremistas organizaram em 3 de outubro um comício, caracterizado de “dia V”, mais conhecido como Dia da Vitória. Diferente dos outros comícios, este seria ampliado em território nacional pelo maior alcance das vontades queremistas. Calculam-se que estavam presentes no Largo Carioca cerca de 80 a 100 mil pessoas, em São Paulo aproximadamente 200 mil a 250 mil e nas outras capitais como Recife, Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte, outras milhares como apontam Delgado e Ferreira (2020).

Emissoras de rádio transmitiam por todo país a “marcha luminosa” a favor de Getúlio Vargas. Diante a análise dos discursos dos manifestantes por Ferreira (2019), foram abordados temas como, as exigências que a nação brasileira seria representada pelo povo, que queria eleições em 2 de dezembro, que compusessem a Assembleia Nacional Constituinte para organização da vida política do país e que houvesse uma nova Constituição com o presidente da República procedendo então uma convocação imediata do seu ministério. Após o sucesso em chamar atenção das manifestações, foi realizado outro comício em 13 de outubro com a presença de comunistas e socialistas que também deram seu apoio à causa queremista.

O movimento, que alcançou um alto grau de organização, não deveria ser desmobilizado. O PTB seria o desaguadouro natural. Assim, nesse momento, um processo bastante complexo estava ocorrendo: um conjunto de ideias, crenças e atitudes coletivas – o trabalhismo como projeto político, o getulismo como a sua personalização e o queremismo como movimento social, termos até então sinônimos e intercambiáveis – estava se institucionalizando em um partido político, o PTB. (FERREIRA, 2019, p. 37)

Todavia, em 29 de outubro de 1945, Getúlio Vargas foi deposto por meio de um golpe militar. Apesar das manobras políticas feitas pelo presidente para que continuasse no poder, a gota d'água de seu governo foi quando nomeou seu irmão Benjamim Vargas para o cargo de chefe de polícia do Distrito Federal. Por seguinte, os militares entregaram o poder ao ministro José Linhares do Tribunal Federal com a promessa das eleições presidenciais em dezembro. O candidato que parecia promissor para a vitória na época era Eduardo Gomes da UDN, contudo, em um discurso concedido para a população, houve uma má interpretação de suas palavras quando chamou o povo brasileiro de *malta*, explanado como *marmiteiros*. Como assegura o historiador Jorge Ferreira no seu livro *A democracia no Brasil: (1945-1964)* sobre uma situação que gerou antipatia dos trabalhadores brasileiros de baixa renda: “No dia seguinte, Borghi acionou uma cadeia de 150 rádios. Sem meias-palavras, acusou o brigadeiro de ser o candidato dos ricos e dos exploradores do povo, uma vez que desprezava o voto dos marmiteiros, dos trabalhadores que lutavam com dificuldade.” (FERREIRA, 2006, p. 21)

Com o apoio de Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra torna-se presidente com 55% dos votos populares, executando subsequente a promulgação de uma nova Constituição pela Assembleia Nacional. Nela, houve o distanciamento de uma descentralização política da Primeira República, a conservação de uma legislação corporativista e conseqüentemente a pluralidade de partidos políticos coexistiu com as unidades sindicais. O governo do presidente pode ser considerado como conservador e a respeito dos Estados Unidos, Eurico Gaspar Dutra alinhou-se com o estrangeiro que ao colaborarem na Segunda Guerra Mundial esperavam investimentos financeiros dentro do país. Dois anos depois, o presidente corta as relações com a União Soviética. Explorando a economia no período vigente pelo historiador Jorge Ferreira (2006, p. 25):

No plano econômico, o governo Dutra também foi denominado pelo conservadorismo, cujos resultados foram desastrosos para o país. O ministro da Fazenda partia do princípio de que o Brasil era um “país essencialmente agrícola”, reafirmando, desse modo, ideias dominantes do início do século XX. Assim, adotava-se mais uma vez a prática do Estado liberal, que não necessita de órgãos da administração pública – como a Comissão de Planejamento Econômico e o Conselho Nacional de Política Industrial – que coordenem o desenvolvimento da economia de maneira integrada. (FERREIRA, 2006, p. 25)

A situação econômica sob o governo de Eurico Gaspar Dutra foi extremamente conturbada pelas escolhas na administração feitas, além da volta da inflação e de um déficit público alcançados inevitavelmente pelas adversidades sofridas durante a

governabilidade brasileira da época. Após seus anos no poder, as novas eleições se aproximaram resultando na vitória de Getúlio Vargas novamente ascendendo à presidência. Como explica o historiador Jorge Ferreira: “Ao assumir a presidência da República, Vargas deparou com o legado de Dutra: um quadro de grandes dificuldades econômicas, no qual sobressaíam a retomada do processo inflacionário e o desequilíbrio financeiro no setor público.” (FERREIRA, 2006, p. 27). Deparando-se com um governo em situação crítica de crises econômicas, mesmo assim, a opção pela modernização brasileira estava em primeiro plano.

Os trabalhadores brasileiros, em 1950, demonstravam independência política e manifestavam a todo momento seu descontentamento com a economia brasileira, sendo personagens importantes na participação política do país desde 1945 a 1964. Quando João Goulart assume a presidência do PTB, no ano de 1952, houve diversas políticas voltadas à negociação com a área sindical e grevista, atendendo grande parte delas. Dentre seus feitos em prol do setor trabalhista analisados por Bandeira (2021): suspensão das intervenções nos sindicatos; sem perseguição aos comunistas; diminuição da repressão; defesa a um projeto nacionalista com adesão das reformas sociais, entre outros tópicos estudados para melhorar a situação brasileira frente as grandes insatisfações populares. Há quem dissesse que seu projeto era antidemocrático e a favor dos sindicalistas.

Passando para um personagem importante nesse período, João Goulart, mais conhecido como Jango, apoiou publicamente, desde o final do ano de 1953, a duplicação do salário mínimo no Brasil. Sendo essa defesa, ademais as diversas paralisações em 1954, resultando no aceleramento das ideias direcionadas às conspirações de caráter civil-militar. Fica claro que os ânimos estavam acirrados no quesito do clima institucional, onde sua deposição foi inevitável do cargo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Analisando o período de liderança do Jango, a política clientelista era fortemente presente, e na mesma época, aponta Delgado e Ferreira (2020) houve o aumento dos movimentos sindicalistas com inúmeros êxitos para os trabalhadores.

O ano de 1954, que aparece durante a dissertação quando há o primeiro espetáculo de futebol americano no Brasil, torna-se importante à oposição dos brasileiros perante os estadunidenses, com o antiamericanismo, em virtude do ano corresponder a uma forte crise econômica no Brasil em decorrência da campanha desencadeada nos Estados Unidos contra o café brasileiro. Em detrimento da queda dos preços no mercado internacional, grupos políticos e empresariais dos Estados Unidos arquitetaram nos meios

de comunicação a substituição do café por outras bebidas preferencialmente, gerando uma situação de crise. Devido ao sucesso no marketing estrangeiro, houve a queda das exportações do principal produto brasileiro contribuindo para a defasagem econômica do país. No mesmo ano, o presidente Getúlio Vargas comete suicídio antes de renunciar ao cargo, abalando os ânimos brasileiros e causando revolta aos trabalhadores que tanto apoiavam o candidato. Como exemplifica o autor Jorge Ferreira (2006, p. 40):

Vargas estava sendo deposto do cargo. Ao saber do ultimato que recebia, ele recolheu-se aos seus aposentos. Suas alternativas eram mínimas: renunciava à presidência da República, à custa de sua desmoralização política, ou seria deposto por um golpe militar. Algum tempo depois, sua filha Alzira ouviu o estampido de um tiro. Vargas estava morto. (FERREIRA, 2006, p. 40)

O trauma que Getúlio Vargas gerou na população no dia 24 de agosto de 1954 impulsionou após dois meses inúmeros protestos e passeatas pelas cidades brasileiras. Assume em seguida a presidência o candidato Café Filho, o qual manteve sua postura em relação a intervenção governamental nos sindicatos no período que governou. Próximo as eleições em 1955, o advogado Sobral Pinto lança um movimento em proveito da defesa do regime e pela preservação da legalidade constitucional. A respeito da mobilização de grupos organizados segundo Ferreira (2006, p. 46): “A Liga da Defesa da Legalidade visava a união de trabalhadores, sindicalistas, intelectuais, empresários, comerciantes, militares e todos os democratas, com o objetivo de defender as instituições e o povo.”.

Embora ocorreram mobilizações acerca da campanha eleitoral, Juscelino Kubitschek, mais conhecido como JK, ascende a presidência em 1956 até 1961. Nesse período de mandato, os sindicatos recebem vista grossa e os policiais locais podem intervir a qualquer momento na ordem política e social do território brasileiro. Como asseguram Ferreira e Delgado (2020, p. 67): “Num duplo movimento de espionagem silenciosa ou repressão ruidosa, os sindicatos nunca estiveram tão livres para reger-se completamente por si mesmos.”. Nesse momento, os donos das grandes empresas poderiam estabelecer fortes alianças com as agências públicas das áreas trabalhistas de repressão.

O presidente Juscelino Kubitschek desde o início percebeu o papel que a Europa apresentava em sua recuperação econômica no contexto internacional de 1945, quando permitiu e explorou o processo de multilateralização comercial impulsionada por empresas transnacionais que avançavam sobre os mercados nacionais, o Banco Mundial, o Acordo do Geral sobre Tarifas de Comércio e o Fundo Monetário Internacional. A

respeito das percepções de JK: “Era preciso acompanhar esse processo, e não lutar contra ele, pensava Juscelino. Além disso, o governo republicano dos Estados Unidos não dedicava à América Latina o menor interesse.” (FERREIRA, 2006, p. 53). Nessa época, o governo estadunidense preocupava-se em combater o comunismo e repudiavam as empresas estatais, sendo sua primeira defesa a privatização da Petrobras.

Por conseguinte, houve o estranhamento e o distanciamento perante os Estados Unidos que defendiam uma luta ideológica contra o comunismo e acrescentavam pouco positivamente na economia brasileira. Visto essa má fé dos empresários estadunidenses, o presidente Juscelino Kubitschek volta-se as visões europeias de comando econômico e alimenta a indústria automobilística brasileira com empresas como a Mercedes, a DKV e a Volkswagen. Ao exemplificar a figura de JK a respeito de seu posicionamento econômico e político frente a recusa aos investimentos estadunidenses e a exploração da economia europeia, o presidente se mostra conivente a internacionalização da economia do Brasil:

Enquanto os trabalhistas definiam o capital como nacional e estrangeiro, Juscelino o compreendia como produtivo e especulativo. Ainda de acordo com o tal livro, distanciando-se do nacionalismo de trabalhistas e comunistas, JK, segundo o economista Roberto Campos, poderia ser definido da seguinte maneira: “O que interessava para Juscelino era ‘onde estava a fábrica e não onde morava o acionista’”. Sem vinculações com o projeto trabalhista, ele aceitava, pragmaticamente, o processo de internacionalização da economia brasileira do pós-guerra. (FERREIRA, 2006, p. 54)

Inevitavelmente o Brasil muda com a posse de Juscelino Kubitschek, haja vista diversas melhorias econômicas no período do presidente que alavancaram a situação financeira. Podemos citar a construção da Capital Federal, de hidrelétricas, de ferrovias, o investimento no setor industrial, o investimento na marinha e na ampliação de estaleiros. Além da criação do Plano de Metas que estendia-se por cinco anos de duração e grande parte das suas resoluções baseavam-se nas análises e projeções da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico (CMBEU)<sup>2</sup> e do grupo misto, Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL)<sup>3</sup> com associação ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico do Brasil (BNDE) contando com a

---

<sup>2</sup> A Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico (CMBEU) foi um projeto de cooperação técnica internacional que apresentou iniciativas estratégicas para autoridades estadunidenses no contexto inicial da Guerra Fria. O objetivo da CMBEU era elaborar projetos e estudos voltados a melhorias na infraestrutura no Brasil.

<sup>3</sup> A Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) foi criada em 1948 pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre seus membros.

participação do setor privado e público. Com o Plano de Metas, a economia brasileira cresceu exponencialmente. Diante a análise do economista Wesley Miguel Lima Machado (2019, p. 30), o desenvolvimento econômico brasileiro foi notável: “Depois de um crescimento de apenas 2,9% em 1956, nos anos 1957 e 1960 as taxas de crescimento foram, respectivamente 7,7%, 10,8%, 9,8% e 9,4%.”.

O Plano de Metas abrangia cinco setores considerados fundamentais para o funcionamento brasileiro: energia, transportes, alimentação, indústria de base e educação. O setor da energia teria 43,4% de investimentos, o de transportes 29,6%, o de alimentação 3,2%, as indústrias de base com 20,4% e a educação 3,4%. Pelos dados do Machado (2019, p. 34): “O Programa de Metas foi sustentado por um conjunto de hipóteses que eram: crescimento anual de 2% na renda per capita; crescimento anual de 6,2% na exportação de produtos que não o café; coeficiente de importação de 10%; inflação de 13,5% ao ano.”. Ademais, os gastos também contiveram a construção de Brasília que demandou uma parte significativa do capital brasileiro, sendo um investimento importante para a identidade nacional do Brasil. A respeito da sustentação da iniciativa privada no plano, o economista Flavio Gibim Pacheco esclarece:

O estímulo à iniciativa privada contou com quatro fatores: as reservas de mercado em benefício de bens produzidos no país surgiam pela política cambial e pela Lei dos Similares; disponibilidade de crédito provido pelo BNDE e Banco do Brasil, suprimindo recursos de longo prazo a juros baixos e pagamentos sujeitos à carência; expansão contínua do crédito nominal dos bancos privados em função do financiamento do déficit do Tesouro através da emissão de moeda; e concessões de avais pelo BNDE para empréstimos contratados no exterior. (PACHECO, 2010, p. 44)

Todavia, os principais problemas da industrialização acelerada do Plano de Metas foram os financiamentos e as inflações. Entre 1957 a 1959, a inflação subiu de 7% para 39,5%, além da situação do déficit no orçamento do Tesouro Nacional ressalta Pacheco (2010). O presidente optou por continuar o crescimento brasileiro, mesmo cerceado de algumas situações financeiramente delicadas para a população, por outro lado, promoveu o desenvolvimento econômico do Brasil durante seu mandato. Nesses períodos, a produção industrial aumentou para 80%, com crescimentos quantitativos nos setores industriais, e a renda per capita no Brasil tornou-se três vezes maior que dos países próximos da América Latina. Em suma, o Brasil estava passando por diversas transformações no âmbito econômico que refletiam na população.

O auge das greves dos trabalhadores e da massificação do fenômeno grevista surge em 1957 segundo Delgado e Ferreira (2020), com a Greve dos 400 mil, ocorrida em 15 a

25 de outubro. A proporção que a greve adquiriu assustou o empresariado de uma forma que não haviam presenciado tamanho descontentamento e organização sindical por parte dos trabalhadores brasileiros que estavam engajados para conquistarem seus objetivos no âmbito econômico e político. Dentre os participantes marcaram-se presentes tecelões, gráficos, vidraceiros, metalúrgicos, trabalhadores de curtume e das indústrias de papel. Dentre as reivindicações apontam Delgado e Ferreira (2020), as principais alardeavam sobre serem abarcados por uma política anticarestia e de receberem o reajuste em 45%.

Em seguida ao presidente Juscelino Kubitschek, surge Jânio Quadros em 1961, que ascendeu criticando as mazelas feitas pelo presidente anterior, como a corrupção e a inflação brasileira. Os gastos governamentais feitos no período do JK geraram um déficit de 193,6 bilhões de cruzeiros, dificultando consideravelmente o trabalho do sucessor brasileiro que se preocupava com a situação econômica, política e social do país. O presidente vigente herdara um país falido nas suas mãos, resultando em um governo conservador e na desvalorização da moeda do Brasil em 100% comparada a moeda dos Estados Unidos. Seu mandato foi rápido, houve a renúncia no dia 25 de agosto de 1961, e seu vice-presidente estava ausente para assumir o cargo, em viagem à China.

A renúncia, teria imaginado ele, provocaria a reação popular e, sobretudo, a militar. Retornando com o apoio do povo nas ruas e dos generais com suas tropas, ele fecharia o Congresso e governaria sem ele. O envio do vice-presidente João Goulart à China certamente fizera parte de seus planos. Tratando-se de um líder trabalhista combatido pelos conservadores militares e civis desde 1953, e ainda em viagem a um país comunista, possivelmente haveria reação das Forças Armadas à sua posse. (FERREIRA, 2006, p. 75)

Entretanto, a renúncia não teve a comoção esperada pelo presidente, pois, foi aceita sem grandes pestanejos. O presidente da Câmara de Deputados, Ranieri Mazzilli, assume o poder e estipula no Congresso Nacional que os três ministros militares – o da guerra, aeronáutica e marinha – manifestavam a inconformidade quanto a volta de João Goulart para o Brasil. Se o vice-presidente de Jânio Quadros regressasse ao Brasil, seria preso pelos militares brasileiros. No meio da situação crítica de governança que o país estava passando, há o início na capital gaúcha, Porto Alegre, das primeiras manifestações e mobilizações populares em defesa da democracia. Denominada de Campanha da Legalidade, sob a liderança de Leonel Brizola do Rio Grande do Sul, os militares eram desmoralizados em prol da defesa da democracia. Explorando a campanha, Konrad e Lameira (2011) esclarecem:

Além da Rádio da Legalidade, organizada pelo Governo do estado, principal meio de comunicação entre a resistência, já que os ministros militares

censuraram todas as outras formas de fazê-lo, milhares de pessoas se alistaram nos batalhões populares, chamados comitês da resistência democrática, e nas Brigadas da Legalidade. (KONRAD; LAMEIRA, 2011, p. 70)

Acredita-se que até meia noite do dia 30 de agosto de 1961, se apresentaram 45 mil voluntários na capital do Rio Grande do Sul, sem contar os inúmeros comitês formados por batalhões de operários. É possível perceber que o medo da população brasileira era do Brasil sofrer um golpe militar, por isso, a todo custo a Constituição teria que ser defendida por grande parte do povo que repudiava o ato político. No Rio de Janeiro ocorreram manifestações em prol da democracia onde diversos sindicatos – dos alfaiates, marceneiros, gráficos, bancários, arrais, metalúrgicos, ferroviários, entre outros – foram invadidos e fechados pela polícia, como acrescenta Konrad e Lameira (2011). Essas manifestações geraram prisões, estabelecimentos de censura, brigas partidárias, repressão das emissoras e interdições de jornais. Em todas as partes do país, ocorriam eclosões a favor da posse do vice-presidente João Goulart, mais conhecido como Jango.

O vice-presidente Jango chega em Porto Alegre, sendo saudado por mais de 70 mil pessoas na Praça da Matriz, com Leonel Brizola em sua espera. João Goulart aceita a emenda parlamentarista que unificaria as Forças Armadas e restituiria a liberdade do povo, ocasionando em um descontentamento popular pelos manifestantes que saíram as ruas contra os militares brasileiros. Assumindo a presidência oficialmente em 7 de setembro de 1961, Jango passa a ser o presidente do Brasil sob um país que estava passando por uma branda crise militar, os problemas de endividamento feito nos governos anteriores, as crises no âmbito político por brigas partidárias, entre outras situações. Contudo, assinalam Konrad e Lameira (2011) que o programa parlamentarista impedia as implementações de suas ideias reformistas.

O parlamentarismo foi um aspecto que gerou a renúncia do presidente João Goulart, sua plena autoridade era questionada até certo ponto em virtude do Parlamento ter adquirido uma importância essencial. Ademais, o presidente Jango defrontou-se com uma crise financeira no seu mandato de proporções altas que prejudicaram o Brasil em grande escala. Por exemplo, sinaliza Ferreira (2019) que foram emitidos 87 bilhões de cruzeiros entre a posse do ex-presidente Jânio Quadros até João Goulart, e desses 87 bilhões, 58 bilhões foram emitidos nas duas semanas em que os ministros militares brasileiros estavam sob o comando por julgamento necessário da administração. A respeito da análise financeira e dos laços estadunidenses no Brasil no período de governança de Jango por um historiador brasileiro:

Recebendo do seu antecessor uma difícil situação econômica, marcada por uma grave crise financeira, que já vinha do final do governo de Kubitschek, em abril de 1962 Goulart viajou para os Estados Unidos. O objetivo era buscar recursos financeiros. No entanto, o governo norte-americano e os bancos privados mostraram-se intransigentes. Sem os recursos externos esperados, a situação econômica deteriorou-se mais ainda por causa do aumento dos índices inflacionários. (FERREIRA, 2019, p. 100)

Em relação ao contato com os Estados Unidos no governo de João Goulart, em busca da ampliação dos mercados de exportação, o presidente criou laços diplomáticos com a União Soviética e blocos socialistas, além da rejeição que os estadunidenses impuseram as sanções contra Cuba. Em acréscimo, Leonel Brizola governador do Rio Grande do Sul, contribuiu para o clima tenso com os Estados Unidos quando desapropriou certas empresas estadunidenses do território gaúcho. Sobre a análise de Ferreira (2006, p. 99): “No entanto, para o governo dos Estados Unidos, as medidas de Brizola não passaram de um confisco ilegal por parte das autoridades brasileiras, o que prejudicou ainda mais as relações do governo Goulart com Washington.”.

Em 1962 surge uma organização sindical autônoma, no período de governança de Jango, construída pelo proletariado, denominado Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) que trazia consigo o objetivo de ampliar as conquistas econômicas da classe operária e interferir diretamente nas instituições comprometidas com os planos de reformas estruturais. As metas dos participantes eram deveras ambiciosas, pelo processo de construção de uma identidade nacional voltada aos objetivos comuns de grande parte da população, almejavam o processo de saída de subdesenvolvimento para desenvolvimento do país na melhor das hipóteses. A contribuição do CGT foi marcante para o povo brasileiro pelo dinamismo resultante das ações da organização, ora com atitudes que apoiavam o presidente e ora contrariando. Dentre grandes pautas elencadas pela organização sindical segundo Delgado e Ferreira (2020) lista-se:

Nacionalismo, modernização distributivistas e reformas sociais eram as linhas mestras da plataforma do CGT, traduzida nas seguintes bandeiras: controle das remessas de lucros para o exterior, restrição aos investimentos estrangeiros, direito de voto aos analfabetos, cabos e soldados, ampliação da organização dos trabalhadores rurais, reforma agrária, urbana, bancária, universitária e da Previdência Social, fortalecimento da presença do Estado na economia e nas empresas nacionais. (DELGADO; FERREIRA, 2020, p. 70)

Em 1963, no cenário de greve nacional, os brasileiros testemunham a Greve dos 700 mil, compostos por trabalhadores nas bases de 79 sindicatos e quatro federações. Visando alcançar as companhias salariais, há o Pacto de Ação Conjunto (PAC) como principal motivador. A greve teve presença de mais de 11.200 policiais e reforços

militares, efetivando 600 capturas no primeiro dia. Dentre as cidades que se manifestaram: São Paulo, Jundiaí, Piracicaba, Campinas, Santos, Ribeirão Preto, Taubaté, entre outras. A Greve dos 700 mil representou um importante momento após seu desenrolar pelo avanço das negociações e reivindicações dos trabalhadores que visavam mudanças nas relações entre patrões e empregados. Buscavam a legalização da CNTI (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria) e o PAC (Pacto de Ação Conjunta). Como expressa Corrêa (2008, p. 222): “Para eles, sindicalistas, o receio dos patrões não estava no teor das reivindicações, muito menos no valor do reajuste pleiteado, mas, sim, no perigo que a mudança na forma de negociar os dissídios coletivos poderia representar aos interesses patronais.”.

Perante a renúncia do presidente João Goulart, após as manifestações nas urnas brasileiras, o mesmo volta ao poder novamente em 24 de janeiro de 1963 com aprovação maciça da população. As ideias que carregava consigo abordavam principalmente a melhoria econômica do Brasil mediante negociações, acordos e compromissos entre o centro e a esquerda partidária do país. Todavia, as crises que assolavam os Estados, com déficits financeiros grandiosos, mostravam-se inimigas para o presidente. Como elucida Ferreira (2006, p. 102): “O déficit do Tesouro Nacional chegou a quase 60% da arrecadação tributária. Em dezembro do ano anterior, a inflação alcançara a casa dos 8%.”. Averigua-se que o cenário brasileiro estava composto por diversas crises que preocupavam a população e o presidente.

Para as melhores relações com os Estados Unidos, grande potência mundial, João Goulart cria o Plano Trienal elaborado por Celso Furtado. Seus objetivos com esse plano, por Bandeira (2021) eram assegurar o refinanciamento da dívida externa perante os estadunidenses com a permissão de uma ajuda adicional, o combate à inflação sem comprometimento de interferir no desenvolvimento econômico, a obtenção do apoio político de certos grupos conservadores brasileiros, implementação de reformas nos setores econômicos, entre outros fatores. No papel a ideia era muito criativa, por não abordar somente o equilíbrio financeiro para adquirir a contenção inflacionária, entretanto, na prática a execução da ideia não teve o apoio esperado das esquerdas populares. É possível reparar que o descontentamento popular estava presente pela contenção salarial e pelos cortes nos créditos dos empresários, expõe Bandeira (2021).

É plausível concluir que a situação governamental estava em um período marcado por instabilidades políticas diversas, ocasionando incontáveis crises no âmbito político e

econômico brasileiro. De acordo com Bandeira (2021), mesmo com as adversidades, o presidente vigente deu continuidade aos projetos desenvolvimentistas: a criação das usinas siderúrgicas de Cariacica e da Cosipa; a criação de oleodutos; o aumento da geração de energia elétrica em 20%; a inserção empresarial na Petrobras de outras refinarias como parte do processo; a construção de unidades industriais diversas; multiplicação de vagas escolares no quesito social; melhorias na educação, entre outros tópicos em função do desenvolvimento social e econômico do país.

No final de fevereiro de 1964, o presidente percebe que estava em meio as instabilidades com o governo estadunidense devido ao endividamento e parte para uma mudança radical no seu estilo político, aderindo à Frente Única de Esquerda de Leonel Brizola. Ao se distanciar das ideias progressistas com essa proximidade pela esquerda, abriu brechas para os questionamentos dos militares perante o presidente. O Estado-Maior das Forças Armadas torna-se um núcleo conspiratório ao presidente Jango e as manifestações políticas em plena efervescência estouram na política brasileira. Houve mobilizações do exército brasileiro que posteriormente desencadearam a derrubada de João Goulart da presidência em março de 1964, iniciando um golpe civil-militar na democracia do Brasil.

## 2.2 CONTEXTO ESTADUNIDENSE

Os Estados Unidos, em abril de 1945, se deparam com a morte do presidente Franklin Roosevelt e com a ascensão de Harry Truman à presidência. Desde 1944, as grandes potências aliadas começam a se organizar para o final da Segunda Guerra Mundial por inúmeros acontecimentos. Dentre essas ações específicas, em julho de 1944 há a Conferência de Bretton Woods estabelecendo uma nova ordem econômica, ocasionando na criação do Fundo Monetário Internacional e do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento. Além da reunião ocorrida em Dumbarton Oaks em agosto de 1944 em que as grandes potências refletiam sobre a futura Organização das Nações Unidas (ONU) e das regulamentações que estariam sujeitas a aprovação do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Entre 4 de fevereiro e 17 de fevereiro de 1945, há a reunião em Yalta com Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Ióssif Stálin a favor do debate dos limites de suas influências, do questionamento da situação polonesa e da organização da entrada da União Soviética na guerra, assegura Moura (1990).

Todavia, houve a morte do presidente estadunidense por uma hemorragia cerebral em 12 de abril de 1945, causando mudanças na administração consecutiva em relação a União Soviética com a questão polonesa. Além da Conferência de Postdam, pela exploração do território alemão e enfraquecimento do nazismo discutidos por diversos países após o encerramento da Segunda Guerra Mundial. No início de agosto, os Estados Unidos resolvem bombardear, com material atômico, as cidades de Hiroshima e Nagasaki no Japão, pondo um marco representante do fim da Segunda Guerra Mundial. Após esses atos, posteriormente há a Conferência de Paris em dezembro de 1945 onde o Brasil consegue um lugar entre as 21 nações que se reuniram para organizar o pós-guerra. Porém, como concluiu a delegacia brasileira na conferência, as grandes potências estariam em primeiro plano e as menores não teriam qualquer notoriedade ou igualdade perante as maiores. Como defende Moura (1990, p. 32): “Estados Unidos e União Soviética não estavam dispostos a mudar o esboço de tratado de paz apresentado à conferência.”.

Os Estados Unidos em 1945 saem da Segunda Guerra Mundial com poucas devastações no seu território, a capacidade produtiva dobrada, pequenas perdas de vidas comparadas ao número dos soviéticos e adquirem o monopólio da bomba atômica. Segundo Moraes, Fernandes, Karnal, Moraes e Purdy (2007, p. 226): “Os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial como a mais poderosa nação da terra.”. A política após o conflito adotada pelos administradores estadunidenses foi anticomunista com ênfase no controle conservador da economia e da sociedade. Em relação a União Soviética, houve a perda de aproximadamente 20 milhões de pessoas, devastações em grande escala no seu território, redução na produção de alimentos, entre outros fatores que defasaram economicamente a política dos soviéticos. Em detrimento dessas situações, formou-se diversas conferências que estabeleciam acordos políticos, posteriormente impulsionando a formação de dois blocos antagônicos mundiais. Contudo, sob análise de Moraes, Fernandes, Karnal, Moraes e Purdy (2007), o lado soviético se apresentava com ambiguidades em autoproclamar um governo altamente nacionalista voltado a segurança da União Soviética, unindo nações amigas que os protegessem.

O embaixador estadunidense recém-nomeado pelo presidente Franklin Roosevelt, com mandato de 1933 até 1945 nos Estados Unidos, declarou no início da Terceira República brasileira que as ideias autoritárias e nacionalistas disseminadas pelos países

estrangeiros seriam o objetivo principal para o combate do governo do seu país. Refletindo no quesito brasileiro, repudiou quaisquer atitudes das Forças Armadas em interromper a democracia. A liberdade de imprensa, a liberdade de expressão e os ideais democráticos defendidos pelos Estados Unidos seriam os aspectos essenciais para o apoio político e econômico de possíveis transações internacionais. Sendo assim, o presidente Eurico Gaspar Dutra tentou alinhar-se com os Estados Unidos durante seu mandato no Brasil a partir de 1945. A importância em agradar os estadunidenses correspondia a magnitude que os mesmos estavam alcançando após a saída da guerra, expõem Moraes, Fernandes, Karnal, Moraes e Purdy (2007, p. 227): “Economicamente, os Estados Unidos detinham a maioria do capital de investimento, produção industrial e exportações no mundo, controlando até dois terços do comércio mundial, enquanto grandes partes da Europa e Ásia estavam devastadas.”.

No momento em que surge o futebol americano, os Estados Unidos se encontram em um determinado período histórico que há a necessidade de se impor como nação e se opor ao eurocentrismo do século XIX, como aponta Curti (2017). Então, o *rugby*, esporte que veio anterior ao futebol americano sofreu alterações para o início da formação de um esporte totalmente estadunidense, que negasse raízes britânicas. Essa disseminação do futebol americano também pode ser associada a Doutrina Monroe, de 1823, criada durante o governo do presidente estadunidense James Monroe que contribuiu posteriormente para uma hegemonia estadunidense. O objetivo dessa doutrina consistia em defender as nações que tornaram-se independentes recentemente de uma possível recolonização, da negação perante a intervenção de qualquer país europeu nos negócios internos ou externos dos países americanos sob o slogan “América para os americanos” e na abstenção dos Estados Unidos de intervir nos negócios europeus, negando consequentemente características do esporte originário britânico.

O cenário que os estadunidenses protagonizaram nas décadas seguintes foi o de Guerra Fria com a União Soviética entre 1947 a 1991, onde os dois blocos rivalizaram as suas opiniões. Essa polarização mundial, de um lado o capitalismo e de outro o socialismo, perdurou por anos, resultando em conflitos de pequenas e médias escalas. A denominação de Guerra Fria abarcava os conflitos indiretamente feitos por esses dois polos, com financiamento na disponibilização de armas, de treinamento militar, de ajuda diplomática estratégica, dos trâmites para a segurança dos países coniventes aos regimes adotados, entre outros fatores. Sobre a conturbada política econômica descrita por Moura

(1990, p. 20): “Desse modo a competição por influência, que caracterizava ambas as potências, recobriu-se com um denso fog de ideologia, cada lado defendendo uma “verdade” numa nova cruzada pela conquista do mundo.”.

Em 1948 há a criação nos Estados Unidos do Plano Marshall pelo secretário de Estado George C. Marshall durante a presidência de Harry Truman, o qual era pioneiro na reconstrução europeia dos países aliados após a Segunda Guerra Mundial. Averigua-se que os estadunidenses forneceram aos europeus o empréstimo de US\$ 16 bilhões para sua reestruturação política e econômica, objetivando defender o fortalecimento dos países que não adotaram o comunismo. A gestão do plano era feita pela *Economic Cooperation Act* (ECA), criada em 3 de abril de 1948, com adesão de inúmeros países da Europa: Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça, Turquia e Reino Unido. Diante há análise de Lassance (2021, p.12): “O Plano Marshall popularizou-se no debate sobre políticas públicas como analogia à formulação de propostas ambiciosas de superação rápida de crises econômicas agudas.”.

Em 1950 ocorre a Guerra da Coreia e os Estados Unidos intervêm ao apoiar o ditador da parte Sul do país que sofreu invasões das tropas da parte Norte sob o comando de um ditador comunista. Com duração de três anos, a guerra causou inúmeras fatalidades para os coreanos do Norte e cerca de 140 mil falecimentos de soldados estadunidenses. Acerca das perdas, analisam Morais, Fernandes, Karnal, Morais e Purdy (2007, p. 229): “Dois milhões de civis morreram no conflito, que terminou com a mesma divisão territorial que havia no início, uma tradução precisa da Guerra Fria como um todo.”. No sentido do lado dos Estados Unidos, esse cenário serviu para que o Congresso estadunidense aprovasse o aumento do orçamento militar e pela fortificação de sua influência para deter o partido comunista do Japão. A ONU manifestou-se em aprovação a uma coalisão estrangeira que se organizasse para interferir no conflito em defesa da Coreia do Sul no início das invasões.

Quando há a retomada do poder pelo presidente brasileiro, Getúlio Vargas em 1950 no Brasil, há a instalação da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos contando com a boa vontade dos estadunidenses em fornecer investimentos nas infraestruturas brasileiras. Entretanto, no ano seguinte há o rompimento dessa organização pela vitória do Partido Republicano nos Estados Unidos em 1952 com Dwight Eisenhower. O presidente vigente buscava combater o comunismo e defendia que o país estadunidense

tinha necessidade de conter gastos públicos, suspendendo assim os planos de desenvolvimento entre o Brasil e os Estados Unidos. Como atesta Ferreira (2006, p. 28): “Para o novo governo norte-americano, a prioridade era o combate ao comunismo, e não a ajuda econômica aos países latino-americanos.”. Consequentemente tornando o clima nada favorável ao Brasil.

Nesta conjuntura, o denominado Ponto Quatro diante a análise de Bandeira (2021) foi o primeiro programa estadunidense que houve a institucionalização pela cooperação técnica internacional com a finalidade de ajuda aos países menos desenvolvidos e em prol da contenção do comunismo combatido pelo presidente Harry Truman. O Congresso dos Estados Unidos aprovou o programa em 1950 autorizando 34,5 milhões de dólares para a iniciativa, entre os quais 5 milhões de dólares seriam separados para os investimentos com os brasileiros. Nesse momento, entra o Brasil, considerado pouco tendencioso a adesão do comunismo, tendo a administração do presidente Getúlio Vargas parceiro para o programa econômico e a de Eurico Gaspar Dutra, este último descontente com a falta de apoio financeiro dos Estados Unidos.

Os países que estavam abarcados nesse programa deveriam estar receptivos para os investimentos privados de caráter internacional para a promoção do seu desenvolvimento econômico, com a necessidade de adaptações de leis e regulamentações locais nas áreas: de capitais e de lucros; leis trabalhistas; taxas de importações; códigos comerciais; mineração; garantia da propriedade privada; entre outros. É necessário se atentar que os fatores para o estabelecimento desse pacto perpassavam as identidades nacionais as submetendo as ideias dos Estados Unidos, sendo este uma grande potência comparado ao Brasil na época. Além do interesse que os estadunidenses tinham em materiais estratégicos, como minério de ferro, areias monazíticas e manganês. Como relata Gomes (2021, p. 7): “Em suma, enquanto para os EUA a Comissão Mista era uma iniciativa típica de Guerra Fria, do tipo que buscava resultados com pouco investimento financeiro, a administração de Vargas considerava a Comissão crucial no projeto de desenvolvimento do país.”.

No desenvolver do programa, as autoridades dos Estados Unidos estipulavam que não deveriam se comprometer com as promessas de recursos que fossem disponibilizados em detrimento da Comissão Mista. Sendo assim, os brasileiros teriam que se responsabilizar pelos conhecimentos, pelas técnicas e pela realização das obras no Brasil. Para solucionar o problema financeiro, Getúlio Vargas criou em 1952 o Banco Nacional

de Desenvolvimento Econômico (BNDE) comprometendo o dinheiro brasileiro com as ideias de financiamento das obras públicas. O presidente esperava que o financiamento da moeda estrangeira fosse submetido e investido nos setores de transporte e de energia para o processo de industrialização do Brasil, visto que o país estava cada vez mais acumulando dívidas. Diante a análise de Gomes (2021):

Vargas, recém-eleito presidente do país, aproveitou a oportunidade para tentar garantir que seus programas de industrialização e obras públicas fossem beneficiados como contrapartida a eventuais contribuições do Brasil. Assim, apresentou 14 projetos de desenvolvimento em infraestrutura nos setores de energia, saneamento, transportes e indústrias, com os quais seu governo pretendia contar com apoio dos EUA para obter financiamentos em moeda estrangeira (NACP 1951d). A maior parte desses projetos foi incorporada às propostas da CMBEU nos anos subsequentes. (GOMES, 2021, p. 13)

O Brasil conseguiu manter-se importante para os Estados Unidos em um período que havia necessidade de fortificação de suas defesas por meio dos materiais estratégicos exportáveis concedidos pela outra nação, segundo Gomes (2021). Os estadunidenses estavam pretendendo investimentos nas capacidades militares devido as tensões contra a União Soviética estarem presentes pela invasão da Coreia do Norte na Coreia do Sul. Portanto, a diretriz da administração do presidente Harry Truman dos Estados Unidos em relação ao Brasil foi a prioridade na época em conciliar e favorecer projetos de infraestrutura diante as necessidades estratégicas em países da América Latina. Consecutivamente, em 1953, há o término da CMBEU com a maior parte dos financiamentos faltando. Grande parte das negociações entre os Estados Unidos, o Brasil e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) dificultaram os objetivos entorno do desenvolvimento dos países.

Nesse cenário, as diferenças entre os Estados Unidos e o Brasil eram nítidas, o primeiro almejava a preservação do sistema capitalista mundial e o segundo buscava superar as dependências condicionando a contradição entre os interesses nacionalistas. Os estadunidenses estavam preocupados com a Europa, excluindo a possibilidade do Brasil tornar-se uma potência forte, e os brasileiros estavam voltados à fortificação de suas indústrias de base. A comunidade dos Estados Unidos pressionavam o BIRD e o *Eximbank* que não aprovassem o financiamento estrangeiro, enquanto Getúlio Vargas não modificasse o Decreto-Lei de 3 de janeiro de 1952, que limitava a remessa de lucros a 8% sobre o capital registrado. O presidente brasileiro não iria ceder, pois necessitava conter a crise cambial, em virtude da queda do café, além da preocupação com as dívidas brasileiras. Segundo Bandeira (2021, p. 135): “Para tais setores, inclusive considerável

parcela da classe média, o grau de legitimidade do governo brasileiro passava, em certa medida, pelo nível de seu entendimento com os Estados Unidos.”.

Quando o general Dwight Eisenhower ascende a presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano, era nítido que o Brasil não receberia qualquer colaboração tecnológica no programa nuclear e nem os recursos necessários para seus projetos de desenvolvimento econômico que beneficiariam o país. Além de 1953 ter sido o ano que a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos foi encerrada, Getúlio Vargas sanciona a Lei nº 2.004 onde há a instituição do monopólio estatal do petróleo brasileiro e posteriormente baixou a Instrução 70 que visava restringir o regime de privilégios para o capital estrangeiro. Com o anúncio da estipulação do dinheiro que os estadunidenses iriam conceder aos brasileiros, há a ideia que o Brasil não teria qualquer ajuda para a contenção de suas dívidas. De fato, o problema na governança brasileira encontrava-se em solucionar o agravamento da crise cambial, dados dos quais alcançavam na época 850 milhões de reais no saldo devedor. Sobre as negociações entre os dois países pela visão de Bandeira (2021):

E pouco tempo depois, o governo dos Estados Unidos comunicou ao Brasil que o Eximbank não lhe concederia mais que US\$ 100 milhões – a apenas para atender o pagamento de atrasados comerciais, dos US\$250 milhões prometidos pela administração anterior, sob a presidência de Truman, e considerados insuficientes por Vargas. (BANDEIRA, 2021, p. 132)

Na conjuntura econômica brasileira, era notório no período de Getúlio Vargas que em 1952 as possibilidades para o presidente cumprir seu mandato eram baixíssimas. Portanto, o chanceler João Neves da Fontoura alertou o embaixador Herschell Johnson dessa probabilidade e, em 1953, o *Intelligence Advisory Committee*, órgão interdepartamental coordenado pela CIA, também reforçou o comentário da possível descontinuidade de Getúlio Vargas. O que não imaginavam é que em 1954 o presidente cometera suicídio, acusando os grupos nacionais e internacionais de terem se aliado aos opositores da sua governabilidade. Além da denúncia quando assumiu a presidência sobre os lucros das empresas estrangeiras atingirem 500% ao ano e terem ocorrido inúmeras fraudes, com algumas irregularidades estadunidenses. Sobre os ânimos no Brasil perante os Estados Unidos, Bandeira (2021):

O que disse, de qualquer forma, foi bastante para provocar tal impacto político, amplificado emocionalmente pela tragédia do suicídio, que as multidões se arrojavam às ruas, em quase todas as capitais do país, a atacarem as representações diplomáticas dos Estados Unidos e, durante alguns dias, a depredarem e a destruírem não somente as sedes dos jornais, rádios e partidos da oposição, mas, igualmente, casas comerciais, bancos e todos os

estabelecimentos cujos nomes indicassem alguma vinculação com investimentos norte-americanos. (BANDEIRA, 2021, p. 140)

As diferenças de prioridade entre os Estados Unidos e o Brasil agravaram-se quando Juscelino Kubitschek assume a presidência em 1956. Houve o diálogo com o presidente estadunidense, Dwight Eisenhower, em um almoço em *Key West* na Flórida, porém o brasileiro não se conformou com a receptividade apática do presidente anfitrião. Os investimentos estrangeiros eram os principais objetivos dos brasileiros e as medidas de segurança militar ao combate do comunismo eram os principais objetivos dos estadunidenses, além da recusa ao financiamento do petróleo na empresa brasileira Petrobras. Sendo assim, o Plano de Metas do governo de JK estava em risco pela falta de investimentos, deixando o Brasil descontente com o antigo aliado. O dinheiro estadunidense só adentrou no país quando o europeu se deleitou com a instalação de empresas no solo brasileiro, na qual as indústrias automobilísticas receberam um destaque maior. Sobre a situação dos Estados Unidos, Bandeira (2021):

A recessão de 1957-1958, nos Estados Unidos, aprofundou ainda mais, por outro lado, a crise do café, cujos preços, com as 181/755 exportações continuamente a caírem, o Brasil já não podia sustentar como forma de maximizar as receitas cambiais e assim custear as importações e a conta de serviços, sempre desequilibrada em consequência da evasão de capitais, sob a forma de remessa de lucros, juros, royalties e dividendos. (BANDEIRA, 2021, p. 182)

Os atritos com os estadunidenses se mantiveram por todo governo de Juscelino Kubitschek. Os Estados Unidos terminantemente insistiam que os brasileiros abrissem a exploração de petróleo para grupos privados, especificando como requisito para seus financiamentos. Por seguinte, continuavam contrários a política de sustentação do preço do café, onde a cotação foi reduzida no território estadunidense em 19% em 1957, ocasionando a redução da receita do Brasil, e a redução de exportações em US\$ 84,6 milhões em 1957 para US\$ 53,4 milhões. As quedas significativas na economia brasileira contribuíram para os ânimos inconformados com a política estrangeira, além do antiamericanismo resultante da situação. Requisitando o financiamento estadunidense, há a criação da Operação Pan-Americana no governo de JK que apontava a desigualdade de certos países da América, em torno de um projeto de desenvolvimento social e econômico.

A preocupação com a segurança do continente, explícita na OPA, constituía uma forma de sensibilizar os Estados Unidos para os problemas do subdesenvolvimento, como fator da instabilidade política e de ameaça aos regimes democráticos, favorecendo a expansão do comunismo, na medida em que gerava as condições para a revolução social. (BANDEIRA, 2021, p. 186)

No entanto, no ano de 1958, o presidente brasileiro anuncia a decisão de reestabelecer o contato com a União Soviética, da qual investiria em programas de auxílio aos países subdesenvolvidos. Os juros seriam baixos e os empréstimos altos. Com essa mudança na economia, o Brasil afrontava indiretamente os Estados Unidos com tamanhas concessões concebidas pelos soviéticos. A respeito do Fundo Monetário Internacional, que permanecia em negociação com o Brasil, ter apresentado influências dos Estados Unidos na liberação do financiamento em cerca de US\$300 milhões esperados: “E induziram esse organismo financeiro a exigir que o Brasil também reduzisse os investimentos públicos, sobretudo na Petrobras, o que inviabilizaria definitivamente o Programa de Metas, paralisando o esforço de industrialização.” (BANDEIRA, 2021, p. 195).

As preocupações dos Estados Unidos com a inserção do comunismo nos territórios da América Latina concentravam-se no tratado que Cuba executara com a União Soviética em 1960, direcionados à produção de açúcar e aos empréstimos de US\$ 100 milhões cotados para os cubanos. Nessa situação política, o presidente Dwight Eisenhower resolve visitar o Brasil com o objetivo de fortificar seus laços e resguardar a segurança de seu país perante possíveis do comunismo no continente. Incentivando a restauração do diálogo de Juscelino Kubitschek com o FMI, há o crédito concedido de US\$ 47,7 milhões. Em acréscimo por Bandeira (2021), os estadunidenses invadem Cuba e depois apresentam um plano ao programa Operação Pan-Americana em função de investimentos nas áreas de habitação, colonização de terras, higiene, abastecimento de água, entre outros fatores.

As desconfianças dos Estados Unidos perante o presidente do Brasil, Jânio Quadros, estavam a todo vapor no ano de 1961. O brasileiro conseguiu antagonizar os estadunidenses quando estabeleceu relações com qualquer nação, independente de seus regimes políticos, para a obtenção de vantagens econômicas. Além de ter apoiado o regime de Fidel Castro depois da invasão da Baía dos Porcos pelos Estados Unidos em 17 de abril de 1961. Consecutivo a Jânio Quadros no Brasil, assume a presidência João Goulart, onde as relações entre o governo estadunidense e brasileiro alcançaram os níveis mais baixos. Atenta-se a renúncia de João Goulart com a acusação da política estrangeira ter apoiado seus opositores. Diante as relações entre os dois países em questão, por Moutinho (2022, p. 25): “A maior preocupação da Administração de John F. Kennedy

relativamente ao Brasil prendeu-se com a contínua proximidade do Governo brasileiro aos países do bloco soviético, vendo a destituição de Goulart com bons olhos.”.

O presidente John F. Kennedy ascende a presidência em 20 de janeiro de 1961. Através do programa, *New Frontier*, há a proposição de reformas na área educacional e na área da saúde estadunidense, fornecendo apoio as zonas rurais pela melhoria de suas habitações e de seus transportes. Ao explorar a desigualdade racial do país em nomear o Vice-Presidente Lyndon Johnson, houve o intuito de diminuir essa disparidade racial ao nomear diversos afro-americanos para a sua administração. Anunciou a proposta *Civil Rights bill*, onde proporcionava acesso igualitário a estabelecimentos públicos para os negros. Fornecendo maior segurança, direito a voto da comunidade afro-americana, melhores condições de trabalho, entre outros aspectos. Propostas das quais ocorreriam apenas após a sua morte, pelo plano *Civil Rights Act of 1964*. Diante dos seus feitos, por Moutinho (2022, p. 34): “Os episódios de política externa mais significativos da Administração de John F. Kennedy foram os da Baía dos Porcos e a consequente crise de mísseis de Cuba.”

O episódio da Baía dos Porcos foi um plano que almejava a queda de Fidel Castro de Cuba, na qual ocorreria uma invasão na ilha por exilados cubanos sob administração do governo dos Estados Unidos pela astúcia da *Central Intelligence Agency*, conhecida como a CIA. Aprovada a invasão, entre 4 de abril de 1961 e 17 de abril, forças de aproximadamente 1.500 homens invadem o território cubano, fracassando posteriormente pela falta de apoio aéreo na missão. Ademais, o episódio da crise dos mísseis cubanos em 14 de outubro de 1962, na qual aviões estadunidenses recolheram inúmeras fotografias de instalações de mísseis em processo de construção na ilha. Para apaziguar as tensões políticas, John Kennedy estabeleceu um acordo com Nikita Khrushchev, ministro do lado soviético, a favor da retirada das instalações dos mísseis.

Todavia, em 22 de novembro de 1963, os Estados Unidos foram surpreendidos pela morte do presidente em pleno desfile presidencial na *Dealey Plaza* em Dallas. Foram executados três tiros na direção de John Kennedy pelo atirador Lee Harvey Oswald, na qual dois disparos selaram sua morte perante a presença da população. Assumindo a presidência o vice-presidente Lyndon B. Johnson, mais tarde houve a criação de uma comissão para investigar as circunstâncias do assassinato do presidente em vias públicas. Como relata Moutinho (2022) sobre o anúncio do presidente brasileiro mediante a trágica situação do país estadunidense:

O Presidente decretou luto nacional de três dias pela “perda irreparável para a humanidade [...] motivo de geral e profunda consternação para o povo brasileiro”. Mais tarde, em declarações oficiais, Goulart afirmou que recebeu com forte pesar a “trágica notícia da morte do jovem e grande Presidente”, elogiou os esforços políticos de John Kennedy em diversos âmbitos, como o racial, descrevendo-o como um “corajoso defensor” desta causa, o de política externa, com destaque para a Guerra Fria, bem como sobre assuntos relativos ao desenvolvimento do continente americano. (MOUTINHO, 2022, p. 62)

A relação financeira dos Estados Unidos com o Brasil demonstrava-se frágil, quando Carvalho Pinto resolve visitar o país estrangeiro no início de 1964 na capital Washington, há um descaso perante a resolução dos problemas brasileiros. O Brasil nessa época era o maior devedor do *Eximbank*, dificultando a aprovação dos pedidos de prorrogações e de empréstimos quando houvesse necessidade. Além da morte do presidente dos Estados Unidos, John Kennedy em 22 de novembro de 1963, haviam diversos empecilhos para a conclusão de um laço diplomático em meio a uma situação inesperada na governança estadunidense. No que concerne o presidente vigente João Goulart no Brasil perante esse cenário político visto por Villa (2004, p. 147): “Julgava que tinha boas relações pessoais com o presidente americano e com a família Kennedy e fez questão de comparecer à embaixada americana para prestar homenagem ao presidente assassinado em Dallas, no Texas.”.

Após a morte de John Kennedy, incumbe-se da presidência Lyndon Johnson em 22 de novembro de 1963, onde troca cartas com o dirigente brasileiro João Goulart sobre as felicitações que recebera do brasileiro. Respondendo a carta do presidente mais conhecido como Jango, no Brasil, o estadunidense expõe a opinião que deve ser acompanhado de reformas para a modernização das estruturas econômicas e sociais brasileiras, como sugestão a organização estrangeira em auxílio do progresso econômico e social. O dirigente afirma que por meio da cooperação que poderia estender ao Brasil, as reformas poderiam ser realizadas. Entretanto, como analisado por Villa (2004):

No caso do Brasil surge como preocupação imediata o problema do endividamento. Sendo o governo dos Estados Unidos credor com respeito a somente uma parcela relativamente um só espectador: “Estou de mãos livres para fazer as reformas. Vou fazer. Se me apertarem muito, quem sabe? Eu renuncio. Não como o Jânio. Renuncio com as coisas preparadas. Com os militares conversados. Renuncio e vou para o Sul, esperar. (VILLA, 2004, p. 147)

Nota-se que no contexto estadunidense houve alternâncias de poder em suas governabilidades, proporcionando diferentes programas em função do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. Além do contexto de Guerra Fria iniciado em 12 de março de 1947 a 26 de dezembro de 1991, gerando conflitos indiretos diante dos

interesses dos dois polos significativos para a época, os Estados Unidos e a União Soviética. Em relação ao Brasil, ocorreram diversos estranhamentos e aproximações no decorrer dos anos, sendo esses feitos, grande parte pela casualidade das alternâncias de poder no país.

### 2. 3 RUGBY: O AMIGO PRÓXIMO, ONDE TUDO COMEÇOU

Partindo para o esporte explorado na dissertação, na Inglaterra no início do século XIX, jovens ingleses inventaram uma brincadeira que envolvia correr de um lado para o outro chutando uma bola com a composição de uma bexiga de porco. Mais tarde, em 1823 o passatempo evoluiu para o uso das mãos e assim nasceu a ideia de uma nova modalidade esportiva com Willian Webb Ellis protagonizando o denominado *rugby*. O *rugby* não contribuiu somente como pontapé inicial ao futebol americano segundo Curti (2017), dele também se inspirou a *Football Association* que, em 1863 estipulou as regras para o futebol da bola redonda que conhecemos como *soccer*, antes *association game*. Em 1871, um grupo da *Rugby School*, a *Rugby Football Union*, em Warwickshire na Inglaterra organizou o esporte que permitiria o uso das mãos e dos pés para o seu seguimento.

Em relação a essa nova modalidade esportiva dos ingleses, na Universidade de Harvard nos Estados Unidos, os alunos estavam a todo vapor pelas possibilidades de regras e adaptações que o *rugby* poderia proporcionar aos praticantes. Nesse cenário, criou-se uma versão pelos estadunidenses desse recente esporte inglês com peculiaridades inovadoras, onde a sua assimilação tenderia ao início do futebol americano. Analisando as universidades, as mesmas acabavam inventando suas próprias regras para o funcionamento dos jogos, até o momento em que todas se juntaram para uma melhor organização e padronização do esporte. As versões apresentadas abrangiam vinte cinco jogadores de cada lado, com pancadaria excessiva, chutes para todos os lados, apenas passes para trás e uma desorganização que beirava ao caos, diante os esclarecimentos de Curti (2017).

Todavia, as contribuições iniciais para o início do futebol americano, resultaram da organização de inúmeras faculdades, surgindo diante a uma partida no ano de 1869 entre as universidades *Rutgers* e *Princeton* situadas nos Estados Unidos como pioneiras, acrescenta Curti (2017). Servindo de marco inicial, para muitos historiadores, como o início da especificação da nova modalidade esportiva que mais tarde se denominaria o

futebol americano que divergia do amigo próximo, o *rugby*. Essa partida em 1869 entre duas universidades estadunidenses pode ser considerada como o primeiro jogo da história do esporte, porém, houve um diferencial escancarado comparado ao futebol americano atual, pela simplicidade das regras e das estratégias que apresentavam. Contudo, o apelo a pancadaria e a agressividade dos jogadores despertou um interesse peculiar nos habitantes dos Estados Unidos que haviam vivenciado um contexto marcado anteriormente por uma guerra civil. Para se ter noção, o presidente Theodore Roosevelt anos depois quase banuiu o futebol americano pela agressividade e pelas mortes geradas em campo, lembrando que o esporte era totalmente diferente e os equipamentos de proteção eram quase nulos. Por isso, para seu funcionamento, deveriam ocorrer diversas modificações visando a segurança dos jogadores.

Essa pancadaria proporcionada tanto no *rugby* quanto no futebol americano ocasionava diversas lesões aos jogadores, para o esporte sobreviver e perdurar seria primordial atentar-se à utilização de equipamentos de segurança. Os praticantes não tinham capacetes e demoraram para inserir procedimentos plausíveis: contavam apenas com calças acolchoadas e ombreiras simplistas feitas de lã, lona e couro costuradas diretamente na camisa dos jogadores, segundo Curti (2017). Os primeiros utensílios utilizados na cabeça serviam para proteger as orelhas, como em lutas greco-romanas, e só depois de anos foram inseridos diversos capacetes diferentes pelos danos que a prática do *football* poderia trazer ao cérebro dos atletas. Somente em 1939 houve a obrigação pela NCAA, órgão responsável pelo campeonato universitário, do uso de capacetes, ano em que os outros equipamentos já estavam evoluindo demasiado para a segurança dos jogadores. Comparado ao *rugby*, ilustra Curti (2017), as proteções do futebol americano evoluíram tanto em sua sofisticação que é indubitável a diferença evolutiva que foi sendo composta.

Citado o caminho que percorreu para a diferenciação entre esses dois esportes, inspirados pelas regras do futebol e do *rugby*, essa grande partida de 1869 desenrolou-se para o início de uma nova modalidade no âmbito esportivo entre duas grandes universidades, *Rutgers* e *Princeton*, em que os times se organizavam disputando uma bola redonda com as mãos, os pés e a cabeça. Criando suas regras, a bola não poderia ser carregada, apenas batida. Após quatro anos desse evento nas terras estadunidenses, as universidades de *Princeton*, *Yale* e *Columbia* reuniram-se para definir novas regras que separassem bem definitivamente de um lado o “futebol dos Estados Unidos” e de outro o

“futebol da Europa”. A proporção e a importância que o futebol americano estava adquirindo permaneceu assim até a atualidade, contando com o aumento de espectadores no país e em diferentes países que apresentaram suas transmissões nos canais televisivos, como exemplifica Curti (2017) por inúmeros dados de audiência.

Voltando-se ao ano de 1876, houve na época o surgimento de novas regras na modalidade esportiva do futebol americano com suas primeiras mudanças efetivas para desvencilhar-se do esporte originário que era o *rugby*. Com pouquíssimas variações inicialmente, o futebol americano começou a seguir seu rumo para o que viria a ser décadas depois o esporte mais adorado pelos estadunidenses. Dentre algumas dessas modificações, pode ser citada a pontuação máxima, que no *rugby* o jogador anota um *try* ao cruzar a linha de gol no fundo do campo encostando a bola no chão. No futebol americano a partir desse momento, a pontuação máxima passa a ter a nomenclatura de *touchdown*, que conjuntamente necessitaria do mesmo procedimento na validação da pontuação. Entretanto, analisando as ideias de Curti (2017), o caminho para a solidificação e lapidação desse esporte permaneceu em desenvolvimento por muitos anos devido a diversos fatores que necessitavam de melhorias, como equipamentos, estratégias, segurança, aumento do público, cobertura esportiva, etc.

Na procura pela diferenciação do futebol americano perante ao *rugby*, o maior responsável por essas mudanças considerado pelo advogado Antony Curti escritor do *Manual do Futebol Americano* foi Walter Camp, que nasceu em 1859 e morreu em 1925, conhecido por ser o “*Father of American Football*”. Dentre suas contribuições no quesito do esporte, elaborou e introduziu um sistema de regras novas e pontuações diversas para o melhor andamento do futebol americano quando em uma situação específica, o público deparou-se com um jogo onde uma equipe teve o domínio da posse de bola o tempo inteiro e a outra não. Tornando a partida monótona pela falta de alternância na posse de bola, essas novas regras e pontuações obrigariam e incentivariam os jogadores a fornecer um espetáculo mais interessante e divertido de ser assistido. A partir desse momento, as equipes passaram a deter três avanços para avançarem cinco jardas, do contrário seriam obrigados a passarem a posse de bola para o time adversário. É possível observar que nessa época, a bola era mais pesada e não poderia haver passe para frente, dificultando o andamento do jogo.

A necessidade de uma praticidade maior nos jogos para conseguirem os avanços necessários, gerando um jogo mais dinâmico, aconteceu somente em 1906 na legalidade

do passe para frente no futebol americano, sob análise de Curti (2017). Como o esporte originou-se do rúgbi, o passe para frente não era permitido nesse esporte até esse momento, contudo, o objetivo dos estadunidenses era diferenciar-se do esporte amigo e conquistar um novo espaço. Por isso, começaram com o desenvolvimento do passe, aumentando consequentemente as regras de avanço para dez jardas em três jogadas. Pensando na dinamização do jogo, as regras necessitariam de mudanças porque eram demasiadas proibitivas caso ocorressem lançamentos. A organização então decide em 1912, modificar para dez jardas o avanço em quatro jogadas visando a facilitação para o ataque, regra existente até hoje, e passaram a ajustar as pontuações. Os passes para frente teriam sido valorizados pela diminuição da pontuação do *field goal*, que consiste no chute ao aro introduzindo de cinco pontos para três pontos em 1912, e pelo aumento do *touchdown* que valeria seis pontos. Outras pontuações como *safety* passou a ser de dois pontos e o *extra point* um ponto. Conclui-se com o advento do passe para frente, que não é permitido no rúgbi, o futebol americano passou a se especializar nessa área e a adquirir rumos que não poderiam mais ser associados ao esporte da qual se originou.

Advento a essas modificações, a bola oval não escapou ilesa. A possibilidade que surgiu do passe para frente tornou o jogo que anteriormente era mais estagnado em dinâmico, abriu espaço para estratégias totalmente diferentes, contou com uma maior imprevisibilidade das ações dos jogadores e ocorreram menos lesões. Possibilitando o distanciamento cada vez maior, era complicado lançar a bola oval pelo seu peso e tamanho, não havia aderência e sua aerodinâmica era falha. Para dimensionar a bola, no século XIX os jogadores inflavam uma bexiga de couro, apresentando amarrações com costura de algodão e couro que durante a partida desinflavam, gerando a interrupção para os próprios jogadores encherem a bola em proveito da continuação da partida. Objetivando a transformação da bola em mais maleável, houve a redução do peso e do tamanho em 1905 para o modelo *J5* e novamente modificou-se em 1925 diante a invenção da válvula de ar por Frank Buechner. As transformações não pararam durante os anos, sempre pretendendo uma melhor aderência e aerodinâmica para facilitar os passes para frente.

Com os jogos ficando mais rápidos em virtude da mobilidade que o passe para frente proporcionou, as colisões estavam sempre presentes e a saúde dos jogadores deveria ser levada em consideração, sendo assim, era essencial aprimorar os equipamentos para as companhias que atendiam o futebol americano, assinala Curti

(2017). A *Riddell Sports Group* foi a pioneira na melhora dos capacetes e na evolução dos equipamentos para a *National Football League* (NFL). Dentre as elaborações da companhia junto com o treinador Paul Brown do *Cleveland Browns*, em 1953, foram criadas grades para os capacetes feitas de borracha e plástico, além das melhorias na proteção da face e da cabeça que se popularizou na época e permaneceu até os dias atuais. Atualmente, os capacetes custam entorno de 1.700 reais cada (de 300 a 400 dólares), demonstrando a sofisticação necessária para um dos vários equipamentos do futebol americano.

Pela necessidade de uma série de equipamentos extremamente caros e que foram estrategicamente pensados para conter lesões e proteger seus atletas, pode-se definir o futebol americano como um “esporte de contato”. E esse contato, conta com possibilidades de lesões, hematomas, possíveis danos cerebrais no futuro, sangramentos, colisões corpo a corpo que interferem na saúde de uma pessoa, etc. Portanto, para o funcionamento e a legalidade do esporte, houve a necessidade do desenvolvimento das adaptações dos equipamentos e das regras visando maiores penalidades. Perante a execução do esporte, os equipamentos são vitais ao longo dos anos em virtude que garantem a segurança dos jogadores durante as partidas. Por meio dos apetrechos, os contatos são absorvidos e há a minimização em grande parte das possíveis contusões. Diante a pesquisa da NCAA, entidade responsável pela organização e funcionamento dos esportes universitários estadunidenses, Curti (2017) apresenta dados relevantes:

A luta greco-romana teve índice de 10 concussões a cada 10 mil exposições dos atletas. Foi a primeira. Em seguida, vinha o hockey sobre o gelo masculino, com 7,91. Depois, o hockey sobre o gelo feminino, com 7,52. Só aí apareceu o futebol americano, com 6,71 – e, logo na sequência, adivinha quem aparece? O futebol feminino (mais praticado que o masculino, nos Estados Unidos), e com 6,31. (CURTI, 2017, p. 20)

Portanto, quando nos dirigirmos ao esporte com a intenção de categorizá-lo como extremamente agressivo e violento, deve-se levar em consideração uma pesquisa mais abrangente relacionando o tema com outros esportes, analisando principalmente o número de lesionados em cada temporada e na evolução dos equipamentos durante as décadas para melhor esclarecimento de sua abrangência e representação. É de se esperar que quando uma pessoa leiga, que desconhece a complexidade do futebol americano, assiste a uma partida há a chance de uma interpretação equivocada do contato entre os jogadores ser associado como “pancadaria livre”. Entretanto, ao adquirir o conhecimento esportivo almejando o entendimento, a apreciação e a compreensão passam a ser distintas.

Explorar o ato de guerrear no futebol americano é visto como pertinente para entendermos essa linha tênue entre as associações do ato de guerrear com um esporte de contato como o futebol americano. É citado a guerra porque o esporte que agradou os estadunidenses surgiu em um contexto anteriormente marcado por uma Guerra Civil. Em acréscimo, a modalidade adquiriu proporções que apresentaram suas estratégias e sua grandiosidade na complexidade esportiva, sendo pouco simplista. Ele requer inúmeras estratégias, apresenta diversos equipamentos que zelam pela segurança dos jogadores e suas regras foram modificadas ao longo dos anos para uma dinâmica mais eficiente no que diz respeito ao seu funcionamento. Contudo, há semelhanças que podem ser exploradas em função do ato de guerrear com uma partida de futebol americano, até pelo linguajar utilizado retirado do contexto bélico. Ao utilizarmos o *tackle* no futebol americano e no *rugby*, palavra que pode ser traduzida por desarme, associamos consequentemente com o desarme do oponente. Essa ação remete ao desarmamento de um oponente dentro de um campo de batalha, sendo o *tackle* no esporte da bola oval o ato de parar o progresso de um jogador que está com a bola para encerrar a jogada.

Em relação ao campo do futebol americano, houve um processo de adaptação durante as décadas visando a organização das partidas para os jogadores e torcedores. Inicialmente, conceituado por Kassabian (2021), o tamanho do campo era com certas linhas horizontais de 140 jardas x 70 jardas, em seguida reduziu-se para 130 jardas x 53,3 jardas e novamente diminuíram o campo passando a ter 120 jardas x 53,3 jardas. Anteriormente a comparação do campo para o *football* poderia facilmente ser associado ao do *soccer*, posteriormente, adquiriu uma coleção de marcações colocadas estrategicamente para facilitar a visão dos jogadores, do público, dos narradores, dos árbitros e dos comentaristas. Para exemplificar essas transformações durante os anos de formação do esporte da bola oval, a adaptação do sistema de descidas ocasionou na necessidade dos campos esportivos acompanharem os avanços com as linhas horizontais e as *hashmarks* criadas em 1933, linhas curtas perpendiculares as linhas laterais.

Ao contemplarmos as traves no futebol americano perante o rúgbi, esclarece Kassabian (2021), estavam localizadas próximo a linha de gol e por diversos anos a liga de futebol americano, *National Football League*, manteve o seu posicionamento e a sua altura. Contudo, apresentavam o problema da colisão direta dos atletas com as traves. Por muitas vezes, discorreu transmissões em que os praticantes recebiam passes longos e acabavam colidindo com o aro, consequentemente se machucando com o choque. Para

solucionar o problema, o *College Football* esquematizou um novo posicionamento para as traves onde alteraram-se para a linha do gol. É possível perceber em uma partida de futebol americano as novas áreas finais a partir dessa mudança de localização do aro, facilitando consideravelmente os jogadores na questão de referenciar-se para a execução da pontuação máxima. Ademais, refletindo sobre a facilitação para os árbitros do chute no aro, a altura das traves aumentou contribuindo para a visão de todos no estádio. Fica evidente que o futebol americano passou por diversos processos para a melhor elaboração do esporte, sendo notório seu aprimoramento em todos os âmbitos.

#### 2.4 DEFINIÇÃO DO FUTEBOL AMERICANO

A história da formação do futebol americano como um esporte acompanhou diversas modificações durante as décadas que se passaram. Com várias mortes ocorridas durante partidas dessa modalidade esportiva, buscou-se chegar ao aprimoramento concomitante com a lapidação dos equipamentos e das regras do jogo. A falta de equipamentos tecnológicos, que visavam a diminuição dos impactos em uma linha de confronto, ocasionaram falecimentos que contribuíram para a disseminação do caráter violento do esporte em suas décadas iniciais. É possível notar que ao citarmos as mudanças ocorridas, a exemplificação da evolução do esporte da bola oval torna-se mais clara. Após a diferenciação do futebol americano perante o *rugby*, na partida entre as universidades de *Rutgers* e *Princeton* - além da reunião entre as universidades de *Princeton*, *Yale* e *Columbia* onde houve a definição das regras iniciais do “futebol dos Estados Unidos” - a versão que serviu de ponto inicial para o que hoje é o futebol americano foi a optada pela Universidade de Harvard, onde o jogador poderia correr com a bola oval até o campo adversário. Logo, em 1875, uma parcela das universidades consideradas da elite estadunidense se reuniram para refletir sobre as modificações que estariam por vir.

Nessas alterações ocorridas durante as décadas iniciais em busca da definição do que seria o esporte surge o *snap*, no qual a bola oval é passada das pernas de um jogador para o outro no início da jogada. Contudo, esse ato prejudicou o andamento dos jogos que acabavam em um placar sem pontuação pela monopolização de um time perante o outro, transformando o jogo em uma monotonia. Visando a resolução desse problema, Walter Camp em 1882 estabeleceu a regra que uma equipe obteria três descidas para avançar 5

jardas, não ocorrendo esse êxito deveriam devolver a posse de bola. Nesse momento, além de diferenciar das pontuações do *rugby*, representou um divisor de águas de um esporte para o outro. Ao explorarmos a disseminação do caráter violento do futebol americano em seu surgimento, citamos as inúmeras mortes reportadas no início de sua formação. Em 1905, foram reportadas 18 mortes e 159 machucados graves, elencadas pelo jornal *Chicago Tribune*. Perante esse cenário violento, evitando que o esporte fosse banido do país, o presidente Theodore Roosevelt dos Estados Unidos, elucida Curti (2017) proibiu a formação em “V”. Esse ato foi responsável pela popularização, melhora e redução da violência no esporte.

Após esse ocorrido, o técnico da Universidade de Harvard, Bill Reid, convocou um comitê que consecutivamente originou a *National Collegiate Athletic Association* (NCAA) dispendo-se a reformulação das regras do futebol americano. Estipularam para 10 jardas o objetivo de cada time com quatro descidas, anteriormente três descidas a seu favor. Em acréscimo, adentraram o passe para a frente que tornou-se permitido, na busca de um jogo mais liberto e com menos formações, responsáveis pela origem de lesões. A partir do contexto da formação em “V” ter sido banida, houve o estabelecimento da linha de *scrimmage* em que seis jogadores deveriam estar na linha perpendicular que fornece início a jogada. Ademais, elucida Kassabian (2021) o campo usufruiu da sua metragem definida em 100 jardas com duas áreas de objetivo final, denominadas *end zone*.

Fica evidente que dentre diversas alterações, a intenção era deixar o futebol americano mais organizado. A mudança que permitiu o passe para frente transformou o esporte cada vez mais distante do amigo próximo que conhecemos como *rugby*, assinala Curti (2017). Prosseguindo com as inúmeras mudanças nas regras do esporte ao decorrer dos anos, chegamos em 1912 na qual estipulam o *touchdown* como pontuação máxima comparado ao *field goal*, o chute no aro. Em 1919, os jogadores denominados elegíveis poderiam receber o passe da bola em qualquer parte do campo e, no ano seguinte, com o *roughing the passer* na qual a punição física ao passador após a bola ter sido lançada torna-se proibida. Outrossim, a importância do ano de 1933 para a liga esportiva do futebol americano com a ideia do passe pra frente ser legalizado de forma menos criteriosa, entre outros fatores.

Para entender a história do surgimento e da continuação da NFL até os dias atuais, pontua Kassabian (2021), parte-se da formação em 1920 da *American Professional Football Association* (APFA) que tinha o objetivo de aumentar a profissionalização do

esporte com franquias fundadoras da APFA: *Akron Pros*, *Buffalo All-Americans*, *Canton Bulldogs*, *Chicago Cardinals*, *Chicago Tigers*, *Cleveland Tigers*, *Columbus Panhandles*, *Dayton Triangles*, *Decatur Staleys*, *Detroit Harolds*, *Hammond Pros*, *Muncie Flyers*, *Rochester Jeffersons* e *Rock Island Independents*. No final da primeira temporada, parte das equipes faliram e outras foram canceladas. Desse início do futebol americano, dois times mantêm-se até os dias atuais sendo eles *Decatur Staleys*, atual *Chicago Bears*, e *Chicago Cardinals*, atual *Arizona Cardinals*. No ano seguinte, houve a adesão do *Green Bay Packers* que obteve a falência pelo baixo número de audiência e pelo clima de sua cidade não ser favorável a prática esportiva. Contudo, a equipe se reergueu e permanece até os dias atuais. Em sua terceira temporada, a APFA tornou-se a famosa NFL.

No ano de 1929 ocorreu um dos marcos de uma das maiores crises do capitalismo na história com a queda da bolsa de valores, afetando conseqüentemente grande parte do setor econômico. É prudente afirmar que os Estados Unidos vieram de um período da Primeira Guerra Mundial, que ocorreu entre 1914 a 1918, na qual eles foram os principais fornecedores dos países europeus e com isso, exportaram uma quantidade de produtos significativos para o crescimento de sua economia, assegura Curti (2017). No pós-guerra, os estadunidenses assumiram o caráter de maior potência econômica do mundo e dispararam economicamente, contudo acabaram por produzir mais que o necessário, gerando assim um déficit. Portanto, quando o calendário atingiu o ano de 1929, o país estadunidense enfrentou uma crise interna gravíssima com o alto índice de desemprego. Nesse cenário, a crise financeira que tanto abalava o país do presidente Herbert Clark Hoover também afetou o futebol americano. Dentre esses abalos, em 1931 houve abandono de operações no meio do campeonato e no ano seguinte um campeonato reduzido.

Na década de 1930 a situação financeira dos times estava ameaçada, logo, alguns clubes não permaneceram com as suas atividades. Apenas duas equipes se mantiveram nesse cenário financeiro caótico, as outras se viram impossibilitadas de seguir o calendário esportivo segundo Kassabian (2021). Com o passar dos anos, as falências foram sendo reduzidas no futebol americano pelos investimentos financeiros de agentes específicos. O evento anual denominado de *Draft*, onde os times escolhem jogadores provenientes do futebol americano universitário, há o fortalecimento das equipes menores em prol do equilíbrio no esporte sem grandes gastos. O *Draft* da NFL acabou servindo,

principalmente, para balancear os times da liga que passaram por falta de dinheiro, imprevistos, falta de organização, troca de jogadores, crise financeira, etc.

Advento a Segunda Guerra Mundial entre 1942 a 1945, com a participação dos Estados Unidos, o esporte passou por momentos de dificuldade e instabilidade em relação aos seus jogadores e dirigentes que ingressaram no exército. Grandes atletas contribuíram para o país nas forças armadas e deram suas vidas em diferentes campos, dessa vez em uma guerra e não em um jogo. O desfalque nas equipes em consequência desse período histórico foi grandioso, ressalta Kassabian (2021), ocorrendo a união para manter as atividades entre *Philadelphia Eagles* e *Pittsburgh Steelers* formando os *Steagles*, os times do *Rhode Island Rams* suspendendo as atividades por um curto período e outra união executada pelo *Pittsburgh Steelers* com o *Chicago Cardinals* para suprir a falta dessa demanda no campo esportivo.

Nos anos de 1940 ocorreu a fusão da NFL com a *All-America Football Conference* (AAFC), contribuindo para admissão de novos times que permanecem até os dias atuais na liga profissional da NFL. Nesse período, o jogo terrestre teve um desapego perante o jogo aéreo, fornecendo novos rumos para o futebol americano em virtude de avanços maiores. Por seguinte, a partir dos anos 1950 realça Kassabian (2021), houve uma crescente urbanização nos EUA, a disseminação da cobertura dos jogos da liga profissional de futebol americano, mais modificações de regras que permitiam uma evolução dentro do campo e a moral do país que veio de uma guerra em que se consideraram vitoriosos. Nesse ano, houve outras mudanças nas regras, as quais as equipes poderiam fazer substituições indefinidamente, ocorrendo uma especialização em times de defesa e de ataque, concentrando uma qualidade de jogo com nível técnico melhor.

Na busca do aumento da audiência televisiva do futebol americano nos Estados Unidos, certas emissoras resolvem comprar os direitos de transmissão dos jogos da NFL. No ano de 1958, ocorreu a *The Greatest Game Ever Played*, que foi uma das maiores partidas de futebol americano na época segundo Curti (2017), assistida por 45 milhões de pessoas, representando 25% da população total dos EUA. A partida foi jogada pelas franquias que permanecem atualmente, os *Colts* e os *Giants*, com morte-súbita na prorrogação. O jogo foi emocionante e acirrado, gerando uma onda de novos torcedores do futebol americano. Também conquistou um novo lugar perante o beisebol, esporte

com origem anterior ao futebol americano e muito popular no país. O sucesso dessa partida chamou atenção de novos empresários que elaboraram uma liga rival frente a NFL em 1960, a denominada *American Football League* (AFL). Ressaltando que, com a popularização das televisões nos EUA, os jogos se tornaram mais acessíveis. Além do conforto de assistir em casa e sem a necessidade de ir aos estádios, conseqüentemente surgiram novos torcedores.

A AFL, a liga rival a NFL, em sua formação apresentou oito times, dos quais alguns atuam até os dias atuais, para rivalizar perante a maior liga de futebol americano. A liga assinou contratos com a televisão estadunidense onde lucraria 2,1 milhões de dólares por ano, inovando no contrato e mostrando justiça ao igualar a quantidade respectiva de valores para cada franquia, aponta Curti (2017). Por esse fato, aumentou a competitividade pela igualdade de dinheiro que seria investido no esporte. Como exemplo para NFL, a AFL foi uma ótima antagonista a longo prazo visto que acrescentou diversos times que seguem atuantes, além dos bons contratos financeiros que impulsionaram o desempenho das franquias.

Em 1960 os times participantes da NFL, enumera Kassabian (2021), eram na *Eastern Conference* o *Cleveland Browns*, *New York Giants*, *Philadelphia Eagles*, *Pittsburgh Steelers*, *St. Louis Cardinals* e *Washington Redskins*. Na *Western Conference* eram o *Baltimore Colts*, *Chicago Bears*, *Dallas Cowboys*, *Detroit Lions*, *Green Bay Packers*, *Los Angeles Rams* e *San Francisco 49ers*. Os times participantes da AFL em 1960 eram na *Eastern Division* o *Boston Patriots*, *Buffalo Bills*, *Houston Oilers* e *New York Titans*. Na *Western Division* tínhamos o *Dallas Texans*, *Denver Broncos*, *Los Angeles Charges* e *Oakland Raiders*. Nota-se que muitos dos times que compuseram uma das ligas permanecem até os dias atuais na NFL. É pertinente se atentar para a troca de nomes de algumas equipes: em 1961 *Los Angeles Chargers* passou a ser *San Diego Chargers*, *New York Titans* virou *New York Jets* em 1962 e *Dallas Texans* mudou de cidade passando a ser o *Kansas City Chiefs*.

O contexto em que os Estados Unidos estava inserido contribuiu para a possibilidade da nova preferência dos estadunidenses frente a um esporte. No final da década de 1950, os Estados Unidos ingressam ainda na Guerra da Coreia e no final da década de 1960 na Guerra do Vietnã. Esse cenário marcado por guerras, conflitos e estratégias remete ao futebol americano, que acompanha todos esses aspectos dentro de um jogo. A modalidade esportiva estava de acordo com o período estadunidense,

ocorrendo a simpatia por semelhança e o aumento do número de telespectadores que necessitavam acompanhar essas supostas guerras dentro dos campos. O dinheiro, nesse caso, possibilitou que os times crescessem até rivalizarem fortemente com os times que compunham a NFL, sendo a presença da AFL cada vez mais impactante. Segundo Curti (2017, p. 58): “Em 1965, pela primeira vez na história, o futebol americano era listado como a modalidade preferida dos americanos numa pesquisa da Harris por 41% - em oposição a 38% daqueles que colocavam o beisebol como seu esporte favorito.”.

A necessidade de união das duas ligas, que antagonizavam no período, deveu-se ao acordo de contratação onde estipulava que uma liga não deveria contratar jogadores que estivessem sob o contrato da outra liga, contudo, o *New York Giants* estava vivendo um momento conturbado e acabou admitindo o *kicker* do *Buffalo Bills*, notório pela excelência no esporte, ressalta Curti (2017). Ocorrendo a quebra desse acordo, houve um incentivo para outras franquias da AFL em contratarem ativos da NFL. Para evitar contratos expansivos, as duas ligas se viram na disposição de uma fusão na busca de evitarem a inflação dos jogadores e conseqüentemente uma guerra financeira. Visando eliminar a rivalidade, as ligas criaram o *Super Bowl* que concentra-se na final entre os dois melhores times das ligas da NFL e da AFL, ocorrendo o primeiro encontro entre o *Green Bay Packers* da NFL que saiu vitorioso por 35 a 10 sobre o *Kansas City Chiefs* da AFL.

Em 8 de junho de 1966, ocorreu a fusão entre as duas ligas, NFL e AFL, formando a NFL com acréscimo de novos times e com um calendário em comum para todas as equipes. Nessa época, acrescenta Curti (2017), surgiu o nome informal do *Super Bowl*, antes *AFL-NFL Championship Game*, que apresentou uma espécie de final do futebol americano. Este evento era para toda a população estadunidense assistir uma partida entre as duas melhores equipes da temporada.<sup>4</sup> É notório que esse espetáculo fornece uma grande quantidade de dinheiro para os times, além de ser transmitido para diversos países.

Nessa fusão entre as ligas da AFL e NFL, houve a necessidade da organização do calendário de jogo e da legitimidade de quais times iriam compor o cenário esportivo de uma liga única. Na decisão final, os vinte e seis times existentes foram divididos por critério principal de antiguidade, onde as franquias formadas há mais tempo compunham

---

<sup>4</sup> A primeira vitória nesse espetáculo foi do *Green Bay Packers* perante o *Kansas City Chiefs*, dois times que permanecem ativos, e a segunda novamente do *Green Bay Packers* frente ao *Oakland Raiders*.

a *National Football Conference* (NFC) e as mais novas que pertenciam a AFC, compunham a *American Football Conference* (AFC) com acréscimo para balancear dos times *Browns*, *Steelers* e *Colts*. Cada conferência apresentaria três divisões nas quais nos *playoffs* teriam a participação de cada campeão de divisão com o segundo melhor, após essas partidas ocorreria o *Super Bowl* entre os dois melhores colocados da liga por um todo, em adição a Curti (2017).

## 2.5 FUNCIONAMENTO DO FUTEBOL AMERICANO

Adentrar no funcionamento do futebol americano é pertinente para o entendimento do nosso objeto de estudo que envolve um esporte de contato originário de outro país. Na busca da melhor conceituação do esporte, trata-se de dois times opostos com onze jogadores em um campo retangular em que sua base, comprimento do campo, é quase o dobro da altura com marcações para facilitar a visão de todos. O objetivo da partida é chegar no final do campo com a posse de bola para pontuar o *touchdown*, equivalendo seis pontos, e ter o *extra point*, um ponto adicional. Caso uma equipe não consiga, há a possibilidade do *field goal*, totalizando três pontos, que vale a metade da pontuação do *touchdown*, a tentativa na quarta descida ou devolver a bola oval para o adversário começar sua campanha. Cada equipe apresenta onze jogadores de defesa e onze jogadores de ataque principais, além dos reservas com trocas ilimitadas. É válido lembrar do cuidado para não ser derrubado em sua própria *end zone*, final de área, e sofrer o *safety*, totalizando dois pontos.

O jogo pode ser visto como uma batalha em proveito da ocupação de território, similar uma guerra onde um inimigo necessita avançar sobre o outro. O jogo inicia por um pontapé denominado *kick off*, há um chute na espera de um retornador do outro time agarrar a bola para avançar o máximo de jardas ou fazer até mesmo o *touchdown*, chegando na respectiva área final. Se o jogador agarrar a bola na *end zone*, área final, e se entregar, declinando um possível retorno, a campanha começa na linha de vinte e cinco jardas. Caso arrisque um retorno, o início passa a ser onde o mesmo sofrer o *tackle*, o desarmamento, assinala Kassabian (2021). A campanha consiste em avançar dez jardas em quatro tentativas, podendo avançar correndo ou lançando a bola. Caso alcance as jardas necessárias, há a renovação do direito de quatro tentativas para mais dez jardas, sendo a campanha chamada de *drive*.

As jardas citadas são uma unidade de comprimento que mede 0,914 metro cada, contabilizadas a partir da *linha de scrimmage* que se refere a linha imaginária onde começa a jogada com a posse de bola, exemplifica Kassabian (2021). Para situar os torcedores das arquibancadas, há postes laranjas que visam facilitar o acompanhamento das descidas sinalizando o percurso a ser atingido. O objetivo perante essas descidas é cumprir esses requisitos nas primeiras três tentativas, do contrário arriscar na última tentativa é perigoso. No quarto avanço, denominamos quarta descida, há três opções a serem feitas. A primeira é arriscar o avanço das jardas que faltam, contudo, perder a bola para o time adversário ocasiona o início da campanha contrária no local desta tentativa. A segunda abrange o chute de devolução que obriga o time adversário a começar a próxima campanha mais longe de onde estava, pela força do chute de afastamento do *punter*, o chutador. Se neste chute a bola entrar na *end zone* é considerado *touchback*, onde o adversário começa a posse de bola na linha de 20 jardas ou há a opção do retornador correr até sofrer o *tackle*, o ato de parar o adversário. Por fim, a terceira onde há a possibilidade de um chute no aro valendo três pontos feito pelo *kicker* que é o chutador, executando assim um *field goal*, chute no aro.

Em relação ao espaço para o corrimento do esporte segundo Kassabian (2021), atualmente os campos de futebol americano da NFL tem 120 jardas na qual as *endzones*, áreas finais, representam 10 jardas cada. Há as marcações que são as *yard line* representando 5 jardas, as diversas *hashmarks* equivalendo a 1 jarda, a *redzone* representando as 20 jardas finais e a *sideline* sendo a linha lateral que finaliza o espaço. No final do campo, há o *goal post*, um aro em forma de “Y” que pode ter convertido em 3 pontos no *field goal* ou 1 ponto no *extra point* quando a bola ultrapassa por entre o Y. Para a realização das jogadas, o estudo do *playbook* auxilia por ser um livro de todas as estratégias combinadas que os atletas têm que memorizar, segundo Kassabian (2021, p. 37): “Na maioria das vezes, o *playbook* é bem grande, tem muitas jogadas e opções a serem executadas (cerca de 100 jogadas).”. E ainda há a chamada de jogadas, denominada *play call*, geralmente instruída pelo *head coach* que é o treinador ou coordenador ofensivo para o *quarterback*, o lançador.

A bola do futebol americano é oval, produzida com couro bovino, coloração marrom, pintada com linhas brancas para facilitar a visão noturna e tendo uma superfície

enrugada para evitar deslizos.<sup>5</sup> Os equipamentos variam de *pads* que são almofadas que servem para evitar lesões no choque entre os atletas, as *shoulder pads* que são ombreiras que protegem os ombros e o peito, as *hip pads* são como protetores de quadris, as *black plate* protegendo as costas do jogador, as *neck collars* assegurando o pescoço, as calças justas no corpo para evitar repuxo, o *helmet* sendo o capacete que evita colisões na cabeça, as luvas diferenciadas dependendo da posição, as chuteiras e o uniforme do jogador.

O uniforme do futebol americano tem suas numerações diferenciadas para facilitar a identificação da posição dos jogadores e de qual jogador está em campo, podendo ir do número 1 ao 99. Em 1973, a NFL, liga de futebol americano profissional, estipulou que cada posição deveria respeitar a numeração encarregada. Para o *quarterback* utiliza-se numeração de 1 a 19, o *running back* de 1 a 49 ou 80 a 89, o *wide receiver* de 1 a 49 ou 80 a 89, o *tight end* de 1 a 49 ou 80 a 89, o *offensive lineman* de 50 a 79, *defensive lineman* de 50 a 79 ou 90 a 99, *linebacker* de 1 a 59 ou 90 a 99, *defensive back* de 1 a 49, *kicker* e *punter* de 1 a 19. Segundo Kassabian (2021), a numeração pode ser repetida desde que sejam de times diferentes, do ataque ou da defesa, podendo ocorrer a aposentadoria do número quando se há um ídolo de um time, ocasionando que outro jogador não possa escolher este número para representá-lo.

A durabilidade de uma partida de futebol americano abrange 60 minutos que são divididos em quatro quartos de 15 minutos cada, ocorrendo intervalo de 12 minutos no fim do segundo quarto, além do *overtime* que apresenta a prorrogação com um quarto extra de 10 minutos caso a partida termine empatada. Todavia, o cronômetro para em diversas situações, ocasionando em uma partida extremamente extensa que gira em torno de 3 horas totais de jogo, pontua Kassabian (2021). Comparado ao *soccer*, com 90 minutos e um intervalo de 15 minutos podendo ter acréscimo na partida, o esporte da bola oval pode assustar o telespectador que não esteja acostumado com a sua duração. Dentre os tópicos que podem parar o relógio no futebol americano: quando há um retorno; mediado pela arbitragem; passe incompleto; *turnover on downs* onde a quarta descida fracassa; pontuação feita; sair pela lateral do campo; desafios; faltas e o *timeout* que é o tempo quando falta 2 minutos para o jogo denominado *two-minute warning*.

---

<sup>5</sup> Acerca das dimensões da bola, segundo Kassabian (2021, p. 32): “As dimensões aproximadas da bola são 27,9cm de comprimento e 17,7cm de largura, com circunferência de 72 cm de comprimento e 54 cm de largura.”.

O elenco do futebol americano é famoso pela quantidade de jogadores que apresenta, em média formado por 53 atletas cada time dos quais apenas 47 podem ser escalados para um jogo. Além desses atletas, há o *practice squad* que são 10 jogadores que treinam junto com os titulares, contudo não podem entrar em campo, segundo Kassabian (2021). Durante uma partida, pode-se ter 11 jogadores em campo ocorrendo substituições ilimitadas. Geralmente, os times se dividem em time ofensivo e defensivo, cada qual se especializando o máximo possível para ter excelência. O time ofensivo apresenta: o *quarterback* que é o lançador; o *running back* que é o corredor; *half-back* que recebe a bola; *fullback* que recebe a bola e bloqueia os jogadores inimigos; *slotback* que é recebedor do passe; *wide receiver* recebedor também; *tight end* que recebe e bloqueia; *offensive line* que bloqueia; *center* que faz o início da jogada e bloqueia; *offensive guard* e o *offensive tackle* que bloqueiam.

O time defensivo, acrescenta Kassabian (2021), apresenta o *defensive line*, *defensive tackle*, *defensive end* que bloqueia, *linebacker* com *insides linebackers* e *outside linebackers*, *defensive back* com *cornerback* e *nickelback* e *safety* que interceptam passes longos. A maioria visa bloquear os jogadores do ataque, derrubar o jogador adversário e outros interceptam o passe. Além da formação de times ofensivos e defensivos, há os especiais que servem para chutar o *kick off*, chutar *punts*, retornar *punts* e chutar ou defender o *field goal*. O *kicker* é responsável por chutar os *field goals*, *extra points* e *kickoffs*. O *punter* é o encarregado dos *punts* e *safety punts*. O *long snapper* faz os *snaps* mais longos para o *holder* ou o *punt*. O *holder* é quem recebe a bola do *long snapper* e em seguida chuta; o *kickoff specialist* chuta os *kickoffs*. O *returner* que retorna correndo um *kick off* ou *punt*, o *gunner* tenta parar o retornador e o *protector* que protege o *punter*.

Visando organizar um time de futebol americano, a sua comissão técnica começa pelo *head coach* que é o técnico principal de um time de futebol americano. Ele exerce funções como contratação de jogadores, quais jogadores serão titulares, quais atletas serão dispensados, se preocupa com a renovação dos contratos, define o estilo de jogo, define quais jogadas do *playbook* serão executadas, estipula se optarão pela quarta descida, reflete se ocorrerá o *extra point* ou a conversão de dois pontos, etc. Há ainda os coordenadores que ajudam na montagem do *playbook*, treinam as jogadas, verificam o estado dos jogadores, assistem aos jogos anteriores para analisar pontos fracos. Dentre os coordenadores, existe o coordenador ofensivo, defensivo e dos times especiais, cada qual com sua especificidade. Finalizando a equipe por Kassabian (2021), há o *general*

*manager* que é o responsável por supervisionar todo o departamento do futebol americano e reporta para o dono da franquia, podendo contratar e demitir jogadores, negociar renovações ou trocas.

A arbitragem do futebol americano é composta por sete árbitros, cada qual com seu posicionamento e funções que diferem entre si para a melhor performance, elucida Kassabian (2021). Dentre os árbitros há *o referee, umpire, line judge, down judge, field judge, side judge* e *o back judge*. As faltas e punições, sinalizadas por bandeiras amarelas, são vastas no esporte e não passam despercebidas, haja vista a possibilidade do uso de imagens televisivas para confirmar as atitudes dos jogadores. Dentre as faltas, há o bloqueio abaixo da cintura como ilegal, o bloqueio nas costas que não é permitido, o atraso do jogo, a invasão de uma zona neutra, a saída falsa, quando um atleta segura outro pelo capacete, a colisão do choque de capacetes, segurar o oponente sem a posse de bola, a investida pelo colarinho, o contato ilegal, a formação ilegal dos jogadores, passe ilegal para frente, o chute ilegal, o impedimento e outras faltas que são diversas no universo esportivo do futebol americano que não saem isentas a arbitragem.

### 3. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

Estruturar um estudo voltado para o futebol americano no Brasil torna-se conflituoso pela escassez de fontes históricas direcionadas para esse assunto. Portanto, analisar o futebol americano em contraponto ao futebol brasileiro nos auxilia na melhor elaboração do tema. É compreensível na procura da análise sobre futebol americano por historiadores brasileiros deixar a desejar em virtude do esporte ter ingressado no Brasil tardiamente. Comparado com o futebol, esporte mais popular no Brasil, seu estudo não foi bem explorado na historiografia brasileira, ocasionando na necessidade do auxílio de outro esporte para o entendimento do seu papel na sociedade. Vale ressaltar que a modalidade esportiva adquire sua magnitude atualmente pelas inúmeras transmissões nas televisões, na maior visibilidade que vem adquirindo, no seu potencial em adentrar as escolas brasileiras nas aulas de educação física, no maior acesso da mídia brasileira perante a mídia estadunidense e na disseminação do protagonismo do esporte nos futuros trabalhos científicos.

Na elaboração do tema, parte-se da hipótese daquilo que é falado sobre o futebol brasileiro se comentado comparativamente ao futebol americano, exemplifica que, se o futebol brasileiro expressa a identidade nacional brasileira, o futebol americano também expressaria a identidade nacional americana, por consequência, ambas as modalidades esportivas podem ser contrastadas entre si. Em acréscimo, Negreiros (2003, p. 122) constata: “Os vínculos que a sociedade brasileira construiu com esse esporte são por demais fortes para que se continue a desqualificar o futebol enquanto uma experiência cultural das mais significativas.”. À medida que aumenta e é mais explorado pelos jornais e veículos de comunicação temas a respeito do futebol americano, sua importância futura como possível objeto de diversas pesquisas históricas é posta em questão. Seja qual modalidade esportiva do futebol, o *soccer* ou o *football*, ambas exprimem um caráter referencial na possibilidade de entendermos alguns aspectos que perpassam o contexto da época selecionada.

As reportagens a serem analisadas durante o projeto auxiliam na compreensão do conceito de identidade nacional, seja ela brasileira ou estadunidense, sempre contrastada entre si e divergindo das opiniões dependendo do meio que estão inseridos os personagens. Por meio da análise da cobertura do esporte mais jogado nos Estados Unidos, nota-se as tensões e os conflitos internos que perpassam os acontecimentos nacionais e internacionais permitindo questionamentos significativos quando há a

explicação de um esporte. Além dos comentários específicos, de vivências no ano de 1954 no futebol americano no Brasil e de outros fatores que citaram nos jornais brasileiros a ocorrência do esporte mais querido pelos adoradores do Tio Sam, a personificação nacional dos Estados Unidos.

Importante frisar que o futebol pode ser visto como um ritual, por isso, entender esse processo pode nos fornecer a expressão de uma totalidade onde as globalizações presentes são consagradas principalmente. Por seguinte, passa a permitir uma singularidade e uma identidade por meio do esporte no qual cada geração estipula os fatos que permanecem coerentes para suas perspectivas. Ao analisarmos o livro *Carnavais, malandros e heróis* (1981) de Roberto DaMatta, surge a analogia do futebol como um ritual que nos apresenta uma compreensão maior e complexa de quando podemos associar o esporte de lazer com ritualizações que passam a englobar o cenário nacional. Ao criar um momento coletivo, como uma partida de futebol, há o despertar e conseqüentemente um sentimento de união nacional na população inserida no esporte. Ao analisarmos o ritual na sociedade, DaMatta (1981) expõe:

Mas, na sociedade industrial, individualista e moderna, o ritual tende a criar o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional no coletivo e no nacional. Daí as comemorações e, sobretudo, os ritos esportivos, em que a dialética da competição individualista acaba por formar uma totalidade englobada por quem sai vitorioso e assim “come”, “papa”, “engole” o adversário e toda a disputa. Isto é, engloba na vitória os outros indivíduos, passando a expressar o campeonato. (DAMATTA, 1981, p. 33)

O DaMatta (1981) auxilia no entendimento do futebol e de suas conseqüências nas construções identitárias através de suas pautas e pesquisas relacionadas a identidade nacional. O mesmo apresenta os indivíduos pertencentes a uma sociedade como representantes das expressões sociais que estão em meio a um cenário nacional contraditório e conturbado, porém, que representam deveras o contexto ao qual estão inseridos. Ao se dirigir sobre a singularidade brasileira, DaMatta (1981), apresenta que o que faria o Brasil é a inesgotável criatividade brasileira acasaladora. Permitindo desta maneira, explorarmos a identidade brasileira e ainda usá-la com o acréscimo do futebol, sendo a representação do brasileiro.

O futebol, antes de tudo, era reservado para as elites das quais predominantemente eram constituídas por brancos, assinalam Helal, Lovisoló e Soares (2001). A entrada do esporte inglês, anteriormente resguardado para o continente europeu, fora aprendido por brasileiros no exterior que ao retornarem ao Brasil compartilharam o novo esporte bretão

para as camadas mais elitistas da comunidade, sendo essa inserção marcada por uma seletividade. Posteriormente, os negros adentraram os campos de futebol questionando a supremacia aristocrata branca que se apossara do esporte. Sua adoção ampliada se deu em parte pela não exigência dos custos altos para o exercício esportivo e no seu fácil aprendizado, possibilitando atingir todas as camadas da população.

O estilo brasileiro de jogar futebol foi um processo de construção com a miscigenação. A elite branca com um futebol elitista e categórico, os negros dos subúrbios com um futebol marcado por intuição e invenções de um estilo único, sendo ambos personagens distantes entre si. Todavia, quando ocorreu a mistura entre as raças no futebol, desencadeou uma revolução no estilo do *soccer* sendo seu pioneiro o Clube de Regatas do Vasco da Gama, em 1923. A equipe vascaína entrou em campo com um time formado por personagens multirraciais e miscigenados, os quais apresentaram um futebol brasileiro diferente pelas suas habilidades apreendidas nas ruas e não em grandes colégios elitistas. Como assegura Helal, Lovisolo e Soares (2001):

Mário Filho diz que o branco aprendia o futebol na academia, com professor, e o preto e o mulato aprendiam na “escola pública, isto é, na rua, sem professor. Mas, desse aprendizado sem professor, descalço, com bola improvisada, é que nasceria a forma do negro aprender a jogar o futebol à brasileira. (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001, p. 20)

O nascimento do futebol brasileiro estabeleceu-se nos campos e na disputa que chamavam de “pelada” nos terrenos baldios. Neste momento, o *soccer* adquire um estilo único que divergiu dos ingleses por muitas décadas subsequentes, apontam Helal, Lovisolo e Soares (2001). Na mistura das classes sociais, o branco de família abastada que havia estudado nos melhores colégios depara-se com pé-rapado analfabeto filho de uma família paupérrima que apresentava um talento e uma habilidade ímpares, não podendo mais ser deixado de lado no meio esportivo. Todavia, no processo de inserção dos negros e jovens favelados, houve relutâncias e protestos como a exclusão do time vascaíno da nova liga esportiva denominada Associação Metropolitana de Esportes Atlético (AMEA). É necessário enfatizar que durante todo o processo de miscigenação dentro dos campos de futebol, o espaço dos negros foi sendo conquistado aos poucos devido as incontáveis discriminações raciais prestadas por outros jogadores, técnicos e torcedores dos times de futebol.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Acerca do tema, é pertinente a indicação do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, de Mário Filho, 1ª edição publicada em 1947.

Diante a análise de Helal, Lovisolo e Soares (2001), há o apontamento do estilo brasileiro ter sido criado pela aceitação do negro no futebol europeu. O argumento se baseia pelas desigualdades raciais em quadra, por exemplo, os negros não poderiam empurrar, dar encontrões ou esbarrar com os brancos sob pena severa de agressões pelos jogadores brancos ou policiais de fora da partida. Isto impulsionou a criatividade dos negros em inventarem os dribles pela necessidade de escaparem dos confrontos diretos, permitindo assim, a permanência na área esportiva com segurança. Há uma constante análise por parte dos autores diante a apropriação cultural no esporte ou as tensões raciais pautarem o novo estilo brasileiro de jogar o *soccer* na época. Contudo, não há uma clareza em qual das duas predominou no assunto.

Quando exploramos Anderson (1983), há a discussão da finalidade do nacionalismo surgir para combater as ideias religiosas e dinásticas, não se alinhando as ideologias políticas normalmente adotadas e sim, aos grandes sistemas culturais citados. Ambos no passado eram culturalmente considerados incontestáveis, todavia, a nacionalidade passou a questionar o seu espaço quando houve a formação da mesma no final do século XVIII. Houve, portanto, o declínio das grandes comunidades imaginadas religiosamente que eram ligadas por uma língua sagrada pela exploração do mundo europeu e um rebaixamento gradual dessa linguagem sagrada. O florescimento da ideia de nação na Europa surgiu por meio do romance e do jornal, com contribuições riquíssimas para esse processo de criação de uma nação e de suas representações.

Ao depararmos com o conceito das comunidades imaginadas de Anderson (1983), o exemplo do jornal é pertinente para o entendimento do coletivo simultâneo que sustenta a ideia de nação. Uma pessoa ao ler o jornal, seja em qual horário for e quantas vezes ao dia esteja lendo, realiza em sua privacidade a leitura, mas tem a plena consciência que essa ação está sendo repetida por inúmeras pessoas simultaneamente com a identidade anônima. Além do fato do jornal ser distribuído por todos os lugares da cidade, afirmando um mundo imaginado na vida cotidiana. Assegura Anderson (1983, p. 69) a respeito da utilidade dos jornais para a constituição de uma comunidade imaginada: “Como em *Noli me tangere*<sup>7</sup>, a ficção se infiltra contínua e silenciosa na realidade, criando

---

<sup>7</sup> Expressão latina que significa não me toques na Língua Portuguesa. É a versão em Latim das palavras ditas por Jesus a Maria Madalena quando ela o reconhece após sua ressurreição.

aquela admirável confiança da comunidade no anonimato que constitui a marca registrada das nações modernas.”.

O capitalismo permitiu que por meio da imprensa na Europa, nos anos de 1500 a 1600, ocorresse a disseminação do conhecimento por meio dos jornais e romances, transformando o setor editorial e ampliando as fronteiras nacionais. Além das bibliotecas católicas estarem esgotadas, necessitando de uma mudança do público-alvo para os menos letrados pela distribuição de vernáculos, partindo nesse momento para o surgimento da consciência nacional nas comunidades. Ademais, o papel do protestantismo com Martinho Lutero pelo capitalismo editorial, gerando livros com linguagens mais acessíveis e traduzidas para o alemão. Nesse contexto, cria-se espaço para contestações dos reinos dinásticos europeus e dos papéis exercidos pela igreja na sociedade. É possível notar que neste momento estava ocorrendo um desgaste da comunidade imaginada sagrada, possibilitando sua queda.

O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade linguística humana. (ANDERSON, 1983, p. 78)

Desta maneira, os três fatores citados, foram primordiais para o despertar da consciência nacional. Ao utilizarmos o conceito de Anderson (1983), na qual expressa que a nação seria composta de “comunidades imaginadas”, há a compreensão da exploração das nacionalidades dentro de uma sociedade. Nesse processo, há a formação do sentimento de união nacional pelo compartilhamento de interesses ou aspectos identitários comuns dentro de uma comunidade imaginada. Todavia, os participantes não conhecem a totalidade do grupo e vivem sua simultaneidade no cotidiano. Porém, com consciência da existência de outros que seguem e exploram as mesmas ações dentro de um território limitado. O conceito principal de Anderson (1986) visa esclarecer o nacionalismo e o sentimento que dele precede, onde as pessoas estão vinculadas entre si por um projeto comum:

Assim, num espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: é uma comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana. É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mais, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão. (ANDERSON, 1986, p. 25)

Ao abrangermos a noção de identidade sociocultural, exemplificamos que as pessoas criam laços entorno de sentimentos que são desenvolvidos coletivamente e compõem significações diversas. E nos exemplos mais cotidianos, como a formação da identidade como etnia, classe e sexo, temos as classificações sociais vinculantes que interagem entre si. Neste processo de formação das identidades há a construção de uma origem em comum, a qual é compartilhada pelos membros de um grupo. Como assegura Barroso (2012, p. 149): “Essas noções delineiam a formação de um “nós”, em contraste com o “outro”, ocorrendo um fechamento que tem por base os elos de solidariedade e de fidelidade ao grupo formado.”. Sendo esse processo não definitivo, há a condicionalidade permanente as relatividades das condições sócio-históricas específicas. A identidade, apesar de mostrar-se atemporal, é principalmente uma construção social.

Refletindo sobre a ideia de nação, de identidade e de comunidade há a possibilidade de explorarmos a noção de comunhão entre seus membros. Esses conceitos vistos superficialmente denotam que as pessoas que estão inseridas neles possuem diversos aspectos em comuns, onde há o estabelecimento de suas diferenciações com os que estão de fora do seu pertencimento. O processo de estranhamento e de distanciamento do “nós” para o diferente dos “outros”, constrói uma hierarquização social. Na defesa da ideia de nação, Barroso (2012, p. 152) disserta: “A nação, nesse sentido, pode ser entendida através do viés de ordem política e simbólica, mas também como sendo pertencente ao mundo da interação e de afetos sociais.”. É possível perceber as classificações sendo executadas estabelecendo as bases de autoridade e de legitimidade por categorias.

Ao trabalharmos com a questão da formação das identidades, quando apresentamos as organizações no setor político-nacional, o exemplo das constituições de direitos civis com auxílio de uma base política multicultural entra à tona. Atentando-se sempre as preocupações que as organizações civis e as instituições políticas podem gerar pelo uso dos mecanismos identitários. Em função do melhor posicionamento na busca da defesa das identidades, quando apresentamos o discurso de inferioridade imposta à outra devemos posicionarmo-nos no discurso de igualdade. Como elucida Barroso (2012):

A exigência de reconhecimento de uma identidade local pode ser mobilizada para reivindicar um tratamento de igualdade entre os cidadãos no mesmo espaço nacional. Uma solidariedade que possa ser forjada na luta contra inimigos estrangeiros pode favorecer a exigência de tratamento entre os membros de uma nação, por exemplo. Mas, em outros casos, os discursos identitários podem ser utilizados para a imposição de estruturas repressivas,

imposta pelas armas, a grupos que detenham um menor prestígio político. (BARROSO, 2012, p. 153)

Por serem desigualmente contrários, os conceitos de “nação” e “nacional” trabalham com a alteridade no decorrer da dissertação. Há uma tensão mútua entre estas duas categorias, contudo, não há a negação da existência do outro, sendo o “outro” essencial para o estabelecimento de “nós”. É necessária atenção a capacidade que os dois têm em hierarquizar socialmente os grupos e de proporcionar as condições para a legitimação de uma situação específica no âmbito ação político. A defesa existente nesse processo de contrariedade encontra-se nos conceitos organizados que criam condições favoráveis para o estabelecimento de certas estruturas de ação, auxiliando no apontamento da definição de papéis e na delimitação das fronteiras reais. Em acréscimo, como aponta a abrangência de Pacheco (2018) sobre a identidade cultural:

Nesse sentido, cabe destacar que a identidade cultural não é “natural”, nem inerente ao indivíduo, ela é preexistente a ele, e como a própria cultura se transforma, a identidade cultural do sujeito não é estática e permanente, mas é fluída, móvel, e principalmente, não é uma imposição inocente, nem uma apropriação, de todo, inconsciente. A identidade cultural é por sua vez construída, manipulada e política. (PACHECO, 2018, p. 13)

A alteridade nesse caso, fornece a contrariedade do conceito de identidade, sendo a percepção da diferença existente nas situações. Quando abordamos as identidades, há a delimitação da diferenciação do outro e na alteridade, definimos um grupo igualitário. Nos discursos dos jornalistas brasileiros que acompanham as notícias do futebol americano, ou na apreciação do espetáculo esportivo no ano de 1954 no Brasil, há o sentimento de alteridade presente em relação aos estadunidenses. Nota-se essas projeções pelas descrições do futebol americano nas coberturas esportivas, criticando os Estados Unidos em prol do fortalecimento da identidade nacional brasileira. No contexto que perpassava os anos de 1945 a 1964, os Estados Unidos representou um aliado forte ao mesmo tempo que representou uma crítica perante suas administrações. Em acréscimo às identidades nacionais com Chartier (1991), a construção das identidades sociais ligadas às representações atribuídas marcam presença na descrição do esporte durante as análises na dissertação:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma (21); outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. (CHARTIER, 1991, p. 183)

Por seguinte, Bittencourt (2013) defende que por meio da afirmação de valores específicos de diferenças, a população brasileira atingiu sua essência do que é ser brasileiro. A situação que apresenta as diferenças nítidas entre as nações fornece os experimentos perante o “outro” e a si mesmo, quando encontramos o “outro” vivenciamos quem representa o “nós”. Defendendo Bittencourt (2013), que somente na diversidade criam-se as possibilidades para o desenvolvimento contemporâneo de uma identidade cultural. Sendo associados, mesmo o Brasil e os Estados Unidos, são considerados etnicamente híbridos em suas origens culturais.

Na construção feita pelas culturas nacionais que resultam nas formações das identidades, há as transformações no interior das representações. Definindo a representação como as práticas de significação e os sistemas simbólicos das quais os significados são produzidos por meio de um posicionamento de sujeitos como principais. Logo, nós sabemos o que representa ser “brasileiro” devido ao modo como os brasileiros foram representados como um conjunto de significados pela cultura nacional, realçando a literatura nacional valorizando diversos aspectos. Como exemplifica Lourenço (2011) que aqueles que detêm o poder de veicular certas narrativas, detêm o poder político de atuar nas definições de características culturais e sociais de um coletivo, podendo influenciar nas posturas políticas.

Explorando as identidades nacionais, a nação na metade do século XVIII era vista como uma ideia nova e subversiva, pelo fato de questionar o poder monárquico que se baseia na divindade e no direito de conquista, conseqüentemente independente do poder dinástico e militar. Por divergir desses fatores, permanece após as trocas de poder e repassa sua herança coletiva e inalienável. Neste momento, aos poucos houve a conversão da Europa da era dos príncipes para a era das nações, ocorrendo uma mudança radical nos paradigmas da população que estava em constante transformação por pensamentos inovadores. Considerada uma das grandes obras europeias por Thiesse (2001), a criação das identidades nacionais acompanha uma receita nacional para um resultado final compor uma nação, a qual será elencada para o melhor entendimento dessa construção.

O pertencimento à uma nação abrange ser um dos herdeiros desse patrimônio comum que fora construído, além do trabalho de reconhecê-lo e reverenciá-lo, sendo a nacionalidade uma identidade. Ao nos depararmos com seu processo de formação identitária, constitui-se segundo Thiesse (2001) na determinação do patrimônio que cada nação apresenta e na difusão do seu culto. Desta forma, um dos primeiros trabalhos ao

analisarmos o patrimônio comum de uma nação encontra-se na invenção do mesmo, tendo por base testemunhos de um passado glorioso e da representação eminente de certa coesão social em benefício da afirmação existencial. Com um conjunto elaborado de fatores há o nascimento de uma nação, dentre eles: história que estabeleça continuidade com ancestrais antigos; galeria de heróis; língua; folclore; exemplos de modelos das virtudes nacionais; monumentos culturais; lugares importantes e paisagem típica; representações oficiais como bandeira e hino; costumes, animais e culinária específica.

Pesquisando o dia da Independência brasileira, o Dia do Fico com Dom Pedro I, há a ruptura da grande metrópole portuguesa na qual o monarca afirmava “para fazer o bem de todos e a felicidade geral da Nação” que permaneceria no Brasil, assim como o mesmo seria independente. Nesse momento, de acordo com Barbato (2014), se cria a afirmação de uma nação brasileira que passaria por um processo de construção a partir daquele momento, desvirtuando de Portugal enquanto busca seu reconhecimento diplomático. Entretanto, na construção da identidade brasileira a herança portuguesa perpassou os fatores fundamentais a favor da formação de uma nação, tendo que estabelecer os limites desta participação para os brasileiros divergirem dos portugueses e obterem sua legitimidade. Em função de resguardar a unidade do país, que apresentava conflitos pela fragilidade política como a Cabanagem no Pará (1835-1840), a Balaiada no Maranhão (1838-1841), a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul (1835-1841), a Sabinada na Bahia (1837-1838), entre outras manifestações da lusofobia presente. A construção da identidade nacional brasileira foi determinada almejando a solução de inúmeras manifestações, além da necessidade do rompimento de laços com a antiga metrópole.

Fica evidente que o contexto brasileiro era marcado por conflitos internos e externos, necessitando da invenção de tradições que pudessem unir e promover uma identidade nacional capaz de reunir os brasileiros de todo o território, permitindo que vissem semelhanças entre si em partes do Brasil tão diversas. Seguindo o pensamento de Hobsbawm e Ranger (1997), foram os nacionalismos que possibilitaram o surgimento dos Estados nacionais e do sentimento nacional que é anterior à nação como corpo político, ou seja, o Brasil inverteu a ordem dos acontecimentos e precisou construir uma nação separada por territórios extensos e miscigenada com outras três raças. Como ilustra Barbato (2014, p. 8) em seu artigo sobre a construção da identidade nacional brasileira:

“Cabia então ao Brasil o papel de aperfeiçoar essas raças – através do branqueamento de sua população e a civilização do indígena – para o desenvolvimento da nação.”.

Adentrando a literatura, houve o processo de construção das tradições, das delimitações da paisagem específica, da linguagem singular perante a nação e do surgimento de uma originalidade brasileira nessa busca da invenção das tradições e da composição ao respeitar o *check list* necessário a favor da constituição legítima de uma nação, nos ideais de Thiesse (2001). Sobre a invenção e a construção da narrativa, não há finalidade de expor que a nação seja algo irreal, pois há a construção de fatores que são conservados como linguagens, imagens, eventos, personagens, entre outros. A exaltação do mundo brasileiro é recorrente na literatura do Brasil, contribuindo para controlar a narrativa de uma natureza exuberante sem discriminação do território. As paisagens brasileiras são bonitas, as terras são férteis, muito dos animais são específicos do território, há presença de ricas minas e sua população é cheia de cultura, fornecendo espaço para o sentimento de orgulho desta nova nação. Os patriotas intelectuais serviram para fortalecer a nação brasileira com a sua escrita e dar sentido a identidade nacional.

Em relação as nações inseridas dentro do mundo esportivo, podemos analisar diversos acontecimentos externos nas políticas nacionais e internacionais que adentraram os campos do futebol apresentando as tensões vigentes do período. Um exemplo pertinente para esse entendimento, como aponta Alabarces (2021), de como o nacionalismo pode jogar junto com o futebol na sociedade é o caso do jogador Diego Maradona. O camisa 10 da seleção argentina serviu de resgate ao nacionalismo argentino em uma fase de diversas ocasiões emblemáticas como a perda de uma grande referência política que foi Juan Perón, a perda na guerra das Ilhas Malvinas e a crise econômica fortíssima nos anos 90. Na Copa do Mundo de 1986, os conflitos anteriores ao cenário internacional como a perda das Ilhas Malvinas para a Inglaterra adentrou o cenário esportivo e acirrou as tensões na grande partida entre o país argentino e o país inglês. Os ingleses eram pró-sabotagem da partida enquanto do lado argentino políticos peronistas reivindicavam que os jogadores não entrassem em campo como forma de protesto ao governo inglês.

O clima de guerra se reforçou ainda mais com as rivalidades entre os torcedores dos *hooligans*, torcedores ingleses, contra os *barra bravas*, torcedores argentinos, que estavam em confrontos e embates dias antes da partida. Exemplo, os torcedores argentinos se apossaram de bandeiras inglesas incendiando os arredores do estádio e

desfilavam com bandeiras roubadas pelas arquibancadas. Foi possível identificar manifestações políticas dentro do estádio, por exemplo, em uma bandeira nas arquibancadas estava escrito: “Las Malvinas son Argentinas” demonstrando o quão presente era o cenário internacional adentrando o esporte. A tensão nessa partida de futebol se tornou tão relevante que resultou em um pedido do jogador Maradona, camisa 10 argentino, para que os torcedores esquecessem as questões políticas durante as partidas em detrimento que não ocorresse nenhum problema dentro das quadras, afinal, eles levam a bola para jogar e não armas, segundo o astro. Este acontecimento retratava a identidade nacional argentina exacerbada, além do confronto com outra nação inserido no meio esportivo, diante as análises de Alabarces (2021).

No Brasil em ano de Copa do Mundo as casas, os restaurantes e os bairros são enfeitados com bandeiras brasileiras e adornos verdes e amarelos, porém fora dessa época o nacionalismo em relação a seleção brasileira fica adormecido. Desde os lugares mais luxuosos às casas nas favelas, há a pulsante bandeira brasileira com a reafirmação do orgulho e da união nacional, quando representado pelo esporte em ano de Copa do Mundo. Todas as expectativas do país são postas no futebol brasileiro perante o futebol internacional, nesse momento, o brasileiro bate a mão no peito e assume a sua pátria voltada ao Brasil. A respeito de uma breve descrição do futebol e da mestiçagem da população brasileira, por qual construiu sua nacionalidade com três raças:

José Lins do Rego (2002) e Mário Filho (2003), inicialmente, e depois Nélon Rodrigues (1993; 1994) mostram que a mestiçagem é que dá a genialidade do futebol brasileiro. Esse esporte é um reflexo do jeito de ser brasileiro, que une eficiência e malandragem, objetividade e transgressão, Apolo e Dionísio. As ideias da “ginga” e do jogo de cintura” aí estão presentes. Nélon Rodrigues dizia que a seleção nacional era a “pátria em chuteira”. Essas ideias são difundidas pelos meios de comunicação de massa e pela música popular. (FIORIN, 2022, p. 7)

Nesse espetáculo esportivo que une diversas nações, os ânimos coletivos são aflorados, perder uma partida importante e decisiva na Copa do Mundo dói na alma do telespectador apaixonado pelo futebol, seja ele de qual nação representar. O futebol apresenta um poder em ser fuga do real ou de um cenário político, o mesmo permite que os sentimentos negativos perante a situação econômica ou política do país sejam amenizados. Vencer sobre um país considerado de primeiro mundo, engrandece os telespectadores e aciona o orgulho nacional por um curto período. No futebol não importa se o país que entra em campo está em crise, se há índices de pobreza altos, se a economia está beirando ao colapso ou outros obstáculos, só o que importa é se os jogadores vão

apresentar um futebol de qualidade e superar os adversários. Para a execução do *soccer*, diferentemente do futebol americano, há poucas ferramentas para que se participe, logo todas as classes sociais podem coexistir no esporte.

A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos – grande evento multiesportivo internacional realizado uma vez a cada quatro anos, se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de autoafirmação nacional, assegura Hobsbawm (1998). Ao torcer pela sua nação, há um sentimento reforçado de unidade e nacionalismo. De acordo com o autor Hobsbawm (1998, p. 171): “A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.”. Na descrição de vivência de Hobsbawm (1998), o historiador informa ao leitor, a partir de uma situação passada em sua vida, uma evidência do nacionalismo na área esportiva, sendo impossível de desassociá-los.

O autor se lembra quando ouvia, nervoso, à transmissão radiofônica da primeira partida internacional de futebol entre a Inglaterra e a Áustria, jogada em Viena em 1929, na casa de amigos que prometeram descontar nele se a Inglaterra ganhasse da Áustria, o que, pelos registros, parecia bastante provável. Como o único menino inglês presente, eu era Inglaterra, enquanto eles eram Áustria. (Por sorte a partida terminou empatada.) Dessa maneira crianças de doze anos ampliavam o conceito de lealdade ao time para a nação. (HOBSBAWM, 1998, p. 171)

Em acréscimo, no ano de 1950, é concedido o privilégio para o Brasil de sediar uma partida da Copa do Mundo, sendo este evento primordial como exemplo para reflexões maiores do nacionalismo no futebol durante o período histórico em foco. Assegura Fraga (2007, p. 151): “Mostrar civilidade, organização, urbanização – modernidade, no fim das contas – são também resultados esperados com a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil.”. O evento mundial permite, principalmente, ao país sede, apresentar sua cultura e ganhar visibilidade perante outros países, impulsionando a vida política, econômica e social, particularmente no ramo do turismo. Neste clima de um evento esportivo internacional, todos os estados de um país se unem para manifestar sua torcida. Para Anderson (1983), os sentimentos despertados nessas ocasiões remetem à ideia de nações enquanto “comunidades imaginadas” onde as pessoas não se conhecem, contudo, têm certeza de sua existência e de seu fervor patriótico. Fica claro que há a união dos brasileiros em um único objetivo em qualquer Copa do Mundo, a vitória no âmbito internacional.

Por conseguinte, há diversos papéis que o futebol pode exercer na vida dos telespectadores esportivos. Pode ser visto como fuga do real, assim como o cinema, o teatro, a literatura e outras manifestações culturais, como válvula de escape da rotina que as vezes é maçante, como amparo emocional, como representação imaginária, advento representação simbólica, serve de alienação, depósito de sentimentos, exemplo de manifestação cultural, momento de lazer e outros aspectos pertinentes para seu contexto. A potencialidade que o futebol apresenta para a população como válvula de escape das tensões diárias criando um momento coletivo que esbanja uma intensidade de união e envolvimento emocional é notória na sociedade, sua permanência por incontáveis décadas exprime a afirmação de seu sucesso. Seguindo a lógica da identidade nacional, o futebol representa a manifestação cultural de um país.

### 3. 1 ANTIAMERICANISMO

Analisar o conceito de “antiamericanismo”, seja nos aspectos sociais, políticos ou econômicos, concerne o fornecimento da contribuição geral para entendermos as complexidades das relações estabelecidas do Brasil com os Estados Unidos entre o período de 1945 a 1964. O conceito passa por um esclarecimento de sua pluralidade, pelas variações adquiridas durante o tempo e pelas inúmeras regiões que utilizaram-no diferentemente, conseqüentemente não podendo ser explicado de uma forma única. De modo geral, o antiamericanismo significa a expressão de atitudes negativas em relação aos Estados Unidos. Todavia, não há somente um sentimento de contrariedade único no mundo voltado à uma nação, há oposições negativas perante diversas nações que colidem entre si em tensões políticas, econômicas e sociais.

Na figura dos Estados Unidos, uma grande potência mundial para o nosso recorte cronológico, encontra-se uma mistura de respeito e ressentimento. A ambivalência em torno dessa nação que causa rejeito e admiração, notória nas análises dos comentários jornalísticos entre novembro de 1945 a fevereiro de 1964, é refletida pelo estranhamento e desprezo popular frente ao país estrangeiro. No passo que, no geral, apreciam e respeitam sua cultura de massa, ciência e tecnologia. Segundo Fares (2011, p. 4): “Um dos primeiros passos ao analisarmos o conceito é distinguir se o antiamericanismo é baseado ‘no que os EUA são’ (valores fundamentais e atitudes da sociedade norte-americana) ou ‘no que os EUA fazem’ (suas políticas, especialmente a externa).”.

Ao explorarmos as ideias de Katzenstein e Keohane (2007), existe a classificação do conceito de “antiamericanismo” em três categorias: opinião, desconfiança e preconceito. A opinião representa a forma mais branda acompanhada de fatos independentes originários dos Estados Unidos, sendo um julgamento aberto a novas informações e não predisposto. A desconfiança significa oposição aos estadunidenses, voltando-se ao ceticismo. O preconceito indica uma inclinação as atribuições negativas sem ocorrer a preocupação com as especificidades envolvidas. Esses três aspectos demonstram que o papel do antiamericanismo não ficaria restrito a uma oposição superficial diante as propostas estadunidenses, contudo na predisposição negativa perante os Estados Unidos.

Em relação a identificação dos diferentes graus de antiamericanismo pelo Fares (2011): há o antiamericanismo liberal que expõe o lado hipócrita das politicagens dos Estados Unidos pelo não seguimento das ideias liberais. Nesse quesito, explica Fares (2011, p. 4): “Nisso incluem o apoio a ditaduras (em que a história da América Latina é rica de exemplos), a proteção ao comércio internacional de sua agricultura, a procura pela proteção extensiva de suas patentes farmacêuticas, etc.”. Sendo este, um dos pontos que mais afetariam o Brasil suscitando em posturas antiamericanas. Passando para o antiamericanismo social representando o conflito de visões e valores, na qual a política que privilegia os ricos perante os pobres está voltada as organizações internacionais. Por consecutivo, o antiamericanismo nacionalista-soberano com o poder político protegendo os valores da identidade e da cultura nacional. Finalizando, o antiamericanismo radical defendendo os ideais políticos e econômicos dos Estados Unidos resguardando que as ações executadas são prejudiciais as práticas, aos bons valores e as instituições de um determinado país.

Abordando ao antiamericanismo produzido pelo Brasil, é possível refletir que é resultante de uma mistura da ordem econômica com a política em relação as críticas voltadas aos estadunidenses ao apoio de ditaduras, das ações indiretas por organismos internacionais, nos seus valores e na sua cultura. A política externa brasileira apresenta uma desconfiança em determinados períodos pelos Estados Unidos quando existe uma ameaça de seus valores ou uma intervenção direta em suas ações no território brasileiro. Por exemplo, do financiamento estadunidense exigir na retirada da Lei nº 2.004 no Brasil onde há a instituição do monopólio estatal do petróleo brasileiro sob presidência de Getúlio Vargas em 1953. Haja vista a política externa brasileira representar uma forma

de obtenção do seu desenvolvimento econômico por determinados financiamentos. A respeito da política externa do Brasil por Fares (2011):

É importante salientar que, no geral, é possível afirmar que o antiamericanismo no Brasil é mais bem explicado pelos próprios princípios da PEB do que de um sentimento basicamente preconceituoso (bias). Desse modo, existiu mais uma desconfiança (distrust) dos Estados Unidos como ameaçadores em potencial dos interesses e da autonomia nacionais que simples opinião (isenta) e preconceito (absolutamente fechado a informações positivas sobre as ações dos Estados Unidos). (FARES, 2011, p. 5)

No cenário brasileiro do período desenvolvimentista, o Brasil tinha consciência que a sua plena prosperidade econômica resultaria na exploração de acordos financeiros internacionais em diversos setores. A busca da autonomia política foi um dos principais aspectos para os brasileiros frente aos outros países, por meio dela, a liberdade de ação resultaria em um governo mais sucedido. Acerca da política brasileira nos anos de 1960 por Fares (2011, p. 6): “Soberania com autonomia decisória vinculados ao projeto de desenvolvimento-industrialização foram ideias-força de todo o paradigma desenvolvimentista, alcançando sua definição conceitual mais elaborada a partir dos anos 1960.”. Fica claro que a percepção da diplomacia brasileira encontrava-se como objeto de interesse das potências estrangeiras com poderio superior.

Os projetos instalados no Brasil de origem estrangeira, pelo interesse da movimentação de grupos específicos que aspiravam mercados para seus produtos, geravam intensas reações nos setores sociais brasileiros que defendiam a industrialização do país e analisavam esses atos como barreiras para qualquer projeto nacional de constituição da autonomia industrial, prejudicando o Brasil de certa forma. O alinhamento com os Estados Unidos no governo de Eurico Gaspar Dutra foi pensando no futuro brasileiro, caso ocorressem novas guerras o Brasil estaria do lado vencedor, recebendo regalias e investimentos. Contudo, há um caráter de submissão nessas relações, das quais as elites brasileiras não estavam de acordo em virtude das ideias do desenvolvimento econômico do Brasil serem divergentes entre os dois países. Por exemplo, a entrega do petróleo ao capital estrangeiro não corroborou com os apoios ao presidente.

A desconfiança do Brasil perante os interesses dos Estados Unidos no país entre os anos de 1945 a 1964 mostraram-se presentes em grande parte das relações estabelecidas por essas duas nações, sinaliza Bandeira (2021). Para o Brasil, a sua busca de negociações com ganhos recíprocos nas relações internacionais eram essenciais para

o crescimento econômico, ademais, a superação das desigualdades entre as nações eram cobiçadas pelos brasileiros. Por um bom tempo, essa desconfiança era retratada na percepção de que os valores-base do paradigma desenvolvimentista em conjunto com os Estados Unidos eram desenfreados e sem reciprocidade. Ao longo do contexto internacional, existe a constante oscilação do Brasil com os Estados Unidos na política econômica, ao passo que, existia a desconfiança brasileira a um mero empreendimento estadunidense instalado no país brasileiro.

As ações feitas pelos Estados Unidos, seja por acordos diplomáticos ou entrada de empreendimentos estrangeiros no Brasil, vinham acompanhadas do ceticismo brasileiro em relação as más intenções, aos interesses ambiciosos e ao caráter egoísta dos estadunidenses. Até certo ponto, o Brasil, com o alinhamento estrangeiro, estava prosperando economicamente mesmo que os investimentos causavam posteriormente o aumento das dívidas brasileiras e das inflações perpassando o contexto histórico. A ameaça da autonomia brasileira fazia frente as necessidades do país, causando a predisposição ora negativa ora positiva para os Estados Unidos. Grande parte dos interesses estadunidenses na década de 1950 eram relativos as reservas energéticas e a contenção do avanço do comunismo nos países Latino-Americanos, não sendo prioritários a ascensão do Brasil como potência forte. Em relação ao antiamericanismo em 1950, por grande parte da população brasileira pela análise de Ferreira (2012, p. 58): “Entre as manifestações relativas às relações com os Estados Unidos, de modo direto ou indireto, destacam-se a campanha da nacionalização do petróleo, a ação da comissão mista Brasil-EUA, o estabelecimento do BNDES e o nascedouro da TV no país.”.

Na lógica da União Soviética no contexto histórico da Guerra Fria, os Estados Unidos representavam tudo de negativo pregado e que deveria ocorrer o combate do imperialismo, do capitalismo e de uma sociedade que se preocupava exclusivamente com os lucros recebidos. Há o constante conflito durante 1947 até 1991 da contenção do comunismo por parte dos estadunidenses, gerando o cenário antiamericanista por parte de muitos países simpáticos ao regime adotado pelos soviéticos. Os interesses capitalistas internacionais assimilavam-se no geral, podendo ser confundidos, com os interesses eminentemente estadunidenses. Perante os brasileiros, a oscilação entre os sentimentos contrários aos estadunidenses mantinham-se presentes. A desconfiança com as ações estrangeiras eram o principal aspecto, ademais o esgotamento das reservas energéticas brasileiras por parte dos estadunidenses deixou os ânimos brasileiros acirrados. Em

relação ao antiamericanismo prezado por Ferreira (2012, p. 48): “O ‘americanismo’ pode ser visto não somente como forma de alinhar-se aos preceitos defendidos pelos EUA, mas também como afirmação da condição ocidental e de civilidade.”.

O Brasil, durante o período após a Segunda Guerra Mundial, vivenciou um intenso debate nacionalista que gerou reflexões a respeito das vantagens e desvantagens de uma aproximação com os Estados Unidos. Os possíveis ganhos com os estadunidenses em decorrer de um alinhamento político desencadeavam reflexões perante o tratamento recebido durante os anos, quando existe questionamentos de assuntos importantes sendo negligenciados nessas relações. Todavia, os países deslumbram-se com o dinamismo econômico estrangeiro, as riquezas acumuladas, o desenvolvimento das tecnologias e outros aspectos que engrandecem os Estados Unidos. Ao estabelecer uma aliança com uma grande potência, as chances de ascensão de uma nação seria elevada, resultando nos investimentos financeiros e políticas econômicas favoráveis em função dessas relações amistosas. Ressalta Ferreira (2012, p. 27) sobre o antiamericanismo: “Porém, ressalva-se que o antiamericanismo não é monopólio da esquerda, podendo ser defendido por elites que buscam revitalizar valores tradicionais, instituições e laços de relacionamento de dada sociedade.”.

Por seguinte, nos anos de 1945 a 1964, houve a legitimidade do antiamericanismo em virtude desses fatores políticos e econômicos estarem sempre presentes da desconfiança dos reais interesses estrangeiros no país brasileiro. Sendo o auge da diplomacia brasileira com os Estados Unidos no período presidencial de Getúlio Vargas, na qual o presidente refletiu que as relações entre as duas nações poderiam acelerar a industrialização brasileira por meio de financiamentos e recursos advindos da exportação para os estadunidenses. Contudo, pelo suicídio do presidente Getúlio Vargas, os ânimos entre a população brasileira passaram a ser conflituosos com os estrangeiros. Na própria carta de suicídio do presidente, existiam acusações de uma campanha subterrânea feita por grupos internacionais onde exerciam pressões contra os direitos trabalhistas no Brasil. Nesse acontecimento, os brasileiros passam a interpretar os Estados Unidos como principal agente.

## 4. IDENTIDADES EM CONTRASTE NA IMPRENSA BRASILEIRA

### 4.1 REPORTAGENS ESPORTIVAS

Na busca da realização do trabalho voltado à análise de diversas referências da imprensa brasileira sobre o futebol americano no período entre novembro de 1945 até fevereiro de 1964, foram destacadas inúmeras reportagens no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional de jornais e revistas<sup>8</sup> espalhadas por todo o Brasil que abordavam o posicionamento dos jornalistas perante o esporte estadunidense. Essas opiniões na cobertura jornalística foram marcadas por influências do contexto da época, dos sentimentos de identidade nacional, da contraposição entre o antiamericanismo e o americanismo e do desconhecimento na área esportiva do futebol americano pelos brasileiros. Nessa pesquisa efetuada quando procura-se “futebol americano” no período que se estende dos anos 1945 a 1964, há a seleção de reportagens, crônicas, colunas de opinião e notícias em que o futebol americano é citado por diferentes análises e posicionamentos. Dentre esses levantamentos, há a comparação do *soccer* com o *football*, a descrição do esporte, a relação entre as identidades nacionais respectivas do Brasil frente aos Estados Unidos, os julgamentos positivos e negativos sobre o esporte e outros aspectos.

Na descrição do esporte, em uma reportagem do jornal *O Estado de Florianópolis de Santa Catarina*, há a conceituação do futebol americano e de suas origens. O autor afirma que há relatos do futebol americano em 1871 e em 1875 no período colonial, com partidas entre as Universidades de Yale e Harvard, o esporte da bola oval teve seu marco inicial. Relata a reportagem (LEMBRANDO..., 1958, p. 7): “Em 1875, os universitários de Harvard realizaram um encontro com os seus colegas de Yale; as regras de jogo já eram então uma combinação das regras do *rugby* inglês e das do futebol americano.”. Após elucidar os caminhos trilhados para o surgimento da modalidade esportiva, a reportagem aborda a violência dentro dos campos que o autor brasileiro considera como puramente nacional estadunidense. Ademais, defende a necessidade das modificações de regras durante os anos para diminuir o caráter violento do futebol americano nos seus anos iniciais. Acerca (LEMBRANDO..., 1958, p. 7): “Como o futebol entre os

---

<sup>8</sup> Dentre os jornais e revistas: *A Cigarra*, *A Manhã*, *Correio da Manhã*, *Correio Paulistano*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal dos Sports*, *Manchete*, *Mundo Esportivo*, *O Cruzeiro*, *O Dia*, *O Estado de Florianópolis*, *O Jornal*, *Jornal da Semana*, *Jornal do Commercio*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*.

americanos fôsse praticado com excessiva violência, foram necessárias algumas medidas repressivas para amenizá-lo. O que perdeu em violência, ganhou o jogo em destreza.”.

Explorando a reportagem do jornal *Diario da Noite* de São Paulo de 1956, o autor apresenta o futebol americano para os brasileiros como o curioso esporte popular dos Estados Unidos, sem nenhum comentário pejorativo em relação ao esporte. Inicialmente, relata que o esporte passa a ser jogado nos colégios, nas universidades, nas praças públicas e resulta em movimentos nacionais amadores ou profissionais. Em seguida, aborda dados sobre os milhões de fãs estadunidenses que o esporte adquiriu ao longo dos anos de 1906 a 1912 nos Estados Unidos, lotando mais de 100 estádios com capacidade para 20.000 pessoas por unidade, de acordo com o autor do texto (FUTEBOL..., 1956). Nos comentários jornalísticos direcionados às opiniões do esporte da bola oval, na reportagem (FUTEBOL..., 1956), há a opinião que o esporte é rude e carregado de força bruta, contudo, cheio de estratégias e ações sincronizadas.

Variando com a estratégia do jogo, todo elemento possui sua missão, o jogador de foot-ball americano deve saber a parte que é a jogada por cada um dos seus companheiros de quadro. Tem que estar alerta para as mudanças das táticas do adversário, reagindo instantaneamente. Como cada jogada dura aproximadamente dez segundos, pratica constante se torna de grande importância para este jogo de precisão. (FUTEBOL..., 1956)

No ano de 1954 no Brasil, houve a comemoração do IV Centenário de São Paulo que abrangeu uma partida de futebol americano nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. A apresentação continha números musicais e uma disputa de um dos esportes mais populares dos Estados Unidos, ocasionando a primeira experiência de muitos brasileiros perante o futebol da bola oval. Para o entendimento da partida, o narrador exemplificou o funcionamento e suas regras. Ademais, o treinador do time expositor, Joe Mac Nulte da *Jackson High School*, confidenciou aos repórteres do Brasil a funcionalidade do futebol americano. Na reportagem concedida em 24 de julho de 1954 ao jornal *Manchete* do Rio de Janeiro, são concedidas explicações em parte das marcações, pontuações, objetivos e regras do futebol americano:

Inicialmente, o campo é riscado em faixas paralelas, distantes umas das outras 10 jardas, numeradas a partir do centro para as extremidades. Os 11 jogadores se alinham assim: 7 no ataque, 1 “center-half” e 3 zagueiros. Cada time se empenha – é óbvio – em fazer gol. Embora o campo tenha traves como no futebol, elas interessam pouco. O gol é feito quando o jogador consegue atravessar a linha de fundo do campo com a bola no colo. É o que se chama “touchdown”, vale 6 pontos. (O “RUGBY”..., 1954)

Durante a reportagem (O “RUGBY”..., 1954) o autor descreve o funcionamento do esporte acrescentando as pontuações, os objetivos dos jogadores dentro de quadra,

quantas tentativas são necessárias para os times avançarem em cada lance, quando o jogo é recommençado e a duração das partidas. Finalizando a descrição com a estatística de mortes em campo que ocorreram no futebol americano durante um ano, visando reforçar o perigo e a brutalidade do esporte. Os números chegam a quase 600 jogadores que foram ao óbito devido acidentes no futebol americano. Em seguida, o autor descreve com riqueza de detalhes as percepções dos brasileiros presentes nos jogos disputados no Rio de Janeiro e São Paulo. Inicialmente, o autor da notícia expõe que não houve entendimento por parte dos brasileiros e dos juizes que estavam apitando o jogo de demonstração, por seguinte, caracterizou o jogo como bruto e enigmático.

O futebol americano é um esporte de contato, ocasionando choques entre os jogadores o tempo inteiro. Diferente do futebol, as colisões fazem parte das disputas para que os jogadores conttenham os avanços do outro time, gerando um núcleo dentro dos campos que representa grande parte da jogada. Assegura o autor da reportagem do jornal *Manchete* do Rio de Janeiro (O “RUGBY”, 1954) sobre a dificuldade da compreensão do esporte que por muitas vezes é visto como bruto, agressivo e desnecessário pela falta de entendimento: “O difícil, no meio do bôlo, é a gente descobrir com quem ficou a melancia... Mais difícil ainda, quase incompreensível, é descobrir para que servem as riscas no campo. Todos se “matam” e ninguém briga. Incrível.”. Nessa passagem, é possível perceber o desdém e a falta de interesse por parte do autor no processo de compreensão da cultura e do esporte estadunidense, menosprezando até a bola oval e as marcações que foram extremamente bem pensadas pela liga esportiva.

Quando há falta de conhecimento e informação, precede o julgamento precoce baseado em argumentos que em sua maioria são rasos de um determinado assunto. O público carioca e paulista se empenhou para recepcionar os estrangeiros, todavia, pela falta na cultura brasileira do *football*, o resultado positivo do espetáculo divergiu possivelmente do esperado pelos estudantes da universidade. Em relação a visão dos torcedores no evento esportivo de futebol americano pela cobertura do jornal carioca *Manchete* na reportagem (O “RUGBY”, 1954): “Quando a gente pensa que é gol, não é. O jogo não estimula a torcida brasileira... Quem atrapalha o jogo é o juiz. Mas o camarada cai, o bôlo se forma e a coisa vai esquentando, o juiz se mete no meio e toca a começar tudo de novo.”. É nítido que o público fica confuso diante os lances, ainda mais devido a durabilidade do jogo que perpetuou o espetáculo por um tempo que não estavam acostumados se comparado ao *soccer*. A escassez de estímulo que o autor descreve é em

função das pausas que o futebol americano apresenta, além da falta do dinamismo comparado com o futebol brasileiro que os jogadores podem ir e voltar do campo adversário em segundos. Continuando a análise da reportagem (O “RUGBY”, 1954):

Um espectador cada vez entendendo menos, perguntava ao outro, entre aborrecido e intrigado: “Será que não inventaram ainda a bola redonda nos Estados Unidos? Você já viu quando essa droga cai no chão? Sai dançado uma conga brava e não há quem a agarre”. Outro meditava: “Como devem sofrer as mães americanas, vendo os seus filhos jogar”. Nesse exato momento, um jogador levava uma cabeçada no nariz capaz de botar nocaute qualquer cristão. É um fato: o “rugby” precisa de intérprete... (O “RUGBY”..., 1954)

Na notícia (O “RUGBY”, 1954) é estabelecido uma conversação entre o autor e um amigo que deprecia os estadunidenses, ligado ao antiamericanismo quando se depara com a cultura esportiva estrangeira apresentada. A todo momento, o sujeito ironiza que o *soccer* seria melhor que o *football*, em seguida desvalorizando as jogadas estratégicas do time de Miami. Ao esnoar a bola oval, pela sua flexibilidade em percorrer os chãos, a bola redonda do futebol brasileiro é vista como superior aos estrangeiros que ao olhar do brasileiro, estariam atrasados diante os novos avanços da área esportiva. Em adição, há o desrespeito com os universitários estadunidenses que se prontificaram para a celebração do IV Centenário de São Paulo, trazendo consigo o melhor de sua cultura. Quando a reportagem aborda as frustrações das mães americanas que são obrigadas a verem seus filhos jogar em um emaranhado de homens que colidem entre si por horas, fica evidente o preconceito por parte do sujeito brasileiro. Cessando seu argumento, o autor analisa que o futebol americano é extremamente perigoso para sua prática, sendo equiparado com as lutas livres. Após a análise da reportagem (O “RUGBY”, 1954), era necessário que o futebol americano tivesse vindo com um manual pré-jogo em proveito do público visando curtir o espetáculo.

Observando algumas notícias do ano de 1954 quando ocorreu uma partida de futebol americano nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo pela universidade de *Miami School*, patrocinada pela *Rádio Bandeirantes*, percebe-se o claro contraste entre o futebol brasileiro e o futebol americano pelos jornalistas. Na análise das notícias, é possível identificar diversas opiniões abrangendo o retrato do esporte difundido para a população nas vestimentas, no funcionamento, nos sentimentos que podem ser despertados, nas regras, na execução do futebol americano, entre outros fatores, demonstrando uma contraposição entre o povo estadunidense perante o brasileiro a todo momento. Na reportagem “As orelhas”, publicado no jornal *Diário Carioca* em 1954, há a exemplificação desse contraste:

Qualquer imbecil pode ver com absoluta segurança a diferença que vai do futebol da gente para o futebol dos americanos. É tão simples! No futebol da gente, nós jogamos com uma bola; no futebol deles, eles jogam com uma mortadela inteirinha. No futebol da gente, nós entramos em campo com uma faca escondida dentro do calção; no futebol deles, eles entram em campo de metralhadora em punho e duas pistolas de cada lado. No futebol da gente, só passa a bola, fica o homem; no futebol deles, ficam o homem e a mortadela embaixo do homem com todo mundo em cima. No futebol da gente, o povo grita: “Cospe na cara dêle”; no futebol deles, o povo grita: “Pisa no fígado dele, corta-lhe os pulsos e arranca-lhe os cabelos. (AS ORELHAS, 1954, p. 10)

Essa passagem é riquíssima de detalhes quando se exemplifica a observação da cobertura esportiva após o primeiro contato com o futebol americano presencialmente pelos brasileiros. Anteriormente, os brasileiros conheciam o esporte superficialmente pelos cinemas estrangeiros, desconhecendo grande parte do cenário esportivo. O início da opinião apresenta uma empáfia do jornalista ao elevar o *soccer* diante o *football*, a ironização da bola oval utilizada pelo esporte estadunidense, a violência ao associar a ferocidade dos jogadores como se entrassem com metralhadoras em punhos, a desorganização sem estratégia do esporte e o caráter agressivo dos participantes. O autor se posiciona ferozmente quando retrata pontos diferentes dos dois esportes, onde ambos colidem entre si. A tendência a valorização da identidade brasileira está presente na reportagem, além do antiamericanismo com os estadunidenses.

Explorando com conhecimento do esporte, de suas regras e de sua organização percebemos que o emaranhado de homens colidindo entre si e uns em cima dos outros não é anti-estratégico. O futebol americano engloba diversas regras, rotas, estratégias e posições específicas que são ímpares do esporte, logo, não há uma confusão de homens desgovernados que rumam para colisões desnecessárias no desespero de saírem vitoriosos. Entretanto, para uma pessoa leiga que passa a conhecer o esporte da bola oval sem explorar sua dinâmica e suas regras, há de aparentar muitos focos de colisões entre os jogadores. A quantidade de rotas existentes tanto no time de ataque quanto no time de defesa é extensa, há um estudo aprofundado por cada jogador quando há de exercer a melhor rota para a execução da descida.

A visão do jornalista (AS ORELHAS, 1954) na passagem que ironiza a diferença notável por qualquer imbecil pretende valorizar o futebol brasileiro como mais simplificado, menos violento, mais estratégico, menos confuso e menos agressivo perante o futebol dos estadunidenses. O cenário do antiamericanismo, expressando atitudes negativas em relação aos Estados Unidos, fica em evidência pela necessidade que o autor (AS ORELHAS, 1954) viu em desprezar a cultura estrangeira, conseqüentemente os

estadunidenses. Os comentários são expressados com empáfia, arrogância, preconceito e desprezo principalmente ao esporte e ao estrangeiro praticante. As comparações externam a alteridade presente, visando fortalecer a identidade nacional brasileira frente a identidade nacional estadunidense.

Em seguida na reportagem do *Diário Carioca* (AS ORELHAS, 1954), o autor encontra um amigo que se mostra simpatizante do esporte e positivo perante o espetáculo, esbanja sua incredulidade com o fato de ter ocorrido pessoas que valorizaram a partida e as celebrações das balizas. Contudo, ao se deparar com os comentários positivos, o autor reflete que haviam torcedores que não estavam entendendo as regras e o funcionamento do futebol americano, pois o primeiro contato com esse esporte foi através do narrador que explicou brevemente antes da partida começar o funcionamento e o que se esperar daquela tarde no Rio de Janeiro em 1954. Em nenhum momento, o jornalista expressou a simpatia brasileira em virtude da admiração do jogo, associando em seguida a admiração com o desconhecimento do esporte para justificar a recepção positiva por parte de outros.

As notícias voltadas ao futebol americano na década de 1950 foram essenciais para a análise da dissertação em virtude de terem fornecido inúmeras percepções sobre o espetáculo do esporte da bola oval que ocorreu em 1954 no Brasil. Nas reportagens, o brasileiro pode narrar os acontecimentos que presenciara e pode elencar todos os aspectos positivos ou negativos dessa nova experiência esportiva, por muitas vezes comparando com o futebol brasileiro que estavam acostumados. Na reportagem do jornal *Manchete* do Rio de Janeiro de 1954, o autor traz que ocorreu uma demonstração inédita para os cariocas. Acompanhada de muita violência por parte esportiva e um desfile majestoso de lindas balizas que ocasionaram na preferência do evento por múltiplos torcedores dispersos perante a partida:

Os rapazes do Miami Jackson High School realizaram no Maracanã uma demonstração inédita para o povo carioca: disputaram uma partida de “rugby”, o popular (e violento) futebol americano. Embora o público não entendesse as regras e a técnica do jogo, o espetáculo chegou a ser empolgante, principalmente devido à violência (verdadeiro vale-tudo), com que é disputado. (BELEZA..., 1954)

Quando presenciada uma partida da bola oval, há o desencadeamento de outras opiniões pela vivência experimentada. Os brasileiros estavam a par do esporte pelos cinemas estrangeiros que retratavam o futebol americano da forma que convinha o roteiro do filme ou do documentário. Todavia, o espetáculo de futebol americano concedido no território brasileiro trouxe um contato maior com a cultura dos Estados Unidos, permitindo o deslumbre do esporte e da banda musical. Na reportagem do jornal *O Jornal*

*da Semana* do Rio de Janeiro em 1954 (MAJORETES..., 1954), o autor argumenta que o cinema já revelara a graça e a beleza das balizas, além do futebol americano parecer um “rolo compressor” que comprime a todos que jogam em uma brutalidade. Inclusive, transparece sua opinião sobre a tarde que assistirá o esporte: “Mas o “show” diferente (não fosse êle inédito para o público do Maracanã) tem muito mais graça quando é visto por nossos próprios olhos.”.

Em decorrer da falta de conhecimento esportivo do futebol americano pelos brasileiros, há diversas opiniões retratadas nos jornais que expressam os mais variados comentários direcionados ao esporte estadunidense com estereótipos e preconceitos fortemente assíduos nas passagens durante os anos de 1945 a 1964 em questão. No *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro, jornal voltado principalmente para coberturas esportivas, há a reportagem sobre o time de futebol do Bangu que ao finalizar o treino inovou na dinâmica e obteve sua comparação da atividade com o futebol da bola oval. Após a parte física do treino, cerca de 40 jogadores do Bangu executaram uma espécie de futebol americano ou *rugby* que acometeu risadas pelos telespectadores do treino. Segue na citação do jornal (“PELADA”..., 1963): “A maioria dos jornalistas presentes riram com as jogadas confusas e compararam a “pelada” com o futebol americano, principalmente num lance em que caíram 8 jogadores, um em cima do outro.”.

No início da formação do futebol americano, buscando sempre distinguir-se do *rugby*, ocorreram diversos fatores que propiciaram inúmeros acidentes e diversas fatalidades no campo esportivo. Dentre esses fatores que contribuíram para a associação do esporte com a violência exacerbada pelos jogadores é possível citar a falta de regras mais rigorosas, a simplicidade dos equipamentos e a falta de organização do jogo. Por isso, a violência marcava-se presente durante as partidas, ocasionando fatalidades que sempre eram noticiadas. Até mesmo os jornais brasileiros que adentravam esse assunto, exemplifica *O Jornal* do Rio de Janeiro do ano de 1963:

Dois jovens de 18 anos e um estudante de 16 morreram por causa de lesões recebidas em partidas de futebol americano, nos 3 últimos dias. Êste jôgo, muito violento apesar dos protetores usados, causou, no início da temporada 13 mortes: 8 colegiais, 4 universitários e um professor pereceram em consequência de contusões violentas causadas durante uma partida. (FUTEBOL, 1963)

O futebol americano, sendo um esporte de contato e com legalidade da utilização das mãos, requer o choque entre os jogadores para o decorrer da partida. Entretanto, as colisões que são presenciadas durante os jogos acabaram por resultar ao longo dos anos inúmeras fatalidades decorrentes principalmente da superficialidade dos equipamentos

utilizados e pela escassez dos avanços tecnológicos em proveito de minimizar os impactos sofridos pelos jogadores. Essas fatalidades, contribuíram para a associação do esporte da bola oval com violência, agressividade, força desmedida, brutalidade e outros termos que carregavam a consequência das colisões feitas com equipamentos que não absorviam suficientemente o impacto. Deixando por conseguinte, uma onda de lesões que se introduziam nas vidas pessoais dos jogadores e acarretavam o abandono das carreiras, na melhor das hipóteses. Diante essa notícia que aconteceu nos Estados Unidos, o jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro em 1963, manifestou-se expondo sobre o quesito de saúde e contrariando o esporte como uma atividade em prol da saúde dos jogadores:

Alguns jornais americanos lançaram recentemente um grito de alerta em consequência dos vários incidentes mortais ocorridos ultimamente no futebol americano. No espaço de poucos dias, três rapazes entre 15 e 18 anos de idade morreram devido a ferimentos causados durante as partidas. Somam-se estes últimos a outras treze vítimas de peladas desde o início da temporada. Eis um jogo pouco saudável na saudabilidade dos esportes. (JÓGO..., 1963, p. 7)

Em 13 de dezembro de 1946 o jornal *Diario de Noticias* do Rio de Janeiro publicou a reportagem “Abolição do futebol americano das escolas superiores” informando para os brasileiros que houve um aumento alarmante no desencadeamento de acidentes fatais entre os estudantes dos Estados Unidos em decorrer do futebol americano. Segundo o historiador Floyd Eastwood, da *Universidade Purdue* em Lafayette na Indiana, pela sua pesquisa exaustiva na fase mortal do esporte durante 15 anos, a lista da temporada de 1946 aumentou 15% em comparação com os óbitos de jogadores do ano anterior. Comparando com o período anterior, segundo a análise do jornal (ABOLIÇÃO..., 1946, p. 1) com auxílio dos estudos do historiador especializado na área esportiva: “O índice de mortalidade diminuiu bruscamente, tendo sido degitradas 29 em 1938, e somente 16 tiveram como causa direta esse esporte, e 9 no ano passado, das quais seis apenas foram consequências direta do futebol.”.

Em virtude do crescimento significativo no número de falecimentos no futebol americano no ano de 1946, sucedeu-se uma onda de protestos por parte dos funcionários de atletismo e de escolas dos Estados Unidos a favor das modificações das regras do jogo. É pertinente reforçar que o esporte, durante todo seu processo de criação, passou por inúmeras transformações até chegar nos moldes prezados pelos organizadores da liga que visavam a saúde dos jogadores e o melhor desenrolar dos jogos. O acidente mais recente na época dos protestos (ABOLIÇÃO..., 1946, p. 1), possível desencadeador do estopim, foi o do aluno Henry Frinka de apenas 17 anos que faleceu por consequência de uma

contusão sofrida no cérebro durante uma partida, assim sendo, recebeu um ponta-pé acidental que gerou sua morte.

Ao relatar o ocorrido acontecido nos Estados Unidos pelo jornal, o autor da reportagem brasileira (ABOLIÇÃO..., 1946, p. 1) sobre o aumento alarmante do falecimento de jovens pelo futebol americano, tenta explicar aos brasileiros o porquê do esporte ter aberto brecha para as fatalidades. Visando principalmente a dissociação do público do *football* perante o *soccer*, com o saber do desconhecimento e do estranhamento por parte dos brasileiros do esporte originário dos ingleses. Comparativamente, para os brasileiros habituados com o *soccer*, a quantidade extensa de jogadores mortos por uma atividade física é vista como surpreendente, afinal, não estão acostumados com tamanha decorrência das notícias mórbidas na área esportiva. Para responder as perguntas da audiência da modalidade esportiva no Brasil, o autor justifica que no futebol americano há a arte do *tackle*, o bloqueio, feito a todo momento que representa as colisões durante as partidas. O fato do esporte ser de contato e com equipamentos superficiais da época, permitiram a onda de fatalidades no território estrangeiro. Segue o comentário esportivo do jornal *Diario de Noticias* do Rio de Janeiro de 1946:

O futebol americano proporciona muitas oportunidades para acidentes, de vez que se fundamenta no contacto do corpo. Para fazer para um jogador correr em frente à bola, o competidor deve derrubá-lo. O bloqueio, que é a arte de afastar um competidor da bola, é também uma frequente causa de acidente. (ABOLIÇÃO..., 1946, p. 1)

Diversas foram as reportagens que os jornalistas brasileiros informaram o falecimento de jogadores de futebol americano nos Estados Unidos. Na reportagem do jornal *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro de 1946, o autor dá ênfase na alarmante lista de óbitos entre os universitários estadunidenses que praticam o esporte da bola oval e expõe que o futebol americano proporciona inúmeras oportunidades para acidentes. Em acréscimo, a notícia apresenta as pesquisas do historiador Floyd R. Eastwood, da Universidade de Purdue na Indiana, sobre o aumento de fatalidades no futebol americano. Retrata (ESTÃO..., 1946, p. 15): “Na fase mortal do esporte durante 15 anos, declarou que a lista desta temporada representa um aumento de 15% da do ano passado.”. Para exemplificar o esporte aos brasileiros, o autor da reportagem explica o *tackle*, o ato de parar o avanço inimigo, como justificativa principal para as lesões. Assegura (ESTÃO..., 1946, p. 15): “Para fazer parar um jogador que corre enfrente a bola, o competidor deve derrubá-lo. O bloqueio, que é a arte de afastar um competidor da bola, é também uma frequente causa de acidente.”.

Abordando a reportagem do jornal *O Estado de Florianópolis* de Santa Catarina, o autor ferozmente indica o esporte da bola oval como um esporte assassino que tende a aumentar o número de mortes a cada ano, apontando a brutalidade de um dos esportes mais jogados nos Estados Unidos. Sinaliza (DO MEU..., 1949, p. 6): “O futebol americano, ou seja, o ‘rugby’, é o ‘esporte assassino’. Em média, a partir de 1931, nada menos de 16 jogadores, de colégios e universidades, morreram por ano, como resultados de ferimentos e contusões recebidas.”. Por vezes, os alunos que acabam lesionados pela prática do futebol americano, processam judicialmente as escolas em prol de indenizações, segundo a reportagem do jornal *O Dia* do Paraná (1957, p. 11).

Redding – California – O Tribunal deste cidade condenou uma escola secundária a pagar um rapaz de 18 anos, gravemente atingido quando de uma partida de futebol americano, a indenização de 325 mil dólares. Trata-se de Anthony Weich, que foi ferido em 10 de setembro de 1955 e, que ficou paraplético dos membros inferiores. (INDENIZAÇÃO..., 1957, p. 11)

Abordando a reportagem do jornal *Ultima Hora* do Rio de Janeiro de 1963, onde há diversas críticas aos jornalistas estadunidenses, o autor da reportagem, Jacinto de Thormes, compara o Brasil com os Estados Unidos em diversos aspectos. Desde a escrita jornalística até as leis estadunidenses que beneficiaram a imprensa nacional em momentos pertinentes, como indenizações na área esportiva diante jornais acusatórios. Inicialmente, há a explicação para os leitores que a imprensa dos Estados Unidos cultiva o *objective reporting*, que significa uma reportagem objetiva em que a exposição dos fatos predomina sobre as opiniões. Contudo, o brasileiro rejeita os ideais da imprensa estrangeira e esclarece que não há conformidade com essa transmissão de informações. De acordo (THORMES, 1963, p. 2): “É bobagem. A imprensa americana mente tanto quanto as outras, com a diferença de usar uma fórmula que sugere objetividade.”. Em seguida, há o notório antiamericanismo do jornalista brasileiro que expressa sua desconfiança com as atitudes estrangeiras nos comentários dos jornais e das revistas exteriores. Acerca do antiamericanismo presente, (THORMES, 1963, p. 2):

Um bom exemplo é o último “Newskeek”, falando do Brasil. Há duas fotos ilustrando a matéria: a primeira apresenta Jango carrancudo, a segunda mostra Lacerda sorridente (deve ter sido difícil encontrar esta última, mas os americanos são fanáticos da pesquisa). A legenda: “Rivais para a Presidência: Goulart, ouviu vaias na Cinelândia; Lacerda, aplausos numa escola”. A notícia se refere, por certo, ao recente comício de Jango em frente a Getúlio, que “coincidiu” com a inauguração, de uma escola e de um chafariz, por Lacerda. Ora, em primeiro lugar, Jango e Lacerda não são rivais para a Presidência; em segundo lugar, é inteiramente falso que Jango tenha sido vaiado na Cinelândia. Mas a “objective reporting” do “Newskeek” não para aí. (THORMES, 1963, p. 2)

Ao expor sua repulsa ao suposto *objective reporting* feito pela imprensa estadunidense, o autor acusa os jornalistas dos Estados Unidos de mentir sobre o público presente no evento citado, sendo que 90% das reportagens estrangeiras feitas por eles, sobre o Brasil, eram tendenciosas em relação aos estadunidenses. Por exemplo, nesse caso, explica que Lacerda era considerado a favor da União Soviética e, por isso, teriam ocorrido inverdades nessa reportagem em virtude de o país em questão ser anticomunista. Após expor seus comentários, carregados de antiamericanismo e desdém em face da imprensa estadunidense, o autor ressalta um acontecimento peculiar em que uma revista dos Estados Unidos é processada pelo técnico de um time do futebol americano a pagar uma indenização altíssima por ter difundido calúnias sobre o sujeito. Assegura Thormes (1963, p. 2): “A revista ‘Saturday Evening Post’ perdeu uma questão, em que terá de pagar 3 milhões e 60 mil dólares de indenização a um técnico de futebol (americano), a quem acusou de entregar um jogo.”. Em adição, acrescenta (THORMES, 1963, p. 2): “Imaginem no Brasil: nossa lei de imprensa é, para efeitos práticos, inexistente. É verdade, também, que o excesso de insultos aqui terminou por baratear a arte do insulto. Quase ninguém mais toma a sério a maioria dos nossos polemistas.”.

Em decorrência de um insulto a um técnico de futebol americano, uma revista dos Estados Unidos adquire acidentalmente uma dívida exorbitante. O autor da reportagem, Jacinto de Thormes, critica com ferocidade e deboche as leis dos Estados Unidos que resguardaram o técnico nessa situação, comparando com as leis do Brasil, as quais não levam a sério a quantidade de insultos proferidos pelos jornalistas em suas reportagens. Há uma mistura de valorização das leis brasileiras, e desdém em face da falta de limites, pela liberdade de expressão exacerbada. Contudo, sinaliza a seriedade que os estrangeiros lidam com a sua imprensa. Nessa reportagem, o autor (THORMES, 1963) valoriza a identidade nacional brasileira por meio das atitudes da imprensa e apresenta um antiamericanismo escancarado. Por Katzenstein e Keohane (2007), a desconfiança significa a oposição aos estadunidenses com a postura do ceticismo e o preconceito indica a inclinação as atribuições negativas, sendo expostas a todo momento na reportagem do jornal *Ultima Hora* do Rio de Janeiro (THORMES, 1963).

## 4.2 UM ESPETÁCULO DE FUTEBOL AMERICANO NO BRASIL

O ano de 1954 apresenta nos jornais brasileiros diversas passagens a respeito do futebol americano pela visita de uma universidade estadunidense que veio celebrar os festejos comemorativos do IV Centenário de São Paulo, com passagem nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Finalmente o público brasileiro seria agraciado com uma partida do clássico futebol americano que os estadunidenses tanto apreciavam, sendo a primeira exibição vista pelos paulistas e as demais pelos cariocas. Houve diversos jornais da época que deram seu parecer a respeito do grande espetáculo que acontecia em duas capitais do Brasil, cada qual focando nos aspectos que mais chamaram a atenção do público e explicando o esporte da bola oval para os leigos. No entanto, nem todas as descrições do espetáculo concordam entre si quando se trata da análise esportiva do futebol americano.

Por seguinte, em 1954 na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro ocorreram partidas da modalidade esportiva executadas pela universidade *Jackson High School* de Miami na Flórida, Estados Unidos. Os estudantes ianques com a sua banda de cento e trinta pessoas e seu time de futebol americano apresentaram um típico espetáculo estadunidense para a população brasileira. Contando com a participação de 60 mil pessoas dentro do estádio do Pacaembu para assistir as demonstrações do jogo e da banda, o público deleitou-se do esporte que tanto acompanhavam por meio dos filmes. O placar final no Pacaembu foi de 27 a 13. Como narrado pelo jornal *Manchete* do Rio de Janeiro a respeito do espetáculo na área esportiva:

Quanto ao time de “rugby”, a gente esperava que a coisa tivesse aquela movimentação que o cinema de Hollywood vulgarizou. Acontece que não tem. O jogo não “deslança”. É entravado. Falta continuidade de ação. Por outro lado, como as suas regras são ignoradas do nosso público, agradou menos. Restou, contudo o pitoresco. Aquêles homenzarrões vestidos à melhor maneira de Frankenstein! E o anedotário (inevitável!) da narrativa feita entre si pelos espectadores e até pelos cronistas esportivos. (“RUGBY”, 1954)

A análise do jogo de futebol americano pelo jornalista do jornal *Manchete* do Rio de Janeiro (“RUGBY”, 1954) foi severa diante ao esporte. O que era esperado pelo escritor era um jogo hollywoodiano e emocionante, porém sem ter o conhecimento adequado da modalidade e de suas regras. Sendo assim, por uma parcela significativa dos telespectadores não houve deslumbre pelo evento. A falta de ação citada contém o fato que o futebol americano tem inúmeras paradas ao decorrer do jogo para organização das jogadas e dos times específicos que devem estar em campo. A comparação com o personagem Frankenstein, um homem artificial remendado com partes do corpo humano, reduz os jogadores a monstruosidade. Além dos equipamentos necessários para a proteção

dos jogadores no esporte terem assustado pela magnitude apresentada, os brasileiros não estavam acostumados com as peculiaridades do novo esporte.

No espetáculo conduzido pela *Jackson High School*, que obteve o benefício para os brasileiros de cerca de um milhão de cruzeiros, houve a banda da universidade com seus alunos de balizas executando acrobacias e tocando instrumentos, além da demonstração de um jogo de futebol americano. O ponto alto para grande parte do público foi a beleza das alunas da universidade que tiveram sucesso na performance, executando formações que visivelmente formavam palavras como “Viva São Paulo”, “Viva o Brasil”, “Viva o 4º Centenário”. Na reportagem do jornal *A Cigarra* de São Paulo em 1954 há a descrição das bailarinas do espetáculo que com suas evoluções artísticas praticadas com suas hastes de metal esbanjavam uma beleza extrema, conquistando o público e recebendo aplausos calorosos das arquibancadas. Contudo, o comentário esportivo não perdoou o esporte desconhecido pelos brasileiros como notamos na reportagem:

Tocando e dançando no centro do gramado, os rapazes do Tio Sam, muito bem treinados, movimentavam-se no centro do gramado, formando diversas palavras, como “Viva o Brasil”, “Viva o Rio”, etc. O espetáculo conseguiu agradar graças a esses músicos e às belas balizas, pois o “rugby” foi uma decepção. Poderíamos nos alongar. Mas acreditamos ser muito mais interessante deixar que nossos leitores se deliciem com a visão das garotas que ilustram estas páginas. (GARBO..., 1954)

A notícia exalta as balizas norte-americanas que deram um show de beleza, acrobacias, evoluções artísticas e passos de dança que encantaram o público brasileiro no estádio Colosso do Derby na tarde de sol típica carioca. Em relação aos universitários, da faculdade *Jackson High School*, foram bem treinados para a execução de frases no campo, entretanto, no *rugby*, segundo o jornalista, decepcionaram e deixaram a desejar. A notícia inteira voltou-se a apreciação de fotos das mulheres com suas balizas e roupas curtas que compuseram o cenário e a exaltação de sua graciosidade, o futebol sendo deixado totalmente de lado perto das figuras femininas que agraciaram o evento esportivo. Como retrata o jornal *Diário da Noite* sobre o sucesso das balizas (TEM..., 1954): “Deveras emocionante esta primeira evolução, que anunciava como de fato aconteceu, exhibições muito mais sensacionais e que teriam no seio dos presentes a aceitação mais positiva e concreta.”.

Esse espetáculo inédito de futebol americano pela vinda dos universitários dos Estados Unidos foi devido ao convite feito pela *Rádio Bandeirantes* para a comemoração do IV Centenário de São Paulo, com valor gasto de 3 milhões de cruzeiros. Houve quem

apreciou o esporte e a banda feminina, considerados de alto sucesso, apresentando as moças como pessoas de verdadeira classe comparados aos brasileiros, além da civilidade do público em não arrumar nenhuma confusão no evento. Nesse aspecto, as moças estrangeiras esbanjavam elegância e classe, enquanto os rapazes estrangeiros eram destacados pela sua desorganização e agressividade ao jogar o esporte norte-americano. Como explora a reportagem do jornal *Diário da Noite* em 1954:

A assistência mostrando grande espírito de civilidade soube prestigiar e homenagear a sua maneira, com aplausos e outras manifestações de admiração, os americanos. As duas equipes de “rugby” convidadas pela Associação das Emissoras de São Paulo, também souberam honrar a tradição do jogo “yanque”, as arremetidas violentas que partiam de lado a lado, os sensacionais cortes de passes e os consequentes “bolos” de jogadores, deixaram encantada a assistência, que em certas horas, como um bando de crianças gritavam e pulavam de alegria. (60..., 1954)

A reportagem abordou o esporte como violentas arremetidas, bolos de jogadores amontoados e uma certa desorganização presente. O jornal *Diário da Noite* prosseguiu com a descrição do confronto do futebol americano da universidade *Jackson High School* (60..., 1954): “Atacam os brancos em violentas arremetidas, dificilmente contidas pelos jogadores do quadro verde. Os bolos de players se sucedem, os tombos e violentas batidas encantam o espectador que aplaude como criança”. Além de intitular a modalidade esportiva como violento e encarniçada, entretanto, a conclusão da reportagem elucida a agradável tarde que cerca de 60 mil paulistanos se deleitaram e na musicalidade ímpar que foi apresentada. O sucesso da tarde foi, em grande parte, devido pela contribuição da banda feminina que trouxe mulheres vistosas e magníficas para o evento. Claramente não pela partida do violento esporte visto pelos paulistas, diante a análise da maioria dos jornalistas.

Abordando a reportagem do jornal *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro de 1954, o autor estranha e ridiculariza o futebol americano, caracterizando o esporte como uma verdadeira luta livre. Contudo, valoriza a virilidade dos estadunidenses que cultuam um esporte extremamente violento aos olhares dos brasileiros. De acordo (“CATCH”..., 1954): “Um jôgo onde a lealdade depende exclusivamente da noção de cada um, pois as regras, por si, exigem o máximo de virilidade.”. Em seguida, tenta explicar as ações do futebol americano como selvageria, agressividade, garra, gana e euforia. Prossegue (“CATCH”..., 1954): “Acontece, no entanto, que no outro grupo do extremo (dentro do círculo) os jogadores trocam bofetões, empurrões, seguram, calçam, tudo com muita garra, muito entusiasmo e, sobretudo, muito apetite...”. Fica evidente, que o brasileiro

acostumado com a civilidade do *soccer*, estranha um esporte que mais se assemelha com uma luta livre, expõe o autor (“CATCH”..., 1954). Nesse caso, por Lourenço (2010), o jornalista que detém a análise da narrativa passa a deter o poder político da definição das características culturais e sociais de um coletivo, estipulando a falta de civilidade dos Estados Unidos em sua cultura esportiva.

O futebol americano atualmente conquista um público interessado nos shows de intervalo que são feitos no *Super Bowl*, sempre há celebridades que estão na moda no mundo dos artistas e por isso, a audiência dispara quando há o evento mais importante da liga esportiva. O costume dos jogos serem acompanhados por bandas instrumentais e *cheerleaders*, dançarinas, é antigo. Logo, o espetáculo de 1954 foi acompanhado pela banda musical da universidade para compor esse cenário cultural estadunidense, sendo parte dos jogos de futebol americano. Houve a execução do hino nacional brasileiro e dos Estados Unidos, com a formação de palavras que exaltavam a nação brasileira. Além, de incontáveis músicas da moda, o evento cativava em demasiadamente os espectadores mais pelas atrações do que propriamente pelo o jogo segundo análises dos jornais da época. Como noticiado no jornal *Correio da Manhã*, em 9 de julho de 1954 na cidade do Rio de Janeiro:

Nesta apresentação serão executados os hinos do Brasil e dos Estados Unidos, abrilhantados pelas figurações dos nomes dos dois países cujos pavilhões, no mesmo momento, serão hasteados, respectivamente, pelo embaixador americano e Manoel Barcelos, este presidente de A. B. R. (RUGBY, ..., 1954)

Houve quem não entendesse o espetáculo pela falta de informação sobre o funcionamento desse esporte. Importante ressaltar que o futebol americano diferente do futebol, tem estruturas diferenciadas, regras complexas, equipamentos sofisticados, tempos diferentes, objetivos dissemelhantes, entre outros aspectos. O desconhecimento do esporte era de se esperar durante o evento, mas grande parte do público permaneceu aberto para as inovações paulistas em patrocinar estrangeiros que trouxeram uma cultura esportiva totalmente divergente da habituada pelos brasileiros. Como notícia no *Jornal do Commercio* do Amazonas (JOGO., 1954), em 16 de julho de 1954, em plena atividade: “O público não entendeu o jogo dos universitários americanos, mas gostou do jogo, no Maracanã. Alguns menos avisados reclamaram penalties, fouls e coisas iguais, sem entender que o rugby é aquilo mesmo ou isto que aparece acima.”.

Para ocorrer um breve entendimento do que estaria por vir no domingo no Maracanã, o jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro (INTERÊSSE..., 1954, p. 2)

buscou descrever como se praticava o futebol americano. Iniciaram a reportagem com a característica do *rugby* diferir bastante do futebol brasileiro já que é um esporte praticado por onze jogadores, sete pessoas formando a defesa e quatro pessoas o ataque, em um campo de 110 jardas divididos em 10 jardas, com o final tendo um gol com forma da letra “H”. Na explicação dos objetivos de jogo (INTERÊSSE..., 1954, p. 2): “Cada equipe tem 4 tentativas para avançar 10 jardas, quando não conseguindo o intento, passa então o comando das ações a turma rival.”. Finalizando que a entrada de um jogador com a bola oval, diferente da redonda que o público está acostumado, na zona final concederia seis pontos, além do chute no arco que concederia um ponto.

Para preparar o público para o tempo maior de partida que o habituado *soccer* fornece, com 90 minutos de jogo ocorrendo em alguns jogos acréscimos, o jornal carioca *Diário de Notícias* (INTERÊSSE..., 1954, p. 2) expos que o tempo de uma partida era longo com quatro partes, além de vários juizes no comando que estariam para zelar as regras e os jogadores. O espetáculo perdurou por muitas horas em virtude do tempo de uma partida de futebol americano ser maior que de uma partida do futebol brasileiro, denominado no exterior perante o *rugby* como *soccer*. Além do fato da banda feminina da universidade apresentar espetáculos com balizas, instrumentos musicais, cantorias e dança compor sempre os jogos de futebol americano por já ser inserido na cultura estadunidense na execução de uma partida do esporte visto pelos brasileiros como estrangeiro. Após o evento, o jornal *Diário de Notícias* em uma reportagem (SENSACIONAL..., 1954, p. 1), vangloria-se do dia do ocorrido pela execução de um futebol diferente que empolgou a torcida carioca com sua violência e astúcia percebidas. A grandiosidade do evento patrocinado pela *Rádio Bandeirantes* teve sua arrecadação em cerca de 900 mil cruzeiros, tendo grande sucesso com a venda de ingressos antecipados de preços variados.<sup>9</sup> Logo, ocorria a possibilidade de diversas classes sociais estarem presentes na celebração.

Das notícias mais críticas sobre o espetáculo de julho de 1954 no Brasil, o autor da reportagem, Albert Laurence, do jornal *Última Hora* do Rio de Janeiro (LAURENCE, 1954, p. 7) traz a opinião do futebol americano ter uma específica violência que os outros

---

<sup>9</sup> Dentre os valores para o jogo de futebol americano no domingo dia 11 de julho no estádio do Maracanã, pelas informações da reportagem (INSTRUÇÕES..., 1954), o camarote lateral com capacidade para cinco pessoas custando 350 cruzeiros, o camarote de curva com capacidade para cinco pessoas 250 cruzeiros, as cadeiras numeradas a 80 cruzeiros, as cadeiras sem número 50 cruzeiros, as arquibancadas 20 cruzeiros, a geral custando 10 cruzeiros e a militar custando 5 cruzeiros.

esportes não têm, na qual o contato corpo a corpo assemelhasse com uma luta livre dentro do campo e que mesmo presenciando tamanha violência, o esporte tem sua honra e educação. A partida foi disputada entre os jogadores da mesma universidade, onde o público poderia achar que o resultado seria combinado e seria sem nenhum esforço. Contudo, houve o espírito esportivo, a lealdade e a educação dentro dos campos segundo o autor. É possível notar na descrição de Albert Laurence para o jornal *Última Hora*:

É evidentemente um desporto de uma rara violência. Um amigo presenciando o jogo ao meu lado admirava as cargas, os trancos incríveis, as pegadas de luta livre, exclamando: “Mais parecem bois enlouquecidos...” Mas o fato é que não vimos um gesto feio. Não vimos um gesto de revolta ou deslealdade. Nem de mau humor. Simplesmente porque há grande diferença entre violência e brutalidade, e sobretudo deslealdade. (LAURENCE, 1954, p. 7)

A análise esportiva não deixou de explorar o desconhecimento dos ocorridos durante uma partida de futebol americano, quando descreve o autor Albert Laurence: “Mas assim mesmo, no “rugby”, se produzem constantemente situações confusas com amontoados de jogadores em posições perigosas, que permitiram perfeitamente a um adversário desleal, usar socos e ponta-pés, sem que o juiz ou os juizes, percebam nada”. (LAURENCE, 1954, p. 7). Todavia, não houve ocorridos de brutalidade e deslealdade, muito menos contusões em alto grau pela civilidade que o estrangeiro apresentava mesmo em um esporte que era visto como violento. O futebol americano antes de tudo é um esporte com regras complexas, estratégias e equipamentos que zelam pela saúde do atleta. Por sua vez, em 1954, o jornal *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro retrata a tranquilidade do jogo (TARDE..., 1954): “Uma tarde leve, sem juiz ladrão, sem brigas nas arquibancadas, em que todo mundo se divertiu.”.

O autor Laurence (1954) para o jornal *Última Hora*, afirmou que há beleza em presenciar um jogo de futebol americano. O diferencial do esperado e do habitual na capital carioca, encontra-se na diferença entre a carga violentíssima de um jogador de *rugby* com certas rasteiras que se pode pisar nos adversários. Ele explora até que certo ponto termina o jogo e começa a violência, não ocorrendo essa última por parte da educação esportiva que os universitários da faculdade de Miami apresentaram. Os Estados Unidos eram vistos como portadores de valores morais, de educação esportiva, da lealdade esbanjada, da classe social elevada e do companheirismo. Na descrição da reportagem do jornal *Última Hora*, os estadunidenses são associados como homens com eloquência, educação, honestos e principalmente fortes:

Ninguém poderá discordar, contudo, se dissermos que esses desportos violentos, constituem uma magnífica escola de atletas e contribuem

eficientemente na “fabricação” de uma raça forte de homens decididos, sólidos e corajosos. Mas sem que seja necessário fazer exibição de “valentia”, nem de falar em “baixar o pau”, em “ineter o p”, e outras coisas bonitas”. (LAURENCE, 1954, p. 8)

Para o jornal *Diário da Noite* do Rio de Janeiro (A ABERTURA..., 1954), a abertura das festividades com a entrada da banda musical *Jackson Band* sob o comando do chefe geral com seus passos ritmados, levou o público ao delírio nos primeiros minutos do evento. As dançarinas logo conquistaram os telespectadores com sua beleza, simpatia e graciosidade, gerando grande expectativa pela partida de futebol americano. Não faltaram os hinos dos respectivos países envolvidos, as homenagens ao patrocinador e as manifestações musicais. Citando um aspecto louvável, os jogadores da universidade *Miami Jackson School* prestaram sua homenagem as classes armadas brasileiras pelas vestimentas. Onde o time de branco homenageava a Marinha de Guerra do Brasil e o time verde defendia as cores do exército nacional brasileiro. Observando os dois primeiros quartos de tempo do futebol americano, no jornal *Diário da Noite*:

Não vamos dizer que seja mais emocionante que o nosso futebol. O nosso trás muito mais os nervos a flor da pele. Mas como isto não dizemos que o futebol americano não tenha também as suas emoções. Tanto é verdade, que a torcida se dividiu escolhendo cada parte a equipe de sua simpatia. Esta mesma torcida se equilibrou e momentos houve que, os lances mais violentos e ríspidos unia as duas facções de torcedores de tal forma que ninguém mais sabia para quem se torcia. (A ABERTURA..., 1954, p. 7)

A descrição da demonstração de uma partida de futebol americano nas terras brasileiras veio acompanhada de comentários sobre a violência do esporte, da confusão que é gerada ao decorrer dos lances pela falta de entendimento do jogo, da escassez de emoção, da comparação dos times com “facções” remetendo a grupos partidários de uma mesma causa e dos torcedores acuados em determinados lances que apresentavam movimentos ríspidos. Diferente do futebol brasileiro, o futebol americano tem o choque dos jogadores o tempo inteiro para a conquista de território e defesa do mesmo. Os solavancos que os praticantes sofreram chegaram a assustar o público que não estava acostumado com tamanhas colisões, ademais a violência e a agressividade expostas. Além do fato que o futebol americano assemelhasse-se a uma “guerra”, da qual o Brasil não presenciara em seu solo da mesma forma que os estadunidenses foram imersos no passado.

O Jornal *Diário da Noite* (TEM...,1954), descreveu o espetáculo em sua totalidade com a apresentação majestosa das dançarinas que antes mesmo de executarem os movimentos já eram aplaudidas aos alvoroços pelos torcedores brasileiros, considerando

um sucesso e reconhecendo o valor de uma apresentação musical. Voltando ao evento, o jornalista descreveu a homenagem feita pelos jogadores estrangeiros as forças armadas brasileiras e iniciou a descrição do esporte como emocionante, violento, ríspidos e chocante. A comparação com o futebol brasileiro sobrepôs a característica de emocionante ao apresentar o futebol estrangeiro como mais agressivo e violento perante o futebol brasileiro. Analisando a reportagem do jornal *Tribuna da Imprensa* em 1954:

Não vamos dizer que seja mais emocionante que o nosso futebol. O nosso trás muito mais os nervos a flor da pele. Mas com isto não dizemos que o futebol americano não tenha também as suas emoções. Tanto é verdade, que a torcida se dividiu escolhendo cada parte a equipe de sua simpatia. Esta mesma torcida se equilibrou e momentos houve que, os lances mais violentos e ríspidos unia as duas fações de torcedores de tal forma que ninguém mais sabia para quem se torcia. (TEM...,1954)

No estranhamento ao esporte estadunidense, o jornal *Tribuna da Imprensa* (BELAS..., 1954), em 1954, comparou o conto de fadas “A Bela e a Fera” de grande popularidade pela adaptação da empresa Walt Disney com os jogadores de futebol americano e suas dançarinas. A Bela, uma moça graciosa e doce, e a Fera, um príncipe amaldiçoado a viver no corpo de um animal feroz, representava as dançarinas com sua feminilidade em contraponto aos jogadores com seus equipamentos diversos e grandiosos. As execuções dos passos de dança encantavam os torcedores que se vislumbravam com as garotas estrangeiras marcadas pela civilidade e requinte. Todavia, os jogadores assustavam com sua ferocidade, violência, falta de civilidade, rispidez e agressividade dentro dos campos. A falta de informação sobre a cultura estadunidense com o futebol americano e o antiamericanismo perante os estadunidenses, tornaram a opinião popular, em grande parte, negativa ao esporte. Em prosseguimento a passagem do jornal *Tribuna da Imprensa* de 1954:

Ontem, no Maracanã, o público carioca teve oportunidade de presenciar uma nova versão de “A Bela e a Fera”. Desta vez, porém, havia mais de uma bela e também muitas feras. Entre aqueles vinte e dois rapazes corpulentos, carrancudos, de cabelo cortado a buscarré e com o corpo deformado pelos enchimentos do uniforme de futebol americano, havia também as belas. Bonitas moças, de gestos graciosos, pisar macio e cadência ritmada, que executavam com muita perfeição todos os movimentos de um “ballet” característico das Universidades norte-americanas. (BELAS..., 1954)

A análise trouxe a admiração e o deslumbre com as moças estadunidenses, entretanto, a imagem negativa dos rapazes marcou-se presente quando há a descrição dos mesmos como corpulentos, carrancudos, com os cabelos cortados igualmente e com os corpos deformados como a Fera do conto adaptado pela empresa *Walt Disney*, popular na época. Finalizando a reportagem, o autor escreve que as “Belas” levaram vantagem sobre

as “Feras” pela simpatia que as moças adquiriram do público. Tornando conseqüentemente a tarde mais agradável diante o futebol americano que imperava violência, segundo o autor. Em seguida, na reportagem foram disponibilizadas fotos do time esportivo e das balizas, com o comentário que os brasileiros iriam concordar com a analogia feita pelo jornalista. A respeito das percepções da partida, o jornal *Tribuna da Imprensa* expõe sua opinião (O CARIOCA..., 1954): “O Carioca tomou uma lição de futebol americano” declara o autor: “Em outros lances, provocou riso por causa de suas jogadas desconcertantes, dos encontrões, das rasteiras e dos trancos decididamente violentos.”.

Adentrando uma reportagem do jornal *A Noite* do Rio de Janeiro (O RUGBY..., 1954) sobre o espetáculo de futebol americano em 1954, há o completo desdém perante os estrangeiros e da cultura que eles carregam consigo. Inicialmente, o autor esclarece que o *rugby* é um esporte que transforma os jogadores em trouxas iguais. Haja vista, os torcedores não conseguem identificar quais jogadores saíram do campo e quais entraram. Demonstrando total falta de conhecimento e respeito em relação ao esporte que apresenta suas substituições lógicas, com diversas trocas do time defensivo para o ofensivo durante uma partida. O preconceito exposto pelo autor da reportagem, em parte, é devido ao estranhamento perante os estadunidenses, do antiamericanismo ao pretender valorizar a identidade nacional e da pela falta de informação esportiva. Nesse caso, se estabelece um afastamento à cultura dos Estados Unidos. Segue a passagem da reportagem tendenciosa ao lado brasileiro (O RUGBY..., 1954): “Cada ponto vale seis, o que nos parece outra besteira, mas, enfim, os americanos é que resolveram assim e como vocês sabem, quando êles resolvem a gente não deve discutir por causa de uma porção de coisas – inclusive hidrogenadas.”.

Por seguinte, o autor (O RUGBY..., 1954) menospreza o esporte como uma oportunidade para os “marmanjos” em campo colocarem suas diferenças em prática, extinguindo qualquer possibilidade de demonstrações de estratégias e conhecimentos por parte dos jogadores. Ademais, existe o desprezo pelas ações dos praticantes quando comparam os jogadores com cadáveres que precisam ser retirados ou remendados. Ao descrever o espetáculo de 1954, o autor (O RUGBY..., 1954) ironiza a existência de violência ao citar o contrário, contudo, seus argumentos trazem palavras que denotam uma visão negativa. Após elucidar sua opinião, finaliza a reportagem com a descrença do porquê os rapazes dos Estados Unidos perdem tempo com um futebol que gera violência,

desordem e é menos dramático comparado ao futebol brasileiro. Segue a passagem do jornal *A Noite* do Rio de Janeiro a respeito da partida sediada no solo carioca:

De oito em oito minutos para o jogo, para que os “cadáveres” sejam retirados de campo e, os “feridos”, remendados ou jogados fora... No fim, dificilmente se compreende porque é que uns homens daquele tamanho, perdem tempo com tanta bobagem, e sai-se de campo imaginando se aquilo é esporte mesmo ou modo de certa maneira elegante de “matar o tempo” e os adversários. Vendo-se o rugby jogado pelos rapazes do Miami Jackson School, percebe-se facilmente que aquele é um esporte sem qualquer violência –apesar dos “mortos” e “feridos”. (O Rugby,...., 1954, p. 7)

A importância do evento de 1954 para a dissertação se encontra nas diversas reportagens publicadas em vastos jornais brasileiros a respeito do futebol americano, proporcionando análises aprofundadas da visão brasileira frente aos estadunidenses. As percepções do espetáculo foram variadas e carregaram o contraste nítido da alteridade do Brasil com os Estados Unidos, em acréscimo, o antiamericanismo expressando opiniões negativas estava de acordo com o contexto histórico de ambos os países. O esporte mais jogado nos Estados Unidos foi julgado negativamente por grande parte dos brasileiros, que tiveram oportunidade de presenciar uma partida dessa modalidade esportiva. Os comentários ora ressaltavam a valorização da identidade nacional brasileira e ora ressaltavam a identidade nacional estadunidense.

#### 4.3 ANALOGIA BÉLICA

Ao analisarmos uma partida de futebol americano, podemos notar que o seu prosseguimento se assemelha com uma conquista de territórios com a finalidade de chegar em uma zona específica que concede a pontuação máxima, a vitória na guerra. A analogia do esporte da bola oval com o ato bélico é notória em diversas passagens dos jornais brasileiros no ano de 1945 a 1964, por muitas vezes remetendo ao processo de guerrear com o oponente. Por exemplo, a palavra *tackle* na guerra, que representa o desarme de um oponente, está presente no futebol americano com a mesma função. Como analisou Curti (2017) sobre essa proximidade do esporte ser associada a uma guerra:

Em analogia bélica, o futebol apresenta ataques que se assemelham a ataques de cavalaria: rápidos e que, em dado lance, pode furar o bloqueio defensivo adversário de maneira individual, com velocidade. O rúgbi, irmão mais velho do futebol americano – e diretamente derivado do futebol – apresenta-se de maneira mais “pesada” e sólida nos avanços, tal qual no jogo terrestre da NFL; lembra bastante a movimentação de infantaria e mesmo de tanques (embora, na prática, atualmente os tanques sejam considerados cavalaria). Os jogadores costumam avançar em linha e juntos. A movimentação se dá quase de forma

análoga à Primeira Guerra Mundial – não consigo deixar de ver um *scrum* como uma trincheira. (CURTI, 2017, p. 18)

Observando uma partida do *football*, uma pessoa leiga poderia ver que a quantidade de jogadores de cada time é extremamente diferente comparado ao *soccer*. Na NFL, atualmente, os times podem contar com quarenta e seis jogadores ativos e na FIFA, Federação do futebol internacional, podem ter vinte e seis jogadores ativos. Há quase o dobro de jogadores permitidos do primeiro esporte citado para o segundo, sendo uma diferença visual clara. No futebol americano, existe divisões dentre esses jogadores, por exemplo, há o time que é responsável por atacar e o time que defende, o time ofensivo e o defensivo. Essa troca de divisões, remetendo tropas, ocorre durante o jogo inteiro. Sempre buscando conquistar territórios, assim como em uma guerra, é necessário atacar e defender seu território do adversário, o time inimigo. Como explora o jornalista Antony Curti:

E o futebol americano, na maior parte das vezes, é um ataque aéreo, extremamente orquestrado. O coordenador ofensivo é um general que “canta” no capacete do “tenente” qual será a movimentação das tropas em dada jogada. Esse tenente (o *quarterback*) informa para suas tropas qual será a movimentação de cada um – isso é feito por um código preestabelecido, não conhecido pelo oponente. Se a campanha não dá certo, as tropas saem em retirada e esperam que suas unidades defensivas contenham o avanço do inimigo. (CURTI, 2017, p. 18)

Em acréscimo, Curti (2017), comentarista do esporte atualmente, expõe as similaridades que o esporte originário dos ingleses traz em diversas ocasiões perante o ato de guerrear. Sendo o *quarterback*, o tenente de uma guerra, que leva seu time ofensivo para a vitória, a conquista da pontuação máxima. É pertinente ressaltar que o aumento da popularidade do futebol americano nos anos seguintes de 1950 pode ser explicado por fatores como: o país vindo de um pós-guerra vitorioso, onde o esporte remete demasiado esse fator; com a expansão da urbanização estadunidense, a ascensão da televisão como meio de disseminação do esporte e as modificações de regras que concediam uma organização melhor das partidas. Logo, os jogos entre diversas cidades dos Estados Unidos despertavam uma identidade regional fortíssima que se assemelhava a torcer por uma nação ou região perante a outra.

Analisando a reportagem do ano de 1946 do jornal *Diario de Noticias* (BLANCHARD, ..., 1946), há a apresentação de um jogador do exército estadunidense, Blanchard, que recebeu o Troféu Memorial Helsman como o melhor jogador de futebol americano reconhecido pela nação. Nas descrições das habilidades do jogador, é feita a comparação de Blanchard como um projétil humano, assemelhando-se com a velocidade

de um míssil em um campo de batalha quando exerce sua função de *fullback*, correndo com a bola e a bloqueando. Sua vitória para o time do Exército possibilitou sua inclusão na Seleção Americana dos Estados Unidos, e posteriormente, por compor o exército, foi guarda de honra no funeral do presidente Franklin Roosevelt. Acerca de (BLANCHARD, ..., 1946):

De igual modo, Doc Blanchard, conhecido por ‘projétil humano’, é aclamado pelos fans dos Estados Unidos e do estrangeiro como um dos maiores corredores jamais vistos nos campos de futebol, honra bastante singular se atendermos à longa lista de ‘cracks’ imortalizados. (BLANCHARD, ..., 1946, p. 6)

As competências do jogador da Academia Militar de West Point, forneceram a ascensão da sua carreira militar e esportiva. Na descrição de suas atuações dentro de campo, Blanchard formava uma dupla de destaque com o militar Gleen Gavis, tornando as partidas do futebol americano cada vez mais extraordinárias, segundo a reportagem (BLANCHARD, ..., 1946). Nos comentários jornalísticos do *Diario de Noticias*, o autor utiliza um linguajar que mistura aspectos militares e do futebol americano. Quando aborda que os jogadores necessitavam atravessar as linhas inimigas para avançar as jardas necessárias na conquista de território, ademais, da cobertura que um jogador oferece ao outro no campo, podendo ser visto como na guerra ou como o esporte. Prossegue (BLANCHARD, ..., 1946) : “Blanchard infiltrava-se irresistivelmente, através das linhas inimigas, enquanto Davis com velocidade relâmpago, cobria os cantos, não despresando nenhuma oportunidade, daí ganharem à reputação nacional de ‘cracks gemeos’.”.

No contexto dos Estados Unidos, o envolvimento do país com guerras era ativo. Por isso, em determinados momentos, os jogadores do futebol americano deixavam seus times para defender seu país, assim como eram concedidas dispensas aos mesmos para regressarem aos times do *football*. Como sinaliza a reportagem (PEARSON, 1962, p. 64): “O Exército norte-americano tem concedido dispensa, a título de emergência, a jogadores de futebol americano, a fim que possam integrar os seus times, deixando de conceder licença a trabalhadores que se dedicam a ocupações estacionais como os agricultores.”. Os requisitos físicos para a prática do esporte da bola oval favoreciam a composição dos jogadores na carreira militar. É visível que por comporem uma nação, os sujeitos que deixam a temporada esportiva para ingressar no exército, unem-se pela defesa de sua identidade nacional. Nesse caso, como defende Anderson (1983), há a compreensão da identidade nacional formada pelo compartilhamento de interesses ou aspectos identitários comuns dentro de uma comunidade que é caracterizada como imaginada.

É possível perceber a importância do futebol americano para as forças armadas quando passa a ser obrigatório no exército a prática do esporte da bola oval. Retrata (ESPORTE..., 1953, p. 11): “Atualmente, o futebol americano é obrigatório também na parte esportiva das forças armadas norte-americanas, sendo difundido intensamente em seus vários ramos.”. Na reportagem do jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro (1953), o autor expõe que o *rugby* conquistou seu lugar nas modalidades esportivas dos Estados Unidos, adentrando também fronteiras de outras nações como a Alemanha Ocidental, o Japão e a Argentina. Todavia, ressalta que no Brasil o futebol americano perde espaço para o futebol que os brasileiros estavam acostumados, chamando o *soccer* de balípedo. Diante disso (ESPORTE..., 1953, p. 11): “No Brasil, não conseguiu, até agora, qualquer incrementação, isso, talvez, em face do domínio absoluto do balípedo, domínio este que parece estender-se para a eternidade, tal o amor do público pelo futebol ‘*association*’.”.

Para a disseminação do esporte no nosso contexto histórico, o ano de 1958 foi pioneiro pela partida *The Greatest Game Ever Played* jogada entre as franquias dos *Colts* e dos *Giants*. Nesse cenário, os telespectadores nacionais e internacionais chegaram aos 45 milhões, servindo de conquista do futebol americano no imaginário principalmente estadunidense, onde o país se encontrava celebrando o pós-guerra vitorioso. Na análise Curti (2017, p. 51) sobre o jogo que marcou uma crescente disseminação do esporte, em acréscimo, a comparação com o contexto dos Estados Unidos: “A imagem lacônica e estratégica de Johnny Unitas, como um general comandando suas tropas, somada ao futebol americano como uma metáfora bélica no auge da Guerra Fria contribuiu para que ele caísse no gosto das pessoas.”.

Em relação a persistência dos jornais brasileiros em citar as pancadarias no *football*, é necessário voltar-se a uma complexidade maior que esse simples choque entre os jogadores. A denominada “batalha de trincheiras” que ocorre depois do início da jogada pelo *snap* é o principal aspecto visual de colisões no esporte. Nesse caso, não existe só homens colidindo entre si em cada jogada, há estratégias e rotas que são executadas pelos jogadores em proveito de avançarem e defenderem suas posições. Essa pancadaria associada ao futebol americano expõe a falta de conhecimento de quem analisa o jogo, cada jogador decora diversas rotas para executar durante a partida. Por isso, fica evidente que existe organização nesses choques, não sendo aleatórias. Os brasileiros acabavam por exagerar na descrição do esporte em função do desprezo pelos estadunidenses, seja em sua cultura ou esporte.

Diante o contexto dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde participou ativamente, houve convocações para a composição do exército nos times de futebol americano. Logo, os desfalques durante as temporadas ameaçaram o fim do esporte. Os times foram reduzidos pelo número de jogadores, ocorrendo junções para a permanência das equipes na liga esportiva como solução do problema. Dentre as uniões a favor de manterem suas atividades, formou-se o *Pittsburgh Steelers* com o *Philadelphia Eagles* ocasionando nos *Steagles*. Ademais, a suspensão do time de *Rhode Island Rams*. Ao acompanharmos a reportagem do jornal *Correio Paulistano* de São Paulo em 1944 (A IMPORTANCIA..., 1944), a respeito da campanha da Itália para a vitória final:

As ofensivas não são desencadeadas pura e simplesmente. Os ataques não são iniciados simplesmente porque o marechal Stalin na frente oriental, o general Eisenhower na frente ocidental ou na Itália desejamos atacar. Isto é como futebol americano, com diferença que eu não conheço o futebol americano, mas posso dizer que é como o futebol inglês. Onde existem homens que jogam na defesa, outros que coordenam a defesa e o ataque, e outros que marcam os pontos. Mas não é o marcador que ganha e sim o quatro todo. (A IMPORTANCIA..., 1944, p. 8)

O jornalista na reportagem estabelece uma analogia bélica diante o futebol americano quando exalta que, em uma guerra há homens que são responsáveis pelo time de defesa e outros que se encarregam do ataque. Outro exemplo da analogia bélica, encontra-se pela presença brasileira no IV Centenário de São Paulo, em 1954, quando os jogadores de *rugby* da Universidade de *Miami School*, patrocinados pela *Rádio Bandeirantes*, apresentaram um espetáculo de futebol americano no Brasil. Em acréscimo, a presença da banda da universidade para compor o evento esportivo gerou vastas comparações com o esporte. Na execução do futebol desconhecido pelos brasileiros, os estadunidenses resolveram homenagear as forças armadas do Brasil por meio da escolha das representações das equipes. Assegurando sobre o espetáculo esportivo, o jornal *Diário da Noite* do Rio de Janeiro (TEM..., 1954), em 1954, traz os comentários jornalísticos sobre o evento que reuniu mais de 60 mil pessoas:

Mas o que mais emocionou foi a resolução das duas equipes homenageando as classes armadas do Brasil. Assim é que a equipe branca formou com sendo a equipe Marinha de Guerra do Brasil, enquanto que a verde passou a defender as cores do exército nacional. (TEM..., 1954)

O *football* apresenta contato corpo a corpo a todo momento, ocorrendo choques entre jogadores e por esse fato, pode ocasionar lesões. Se explorarmos o assunto das contusões, os equipamentos foram aprimorados ao longo dos anos para absorver o máximo de impacto em função da proteção dos jogadores em sua prática. Contudo,

visualmente as proteções necessárias para um jogador de futebol americano são diversas comparadas ao *soccer*, com o custo dos equipamentos altíssimos para os jogadores. Abordando a quantidade de equipamentos de proteção durante uma partida, no espetáculo que ocorreu em São Paulo em 1954, há a possibilidade de entendermos o cenário visual dos praticantes. Como exemplifica o jornal *Manchete* do Rio de Janeiro na reportagem (COMO SE..., 1954):

A brutalidade do “rugby” exige proteção especialmente para os ombros. Daí essa couraça, feita de couro, matéria plástica, borracha e algodão, que empresta ao jogador o aspecto de Frankenstein. A proteção se estende aos quadris, às nádegas, às coxas e joelhos. Embora a “canelada” esteja compreendida entre as vicissitudes do jogo, não é praticada com regularidade. Por isso, à caneleira é perfeitamente dispensável. O capacete é reforçadíssimo. Sem êle ninguém consegue jogar “rugby” um segundo sequer... (COMO SE..., 1954)

Nessa manchete, o jornalista se depara com os equipamentos necessários a prática do futebol americano e os descreve com facilidade. A importância dos mesmos ocasionou a inviabilização da não utilização. Entretanto, no início da diferenciação do futebol americano perante o *rugby* os equipamentos ainda não eram vistos como obrigatórios. Inclusive, as ombreiras e as calças acolchoadas surgiram antes da ideia da utilização dos capacetes. No século XIX, data-se que o primeiro uso de equipamentos na área da cabeça visava proteger as orelhas, como em uma luta greco-romana, e não voltados a proteção do cérebro dos jogadores. Prejudicando constantemente a saúde dos participantes da modalidade esportiva e ocasionando inúmeras mortes cerebrais pelas colisões de jogadores.

Nos anos de 1920 a 1930, a tecnologia foi cada vez mais se aprimorando e os equipamentos ganharam novas modificações para seu uso no campo esportivo. A resistência dos aparelhos passou a ser maior, os capacetes evoluíram com o acréscimo das grades facilitando a proteção do rosto e as proteções deixaram de ser costuradas diretamente nas roupas. Não obstante, nem todos esportistas receberam essas mudanças positivamente. Somente em 1939, a National Collegiate Athletic Association (NCAA), que era a associação que organizava a maioria dos programas de esporte universitário nos Estados Unidos, estipula a obrigatoriedade do uso de capacetes no ambiente universitário. Posteriormente, a NFL abarca o mesmo em 1943, sinaliza Curti (2017).

Houve um longo processo na adaptação dos equipamentos do futebol americano desde a sua formação. Almejando a melhor proteção, o melhor material, o menor impacto, a mais absorção, o melhor designer, a maior leveza e a maior praticidade. Uma das

companhias que mais contribuíram com a saúde dos jogadores, apresentando equipamentos eficazes e revolucionários, foi a Companhia Riddell que faturou milhões durante décadas com suas ideias no campo esportivo. Atualmente, os capacetes na NFL são excelentes pela absorção do impacto, moldando-se ao jogador e há presença de sensores medindo o impacto de cada colisão, exemplifica Kassabian (2021). A respeito dos equipamentos, observamos a notícia do jornal *A Gazeta Esportiva* de São Paulo em 1955 (IRÃO, 1955):

Estes estranhos personagens que vemos nesta foto não pertencem a nenhuma astronave interplanetária. São eles os elementos da peça defensiva do quadro de futebol americano da Universidade de Bucknell envergando uma nova concepção em trajes amortecedores de choques tão comuns nesta viril modalidade esportiva. (IRÃO..., 1955, p. 13)

Há um certo estranhamento pelos equipamentos utilizados por um time de *football* quando o jornalista se questiona dos estranhos personagens que estão na foto. O autor esclarece que os mesmos não pertencem a astronaves interplanetárias, apontando seu espanto. Esse estranhamento torna-se totalmente compreensível pelo desconhecimento do esporte no Brasil na década de 1950, haja vista o futebol americano ser conhecido principalmente por filmes estrangeiros que retratam o esporte. No futebol brasileiro, os equipamentos necessários são chuteiras, caneleiras, luvas de goleiro, meias altas e um uniforme leve, fica claro que os custos são menores. Em relação ao futebol americano, são necessários nesse período capacetes com grades, calças acolchoadas, joelheiras, amortecedores acolchoados na barriga e entre outros. Nota-se uma nítida diferença dos equipamentos necessários para a prática dos esportes.

Na reportagem do jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro de 1952 sobre a popularidade do futebol americano no mundo, o autor expõe que possivelmente jamais o esporte da bola oval sairá dos Estados Unidos, pelo fato de ser dispendioso comparado ao *soccer* e que a quantidade de dinheiro, apenas para os uniformes, onerava consideravelmente os times. De acordo com essa reportagem (A POPULARIDADE..., 1952), o *soccer* nunca seria popular nos Estados Unidos, analisando que a cultura estadunidense não via importância no desenvolvimento desse esporte e que o futebol americano seria popular somente no seu país. Ressalta (A POPULARIDADE..., 1952): “O ‘soccer’, o esporte nacional de umas 40 nações, foi várias vezes sugerido como um substituto para o futebol americano nos momentos em que neste esporte ocorriam verdadeiras séries de acidentes graves e até mortes.”. Em seguida, o autor (A POPULARIDADE..., 1952) critica a violência do *football*, argumentando que mesmo

sendo a preferência dos estadunidenses, o *soccer* era maior pelas 40 outras nações que o incluíram.

Após esclarecer o desdém pelo futebol americano, valorizando o futebol que era mais popular no Brasil, o autor (A POPULARIDADE..., 1952) informa que o esporte da bola oval quase não é praticado em outros países, sendo ínfimo quando comparado ao *soccer*. Em adição, o autor (A POPULARIDADE..., 1952) se volta ao custo dos equipamentos e dos uniformes para manter um time de *football*, considerando exorbitante frente ao *soccer*. Ademais, a quantidade de jogadores para uma partida do esporte da bola oval é quase o quádruplo que no futebol popular do Brasil. Assegura (A POPULARIDADE..., 1952): “George Lawson, o conhecido ‘manager’ da equipe do Colégio Muhlenberg, preparou uma estatística das despesas de sua equipe na temporada dêste ano e chegou à conclusão que dispendeu 7.000 dólares sòmente em roupas para os jogadores.”. Em seguida, acrescenta que somente em tinturaria gastou 1.000 dólares e em escudos para os times mais 758 dólares, para exemplificar sua opinião de um esporte dispendioso.

Talvez o custo do futebol americano seja uma das razões que impedem a sua popularidade em outras terras. Durante a temporada de 1952, as diversas equipes gastaram pelo menos 120 dólares por jogador, sòmente em roupa e equipamento, e cada “team” colegial tem pelo menos 40 jogadores. (A POPULARIDADE..., 1952)

Pretendendo valorizar o nacional brasileiro, por meio das comparações feitas durante a reportagem entre o *football* e o *soccer*, o autor (A POPULARIDADE..., 1952) a todo momento desdenha do esporte da bola oval pela não inclusão nas outras nações do esporte mais popular dos Estados Unidos, grande potência mundial na época, e ressalta que os custos do futebol americano são exagerados para a sua atividade. A preferência do futebol no Brasil, pode ser observada através dos comentários do jornal *Correio da Manhã* (A POPULARIDADE..., 1952), que defende a simplicidade dos custos do futebol.

Comparadas com as despesas do futebol inglês, que exige de seus jogadores um uniforme relativamente barato, as despesas de uma equipe de futebol americano são astronômicas. Esta é a razão por êsse esporte se limita às fronteiras dos Estados Unidos e, provàvelmente, delas jamais sairá. (A POPULARIDADE..., 1952)

É fundamental ressaltar que há um abismo de inúmeros equipamentos, geralmente caros, que servem para cumprir os requisitos e zelar pela segurança dos jogadores em um esporte que as colisões são diversas. A praticidade do futebol brasileiro, advento a simplicidade para a atuação dos jogadores, demonstra uma sofisticação do estadunidense pelo preço dos inúmeros recursos para a sua prática. Fica notório que a prática do futebol

americano requer recursos financeiros maiores comparado a outros esportes como o futebol, o basquetebol, o vôlei, a corrida, a natação, o handebol, entre outros que não necessitam de inúmeros equipamentos custosos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das deliberações da dissertação, fica claro que as reportagens redigidas pelos jornalistas de grandes jornais e revistas brasileiras retratavam o futebol americano com um olhar tendencioso a valorização da identidade nacional brasileira frente a identidade nacional estadunidense. Referente ao questionamento iniciado em como a representação do futebol americano pelos jornais e pelas revistas brasileiras poderia ter refletido no contraste entre as identidades nacionais do Brasil e dos Estados Unidos da época ter sido desmembrada para o melhor entendimento da pesquisa. Em acréscimo, os debates político-ideológicos do período contribuíram para a formação das opiniões brasileiras diante ao estranhamento do estrangeiro pela sua cultura esportiva e suas tradições serem diferenciadas ao que estavam acostumados, além dos Estados Unidos no contexto mundial estar em grande evidência.

É inegável que o contexto histórico perpassou as análises esportivas, não podendo ser dissociado do futebol. Nas reportagens dos jornais e das revistas brasileiras, o olhar ao estadunidense era carregado por muitas vezes de preconceitos, distanciamento, estranhamento, desconhecimento, deboche, estereótipos, antiamericanismo, entre outros aspectos que demonstravam a valorização da identidade nacional brasileira. Ademais, a presença de tensões políticas no contexto internacional que dificultavam a simpatia dos brasileiros com os estadunidenses, sem os investimentos estrangeiros a possibilidade do desenvolvimento econômico do Brasil recaía consideravelmente nas estatísticas econômicas. Ora o governo vigente estava aberto a economia estrangeira, ora irreverente a intervenção. Oscilando as tensões diplomáticas nos anos de novembro de 1945 a fevereiro de 1964.

O Brasil no início de 1945 estava passando por uma transição democrática de um Estado Novo para um regime de democracia-liberal. Com a deposição de Getúlio Vargas da presidência, assume por eleições Eurico Gaspar Dutra que se alinha com a política dos Estados Unidos cortando os laços com a União Soviética. O contexto brasileiro apresentava inúmeras mobilizações de greve dos trabalhadores e reivindicações de diversos sindicatos, gerando novas conquistas adquiridas pela população nessa época. Vale ressaltar a importância do movimento queremista na luta dos trabalhadores, sendo visível que o apoio dos sindicalistas proporcionou incontáveis votos populares para as próximas eleições.

Com o Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek, com durabilidade de cinco anos, houve a construção da Capital Federal, de hidrelétricas, de ferrovias, do investimento no setor industrial, do investimento na marinha e na ampliação de estaleiros. Nesse período, a economia brasileira cresceu exponencialmente, atingindo dados inimagináveis pelo curto espaço de tempo apresentado. Contudo, a inflação caminhou junto desse aumento do desenvolvimento econômico brasileiro, pois os gastos governamentais geraram um déficit de 193,6 bilhões de cruzeiros. O presidente seguinte, Jânio Quadros, que assume a presidência em 1961, acabara por herdar um país falido, resultando em um governo conservador e na desvalorização da moeda do Brasil em 100% comparada a moeda dos Estados Unidos. É pertinente elencar que o período de novembro de 1945 a fevereiro de 1964 representou inúmeras conturbações econômicas e políticas para os brasileiros.

O cenário dos Estados Unidos, saindo vitoriosos após a Segunda Guerra Mundial, e defendendo a todo custo a contenção do comunismo nos países aliados, forneceu apoio político em determinados anos aos brasileiros e investimentos financeiros que resultaram posteriormente no aumento do déficit público do Brasil pelas administrações vigentes. Inicialmente, a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos aproximou as duas nações, visto que o Brasil necessitava do capital estrangeiro para investimentos em prol da ascensão do seu desenvolvimento econômico e os Estados Unidos almejavam explorar as reservas energéticas brasileiras, como assegura Bandeira (2021). Todavia, a importância de uma nação para a outra foi desproporcional, haja vista, os estadunidenses estarem com melhores índices de desenvolvimento econômico. Ademais, a governabilidade de Getúlio Vargas sendo comprometida devido as dívidas que arrecadou, tendo o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico excedendo suas capacidades financeiras.

Após o fracasso financeiro da Comissão Mista, era nítido que o Brasil necessitava de políticas que valorizassem o nacional frente ao internacional. Por isso, Getúlio Vargas distanciou os Estados Unidos em meados de 1953 pela Lei nº 2.004 visando a instituição do monopólio estatal do petróleo brasileiro e a elaboração da Instrução 70, restringindo os privilégios do capital estrangeiro. As diferenças entre os dois países tenderiam a se agravar no período presidencial de Juscelino Kubitschek, quando o Plano de Metas estaria em risco pela falta do capital estrangeiro e o preço do café ter sido agravado no exterior. A criação da Operação Pan-americana estava de acordo com o inconformismo brasileiro das condições para o financiamento dos Estados Unidos na economia, acirrando ainda mais os ânimos. Além do período de desconfiança dos estadunidenses perante a

governabilidade de Jânio Quadros, na qual estabeleceu relações com qualquer nação, seja ela comunista ou não. Com essa atitude, resultou no afastamento estrangeiro nos anos subsequentes a 1961.

A todo momento, há a valorização da identidade nacional do Brasil, quando os comentários esportivos ridicularizavam, distanciavam e debochavam do esporte estadunidense. A contribuição do espetáculo de 1954 enriqueceu nosso acervo pela quantidade de notícias escritas, ocasionando diversos relatos contrários ao esporte ou na escassez de admiração cultural perante os Estados Unidos. O primeiro contato com o *football*, devido ao fato de muitos brasileiros estarem acostumados apenas as retratações do cinema Hollywoodiano, permitiu análises diversas e aprofundadas em detrimento das representações esportivas apontadas pelos brasileiros. A falta de entendimento da modalidade esportiva pelo desconhecimento cultural dos Estados Unidos e dos comentários jornalísticos, proporcionou que a alteridade fosse posta em questão na dissertação.

Por seguinte, o antiamericanismo retratado durante os comentários esportivos nas reportagens brasileira entre novembro de 1964 a fevereiro de 1965, fornecem a reflexão do questionamento dos debates políticos-ideológicos para a dissertação. Fica evidente que, o estranhamento aos Estados Unidos era notório pelas oscilações das tensões políticas estabelecidas entre os brasileiros e os estadunidenses. Em acréscimo, a alteridade presente no distanciamento da nação brasileira da nação estadunidense, abriu brecha para inúmeros comentários jornalísticos projetados pela forma de avaliação do futebol americano. Na medida que o futebol brasileiro expressaria a identidade nacional do Brasil, o futebol americano expressaria a identidade nacional dos Estados Unidos. Sendo o esporte, uma forma de manifestação de uma cultura.

Estruturar um estudo voltado ao futebol americano no Brasil se torna conturbado em virtude da escassez de fontes historiográficas direcionadas para esse assunto. Portanto, analisar o futebol americano em contraponto ao futebol brasileiro nos auxilia na melhor elaboração do tema durante a dissertação, dando ênfase que o que se fala comparativamente sobre o futebol se fala sobre o futebol americano. Como assinala a importância de um esporte por Negreiros (2003):

A importância que o futebol conquistou dentro da sociedade brasileira, não permite mais que ele seja ignorado enquanto um objeto para os estudos históricos. Os vínculos que a sociedade brasileira construiu com esse esporte são por demais fortes para que se continue a desqualificar o futebol enquanto uma experiência cultural das mais significativas. (NEGREIROS, 2003, p. 122)

O intuito da preferência pelo estudo de um dos esportes mais praticados no Estados Unidos se encontra na busca pela quebra do preconceito, do antiamericanismo e do estranhamento perante o estrangeiro. Com o crescimento exponencial da *National Football League* (NFL), existe o espaço necessário para o desenvolvimento de estudos voltados a liga esportiva de futebol americano. É possível notar que os Estados Unidos apresentam diversas outras ligas como o *hockey*, *baseball* e *basketball* (NHL/ MLB/ NBA), sendo a mais popular a NFL com o faturamento chegando na casa dos 10 bilhões de dólares por ano. É pertinente ressaltar que o esporte não apresenta fronteiras, logo, cultivar esse estranhamento pelo *football* torna-se infundável à medida que a maioria das modalidades esportivas criadas foram acolhidas por diversos países que abarcaram suas táticas e proliferaram sua atividade.

## REFERÊNCIAS

- 60 mil pessoas aplaudiram a banda feminina de Miami: Demonstração de ontem no Pacaembu – Evoluções da banda Feminina da “Jackson High School de Miami” – No jogo de “Rugby” os brancos bateram os verdes por 27 a 13. **Diário da Noite**, São Paulo, ano 1954, 5 jul. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093351/31594> Acesso em: 20 jun. 2022.
- A ABERTURA das festividades: tem a sua emoção. **Diario da Noite**, Rio de Janeiro, ano 1954, p. 1-7, 12 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/221961\\_03/34872](http://memoria.bn.br/DocReader/221961_03/34872) Acesso em: 21 jun. 2022.
- A IMPORTANCIA da campanha da Italia para a vitória final. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 1-8, 30 nov. 1944. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/090972\\_09/21404](http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/21404) Acesso em: 13 jun. 2022.
- A POPULARIDADE do "futebol americano": Possivelmente jámais sairá dos Estados Unidos – Muito dispendioso em relação ao “soccer” - Sete mil dólares somente em uniformes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 1952, n. 18.335, 28 dez. 1952. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_06/23030](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/23030) Acesso em: 8 fev. 2023.
- ABOLIÇÃO do futebol americano das escolas superiores. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 1946, n. 7404, p. 1, 13 dez. 1946. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_02/30974](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/30974) Acesso em: 18 dez. 2022.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. 1983
- ALABARCES, Pablo. Maradona: mito popular, símbolo peronista, voz plebeya. *Papeles del CEIC*, Buenos Aires, p. 1-12, fev. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-Maradona-7888354.pdf> Acesso em: 17 out. 2022.
- AS ORELHAS ardem. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 07.980, p. 1-12, 13 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092\\_04&pesq=%22Futebol%20Americano%22&pasta=ano%20195&pagfis=24417](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_04&pesq=%22Futebol%20Americano%22&pasta=ano%20195&pagfis=24417) Acesso em: 20 setembro 2020.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil-Estados Unidos: A rivalidade emergente (1950-1988)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. Disponível em: <https://osirredentosblog.files.wordpress.com/2015/12/brasil-eua-moniz-bandeira.pdf> Acesso em: 23 dez. 2022.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta. A construção da identidade nacional brasileira. **História em Reflexão**, Campinas, v. 8, n. 15, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/3354/1824> Acesso em: 19 jan. 2023.
- BARROSO, Márcia Regina Castro. Identidade, comunidade e nação: alteridade e exclusão em debate. **Revista de História**, Rio de Janeiro, p. 147-155, ano 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/28209/16732> Acesso em: 29 dez. 2022.

BELAS e feras em nova versão. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 1381, 12 jul. 1954. 2, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_01/16377](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/16377) Acesso em: 17 dez. 2022.

BELEZA e violência no maracanã. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 1954, p. 1, 17 dez. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/7667> Acesso em: 17 dez. 2022.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Identidade e alteridade na história da formação sociocultural brasileira. **Revista Expedições**, [s. l.], ano 2013, v. 4, n. 2, p. 124-147, 1 dez. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/2098-Texto%20do%20artigo-6989-1-10-20140201%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/2098-Texto%20do%20artigo-6989-1-10-20140201%20(2).pdf) Acesso em: 27 dez. 2022.

BLANCHARD, o melhor jogador de futebol americano: O maior astro esportivo da América do Norte. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 1946, p. 1-6, 8 jan. 1946. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718\\_02&pagfis=26185](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pagfis=26185) Acesso em: 7 fev. 2023.

“CATCH” – CONFLITO – LUTA LIVRE. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 1381, 12 jul. 1954. 2, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/154083\\_01/16377](http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/16377) Acesso em: 8 fev. 2023.

CANEDO, Daniele. “Cultura e o quê?” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V **ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, ano 2009, p. 1-14, 27 maio 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353> pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, ano 2005, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860011> pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

COMO se faz um “monstro”. **Manchete**, Rio de Janeiro, 24 jul. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/7731> Acesso em: 7 jun. 2022.

CORRÊA, Larissa Rosa. A “Greve dos 700 mil”: negociações e conflitos na justiça do trabalho – São Paulo, 1963. **História Social**, Campinas, nº 14/15, p. 219-236, 2008. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/135/128> Acesso em: 7 dez. 2022.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, pág. 173-191, 1991. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 30 setembro 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: [s. n.], 1999. 1-255 p. ISBN 8586259594.

CURTI, Antony. **Manual do futebol americano**. 1. ed. São Paulo: ActionBooks, 2017.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano**: O tempo da experiência democrática. 9. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

DO MEU arquivo... **O Estado de Florianópolis**, Santa Catarina, ano 1949, p. 1-6, 23 dez. 1949. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/884120/60147> Acesso em: 7 fev. 2023.

ESPORTE – Rei das universidades americanas: O futebol americano e sua influência na América do Norte – Seus grandes casos – Suas curiosidades – O que é preciso para ser bom jogador – Lançado ao mundo.... **A Manhã**, Rio de Janeiro, ano 1953, p. 1-11, 10 jan. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/61367> Acesso em: 7 fev. 2023.

ESTÃO morrendo os jogadores de futebol nos Estados Unidos: Violento o desporto preferido dos americanos. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 1946, p. 1-15, 12 dez. 1946. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/103730\\_07/29795](http://memoria.bn.br/docreader/103730_07/29795) Acesso em: 7 fev. 2023.

FARES, Seme Taleb. Antiamericanismo e política externa: o caso do Brasil sob o paradigma desenvolvimentista. In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2011, 3, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, p.1-16. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000122011000300045&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000122011000300045&lng=en&nrm=abn) Acesso em: 30 setembro 2020.

FERNANDES, Luiz Estevam; KARNAL, Leandro; MORAIS, Marcus Vinícius de; PURDY, Sean. **História dos Estados Unidos**: das origens do século XXI. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6816843/mod\\_resource/content/1/HISTORIA\\_DOS\\_ESTADOS\\_UNIDOS%5B1%5D.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6816843/mod_resource/content/1/HISTORIA_DOS_ESTADOS_UNIDOS%5B1%5D.pdf) Acesso em: 22 dez. 2022.

FERREIRA, Jorge. **A democracia no Brasil (1945-1964)**. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Túlio Sérgio Henriques. **O antiamericanismo de Catedrã**: Desenvolvimento e Nacionalismo no Brasil. Orientador: Antônio Carlos Lessa. 2012. 228 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11459/1/2012\\_TulioSergioHenriquesFerreira.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11459/1/2012_TulioSergioHenriquesFerreira.pdf) Acesso em: 29 dez. 2022.

FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5. ed. [S. l.]: Mauad, 2003. 360 p. ISBN 8574780960 9788574780962.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, ano 2009, v. 1, ed. 1, p. 115-126, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/3002-Texto%20do%20artigo-6719-1-10-20100617.pdf> Acesso em: 15 nov. 2022.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; SALOMÃO, Ivan Colangelo. O sentido histórico do desenvolvimentismo e sua atualidade. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio Grande, 2017, p. 1-20, 7 out. 2020. Acesso em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-98482017000200205&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-98482017000200205&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 7 outubro 2020.

FRAGA, G. W. Onde os jacarés não andam pelas ruas: a imprensa e os motivos da realização da copa do mundo de 1950 no brasil. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 20, p. 145-156, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23727>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FUTEBOL americano: a jogada demora somente dez segundos: Detalhes curiosos do popular esporte dos Estados Unidos – Como se perde o controle da bola durante o jogo. **Diário da Noite**, São Paulo, ano 1956, p. 1, 23 out. 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093351/41258> Acesso em: 7 fev. 2023.

FUTEBOL mata estudantes em Nova York. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano 1963, n. 13.001, 23 out. 1963. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/110523\\_06/31383](http://memoria.bn.br/docreader/110523_06/31383) Acesso em: 7 jun. 2022.

GARBO e beleza entre as americanas. Seis balizas americanas seis “brotos” infernais... **A Cigarra**, São Paulo, ano 1954, set. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/55146> Acesso em: 20 jun. 2022.

GOMES, Angela de Castro. **História do Brasil Nação: 1808-2010: Olhando Para Dentro: 1930-1964**. São Paulo: Editora Objetiva, 2013.

GOMES, Nathalia Candido Stutz. A Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico (CMBEU) (1951-1953) à luz do Programa Ponto Quatro (1949) do governo Truman. **Carta Internacional**, Belo Horizonte, v. 17, nº 1, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1195/884> Acesso em: 22 dez. 2022.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 55.

INDENIZAÇÃO Fabulosa Para um craque norte-americano. **O Dia**, Paraná, ano 1957, p. 1-11, 13 fev. 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/092932/91997> Acesso em: 7 fev. 2023.

INSTRUÇÕES DA A.D.E.M: Venda antecipada de ingressos para domingo – Escala de fiscais e do pessoal do quadro móvel, para o jogo de amanhã. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 1954, 9 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/33593](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/33593). Acesso em: 21 jun. 2022.

INTERÊSSE pela exibição do Miami Jackson School: Como é praticado o futebol americano, que veremos domingo no Maracanã. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 1954, p. 1-2, 9 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/33594](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/33594) Acesso em: 21 jun. 2022.

IRÃO jogar na lua? **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, ano 1955, n. 9086, p. 1-13, 19 set. 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=104140&pesq=%22Futebol%20Americano%22&pasta=ano%20195&pagfis=2061> Acesso em: 21 setembro 2020.

JOGO que está despertando grande interesse. **Jornal do Commercio**, Amazonas, ano 1954, p. 1-4, 16 ago. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/170054\\_01/53805](http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/53805) Acesso em: 20 jun. 2022.

JÔGO perigoso. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 1963, p. 1-7, 2 nov. 1963. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/089842\\_07/45486](http://memoria.bn.br/docreader/089842_07/45486) Acesso em: 7 jun. 2022.

KASSABIAN, Victor. **Guia do Futebol Americano**. 1. ed. 2021.

KATZENSTEIN, Peter J. e KEOHANE, Robert O. (Eds.). *Anti-Americanisms in World Politics*. Nova York: Cornell Paperbacks, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Anti-Americanisms.pdf> Acesso em: 22 dez. 2022

KONRAD, Diorge Alceno; LAMEIRA, Rafael Fantinel. Campanha da Legalidade, Luta de Classes e Golpe de Estado no Rio Grande do Sul (1961-1964). **Anos 90**, Santa Maria, v. 18, ed. 33, p. 667-98, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/23249/18242> Acesso em: 21 dez. 2022.

LASSANCE, Antônio. O Plano Marshall: Uma abordagem atual à formulação, ao desenho e à coordenação de políticas públicas e programas governamentais. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasília, p. 1-62, ano 2021. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10626/2/TD\\_2661.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10626/2/TD_2661.pdf) Acesso em: 23 dez. 2022.

LAURENCE, Albert. A nota internacional: do “football americano” ao “rugby” e ao “soccer”, uma mesma lição. **Última Hora**, Rio de Janeiro, ano 1954, p. 1-8, 14 jul. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/19598> Acesso em: 21 jun. 2022.

LEMBRANDO... **O Estado de Florianópolis**, Santa Catarina, ano 1958, p. 1-7, 30 dez. 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/884120/81025> Acesso em: 7 fev. 2023.

LOURENÇO, Rafael de Oliveira. A representação do futebol enquanto fenômeno cultural e político na cobertura da Copa do Mundo 2010. **7o. Interprogramas de Mestrado**, [s. l.], ano 2011, p. 11. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/Rafael-de-Oliveira-Louren%C3%A7o.pdf> Acesso em: 22 dez. 2022.

MACHADO, Weslei Miguel Lima. **A importância do Plano de Metas para o desenvolvimento da indústria pesada no Brasil**. Orientador: Wilson Vieira, 2019. 48 f. Monografia (Bacharelado em Economia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11833/1/WMLMachado.pdf> Acesso em: 20 dez. 2022.

MAJORETES e “Football” Americano no maracanã. **O Jornal da Semana**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 66, 17 dez. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/100331/2584> Acesso em: 17 dez. 2022.

MOURA, Gerson. **O alinhamento sem recompensa: a política externa do governo Dutra**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6613/792.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 23 dez. 2022.

MOUTINHO, Francisco Jacques de Figueiredo. **O Assassinato de John F. Kennedy: Representações na Imprensa Portuguesa e Brasileira**. Orientador: Maria da Conceição Coelho de Meireles Pereira. 2022. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade do Porto, 2022. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/142979/2/573108.pdf> Acesso em: 19 jan. 2023.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional**. Curitiba: Editora UFPR, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2727> Acesso em: 21 setembro 2020

NEVES, Maria do Céu Patrão. Alteridade deveres fundamentais: uma abordagem étnica. **Direitos Fundamentais e Alteridade**, Salvador, ano 2017, v. 1, n. 1, p. 69-86. DOI 2595-0614. Disponível em: <https://periodicos.ucsal.br/index.php/direitosfundamentaisealteridade/article/view/429/348> Acesso em: 17 abr. 2023.

O CARIOCA tomou uma lição de futebol americano. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 1381, p. 1-4, 12 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_01/16380](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/16380) Acesso em: 17 dez. 2022.

O RUGBY, o inocente futebol americano. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 14755, p. 1-7, 12 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_05/25305](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/25305) Acesso em: 17 dez. 2022.

O “RUGBY” visto pelos brasileiros. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 118, p. 1, 24 jul. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/7731> Acesso em: 18 dez. 2022.

PACHECO, Flavio Gibim. **Industrialização sob o governo Juscelino Kubitschek: Plano de Metas e seus impactos na economia brasileira**. Orientador: Luiz Roberto Cunha. 2010. 60 f. Monografia (Bacharel em Economia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [https://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Flavio\\_Gibim\\_Pacheco.pdf](https://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Flavio_Gibim_Pacheco.pdf) Acesso em: 20 dez. 2022.

PACHECO, Joice Oliveira. Identidade cultural e Alteridade: problematizações necessárias. **Revista Spartacus**, p. 1 -11. Disponível em: <https://silo.tips/download/identidade-cultural-e-alteridade-problematizacoes-necessarias> Acesso em: 12 out. 2020.

PEARSON, Drew. Carrossel no Mundo: Aliança em câmera lenta. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 1962, p. 1-64, 11 ago. 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=144503> Acesso em: 7 fev. 2023.

“PELADA” em Bangu. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 1963, n. 10526, p. 1-7, 4 set. 1963. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/112518\\_03/15622](http://memoria.bn.br/docreader/112518_03/15622) Acesso em: 17 dez. 2022.

QUADRO Negro da Rodada. **Mundo Esportivo**, São Paulo, ano 1952, n. 00396, p. 1-15, 4 nov. 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=119598&pesq=%22Futebol%20Americano%22&pasta=ano%20195&pagfis=6277> Acesso em: 21 setembro 2020.

RUGBY, a atração de domingo: No Maracanã, a exibição da equipe de Rugby da Miami Jackson School – Um “show” no intervalo do jogo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 1954, 9 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_06/37964](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/37964) Acesso em: 21 jun. 2022.

"RUGBY"... Mas aplaudiram, calorosamente a rapaziada da “Jackson High School”, de Miami, (Flórida, USA). **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 1954, 24 jul. 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/7730> Acesso em: 7 jun. 2022.

SENSACIONAL no Maracanã: Um futebol diferente, que empolgará a nossa torcida brasileira – Renhida peleja entre equipes da “Miami Jackson School” – Violência e astúcia. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 1954, p. 1, 11 jul. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/33675](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/33675) Acesso em: 21 jun. 2022.

TARDE americana no Maracanã. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 1954, n. 1381, 12 jul. 1954, 2, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/154083\\_01/16382](http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/16382) Acesso em: 8 fev. 2023.

TEM a sua emoção. **Diario da Noite**, Rio de Janeiro, ano 1954, p. 1-7, 12 ago. 1954. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/221961\\_03/34872](http://memoria.bn.br/docreader/221961_03/34872) Acesso em: 17 dez. 2022.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. Porto Alegre, ano 2001, v. n. 15, p. 7-23, 9 out. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6609/3932> Acesso em: 9 out. 2020.

THORMES, Jacinto de. O que é "objective reporting". **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, ano 1963, 10 set. 1963, 2, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/90227> Acesso em: 8 fev. 2023.

VILLA, Marco Antonio. **Jango: um perfil (1945-1964)**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=RensdGWa0CUC&oi=fnd&pg=PA11&dq=governo+do+Jango%5C&ots=JphUdBw9Ql&sig=hgl\\_fgb\\_hunJwx6RUck4EELBKEg#v=onepage&q=governo%20do%20Jango%5C&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=RensdGWa0CUC&oi=fnd&pg=PA11&dq=governo+do+Jango%5C&ots=JphUdBw9Ql&sig=hgl_fgb_hunJwx6RUck4EELBKEg#v=onepage&q=governo%20do%20Jango%5C&f=false) Acesso em: 22 dez. 2022.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3513  
E-mail: [propesq@pucrs.br](mailto:propesq@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)